



PROFHISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ENSINO DE HISTÓRIA

ALINE LUCIMAR DOS SANTOS ALVES

**DESVENDANDO IDENTIDADES LOCAIS: O ENSINO DE HISTÓRIA E A ESCOLA
EUCLYDES FIGUEIREDO NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE PARAUAPEBAS -
PA (1984-2024)**

XINGUARA - PA

2025

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA)
INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO – IETU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA -
PROFHISTÓRIA

ALINE LUCIMAR DOS SANTOS ALVES

DESVENDANDO IDENTIDADES LOCAIS: O ENSINO DE HISTÓRIA E A ESCOLA
EUCLYDES FIGUEIREDO NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE PARAUAPEBAS - PA
(1984-2024)

XINGUARA - PA

2025

ALINE LUCIMAR DOS SANTOS ALVES

**DESVENDANDO IDENTIDADES LOCAIS: O ENSINO DE HISTÓRIA E A ESCOLA
EUCLYDES FIGUEIREDO NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE PARAUAPEBAS – PA
(1984-2024)**

LINHA DE PESQUISA: Saberes Históricos em Diferentes Espaços de Memória

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA –Campus de Xinguara) como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

Orientador: Professor Dr. Bruno Silva

XINGUARA - PA

2025

ALINE LUCIMAR DOS SANTOS ALVES

**DESVENDANDO IDENTIDADES LOCAIS: O ENSINO DE HISTÓRIA E A ESCOLA
EUCLYDES FIGUEIREDO NA CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE PARAUAPEBAS - PA
(1984-2024)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA –Campus de Xinguara) como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ensino de História.

Linha de pesquisa: Saberes históricos em diferentes espaços de memória.

Data da aprovação: Xinguara, 27 de agosto, de 2025.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Bruno Silva
Orientador (PROFHISTORIA/UNIFESSPA – XINGUARA)

Prof.^a Dra. Mara Regina do Nascimento
Examinadora externa (UFSM)

Prof.^a Dra. Regina Célia Corrêa Batista
Examinadora interna (UNIFESSPA - XINGUARA)

Prof. Dr. André Carlos Furtado
Examinador interno (PROFHISTORIA/UNIFESSPA - XINGUARA)

XINGUARA - PA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Centro de Biblioteca Universitária

A474d ALVES, Aline Lucimar dos Santos
Desvendando identidades locais: o Ensino de
História e a escola Euclides Figueiredo na construção
da cidade de Parauapebas - PA (1984-2024) / Aline
Lucimar dos Santos ALVES. – 2025.

Orientador(a): Bruno SILVA.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Sul
e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Xinguara,
Instituto de Estudos do Trópico Úmido, Programa de Pós-
Graduação Profissional em Ensino de História, Xinguara,
2025.

1. Ensino de História. 2. Cultura Escolar. 3.
Parauapebas. I. SILVA, Bruno, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 907

Gerada automaticamente pelo módulo Ficha Fácil, conforme os dados
fornecidos pelos(as) autores(as).

Dedico este trabalho a todos os alunos, professores, gestores, funcionários e demais membros da comunidade escolar que, ao longo das décadas, construíram e continuam a construir, cotidianamente, trajetórias marcadas por desafios, conquistas e significados que ultrapassam os muros da instituição.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela oportunidade de concluir este trabalho, mesmo diante de tantas adversidades. À minha família, expresso profunda gratidão por todo o apoio ao longo desta caminhada, em especial a Davi Ulicer, meu companheiro de vida, que sempre esteve ao meu lado, assumindo com generosidade o cuidado com nosso filho e compreendendo minhas frequentes ausências ao longo desses dois anos e meio. À minha tia Raimunda Saraiva, que cuidou com tanto amor do meu filho nos momentos em que precisei estar ausente; aos meus pais, Zeneide e Cláudio Alves, que incansavelmente lutaram para que eu pudesse alcançar uma formação; às minhas irmãs, Alessandra Alves e Ana Cláudia Alves; e ao meu filho, Otto Alves, que é, diariamente, meu maior combustível e inspiração.

Não poderia deixar de agradecer ao meu orientador, professor Dr. Bruno Silva, que sempre demonstrou imensa responsabilidade afetiva em cada encontro de orientação. Suas palavras de incentivo foram verdadeiros estímulos para que eu seguisse adiante, especialmente nos momentos em que o desânimo se fazia presente diante de tantos percalços.

Agradeço à CAPES pelo financiamento concedido durante todo o curso, bem como a todo o corpo docente da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), campus Xinguara, que tão generosamente compartilhou seus conhecimentos com a turma de 2023. Às minhas companheiras de turma — Jakeline Barbosa, Malena Moreira, Adriana Mendes e Norvinda Alves — manifesto meu reconhecimento pela parceria, pelas trocas enriquecedoras e pelo constante suporte mútuo ao longo desta jornada.

Ressalto, ainda, meu amigo Gedeão Corpes, que me incentivou a realizar a prova do mestrado, bem como o saudoso Francisco Dênis, *in memoriam*, que me apresentou ao programa e insistiu para que eu estudasse para a seleção do ProfHistória. A eles, minha mais profunda gratidão. Estendo, também, meus agradecimentos a todos os meus amigos, que não consigo nomear individualmente, mas que sempre me incentivaram com palavras de otimismo e apoio incondicional, registrando aqui minha sincera gratidão.

Registro, igualmente, meus sinceros agradecimentos às pessoas que colaboraram diretamente com esta pesquisa, compartilhando seus relatos de forma tão sincera e, por vezes, profundamente emocionada. A partir de suas narrativas, foi possível trabalhar com as memórias construídas em torno da Escola General Euclides Figueiredo e compreender mais profundamente o significado que essa instituição assume na história individual e coletiva de tantos sujeitos. À própria Escola Euclides Figueiredo, que abriu suas portas e permitiu o

desenvolvimento deste trabalho, desdobro minha gratidão, reconhecendo-a como um espaço vivo de construção de saberes, memórias e pertencimentos.

Agradeço à banca examinadora, Dr. André Carlos Furtado, Dra. Regina Célia Corrêa Batista e Dra. Mara Regina do Nascimento, pela honrosa participação na avaliação desta pesquisa.

Aos meus alunos, que com suas perguntas, curiosidades e vivências cotidianas renovam meu entusiasmo pelo ensino e me desafiam a refletir continuamente sobre o papel da História na formação de cidadãos críticos e conscientes. São eles que, com seus olhares singulares, tornam o fazer docente um exercício permanente de aprendizado e reafirmam o sentido maior desta trajetória. A todos, deixo meu reconhecimento e afeto.

Dessa forma, concluo este trabalho com o coração pleno de gratidão e a convicção renovada de que educar é, acima de tudo, um ato de resistência.

“A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento.”

Ecléa Bosi

RESUMO

Esta dissertação investiga as relações entre Cultura Escolar, Memória e Ensino de História, tendo como foco a Escola Estadual General Euclides Figueiredo, localizada no município de Parauapebas, sudeste do Pará. Ao longo de suas quatro décadas de existência, a referida instituição consolidou-se não apenas como espaço de transmissão de saberes formais, mas como lugar privilegiado para a construção de memórias sociais e identidades locais, refletindo e ao mesmo tempo influenciando os processos históricos que conformaram a cidade. Fundamentada em referenciais teóricos de Dominique Julia, André Chervel, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Jacques Le Goff, entre outros, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, dialogando com as perspectivas da História Cultural e dos estudos da memória. Utilizou como procedimentos metodológicos a análise de documentos institucionais, questionários aplicados a estudantes do Ensino Médio e entrevistas com professores, ex-alunos e gestores, buscando evidenciar as tensões, permanências e rupturas que marcam a constituição da Cultura Escolar e da memória da instituição. Entre os objetivos, destacam-se: compreender como práticas pedagógicas, rituais e eventos escolares contribuem para a consolidação de uma identidade compartilhada; analisar como a escola atua como “lugar de memória” na dinâmica social de Parauapebas; e refletir sobre o papel do Ensino de História na formação de sujeitos críticos, conscientes de sua inserção histórica. Os resultados apontam que a Escola General Euclides Figueiredo, ao longo de sua trajetória, constituiu-se em um espaço simbólico de encontros, disputas e ressignificações, onde cultura, memória e história se entrelaçam na construção de sentidos coletivos que transcendem as fronteiras físicas da instituição.

Palavras-chave: Ensino de História; Cultura Escolar; Memória; Identidades; Parauapebas

ABSTRACT

This dissertation investigates the relationships between School Culture, Memory, and History Teaching, focusing on the Escola Estadual General Euclides Figueiredo, located in the municipality of Parauapebas, in southeastern Pará, Brazil. Over its four decades of existence, the institution has established itself not only as a space for the transmission of formal knowledge but also as a privileged site for the construction of social memories and local identities, both reflecting and influencing the historical processes that have shaped the city. Grounded in theoretical frameworks by Dominique Julia, André Chervel, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Jacques Le Goff, among others, the research adopts a qualitative approach, drawing on the perspectives of Cultural History and Memory Studies. The methodological procedures included the analysis of institutional documents, questionnaires applied to high school students, and interviews with teachers, former students, and administrators, aiming to highlight the tensions, continuities, and ruptures that mark the constitution of the school's culture and memory. The main objectives are: to understand how pedagogical practices, rituals, and school events contribute to the consolidation of a shared identity; to analyze how the school functions as a "site of memory" within the social dynamics of Parauapebas; and to reflect on the role of History Teaching in shaping critical individuals aware of their historical context. The findings indicate that, throughout its trajectory, Escola General Euclides Figueiredo has become a symbolic space of encounters, disputes, and reinterpretations, where culture, memory, and history intertwine in the construction of collective meanings that transcend the institution's physical boundaries.

Keywords: History Teaching; School Culture; Memory; Identities; Parauapebas.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Projeto: “O cantar do homem no tempo e no espaço.....	38
Figura 2 - Sessão solene na câmara de vereadores em homenagem aos 40 anos da Escola Estadual General Euclides Figueiredo.....	43
Figura 3 – Fachada da Escola Estadual General Euclides Figueiredo e da Escola Municipal Chico Mendes II.....	45
Figura 4 – Registro de conteúdo ministrados no diário do ano de 1988.....	58
Figura 5 – Registro de conteúdo ministrados no diário do ano de 1990.....	59
Figura 6 – Registro de conteúdo ministrados no diário do ano de 2005.....	60
Figura 7 - Registro de conteúdo ministrados no diário do ano de 2014.....	62
Figura 8 - Estudantes do 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual General Euclides Figueiredo, durante a atividade de construção das cartas do jogo <i>Desvendando Parauapebas</i> (Anexo C).....	121
Figura 9 – Estudantes do 1º ano do Ensino Médio, da Escola Estadual General Euclides Figueiredo, registrando ideias para o jogo <i>Desvendando Parauapebas</i> (Anexo C).....	121

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CVRD – Companhia Vale do Rio Doce

DRE – Diretoria Regional de Ensino

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAP – Feira Agropecuária de Parauapebas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LDB – Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional

PPP – Projeto Político Pedagógico

PFC – Projeto Ferro Carajás

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

UNIFESSPA – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 CULTURA ESCOLAR E MEMÓRIA: INTERFACES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	22
1.1 Cultura Escolar: um objeto de análise.....	22
1.2 Memória e História: tensões, aproximações e distanciamento	27
1.3 Ensino de História: a escola como espaço de produção de saberes históricos.....	34
1.4 Memória e pertencimento: os 40 anos da Escola Euclides Figueiredo entre celebrações e disputas simbólicas.....	40
2 ESCOLA E CIDADE: A FORMAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR EM PARAUAPEBAS ATRAVÉS DA ESCOLA ESTADUAL GENERAL EUCLYDES FIGUEIREDO.....	47
2.1 Parauapebas: uma história construída por muitas mãos.....	47
2.2 Escola Euclides Figueiredo: início, desafios e perspectivas.....	51
2.3 Perspectiva temporal nos registros docentes: diálogo entre passado e presente.....	56
3 NARRATIVAS, IDENTIDADES E PERCURSOS COMPARTILHADOS	67
3.1 Percursos de vida e experiências compartilhadas.....	67
4 DESVENDANDO SABERES: LUDICIDADE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA.....	98
4.1 A escola pela voz dos estudantes: análise de percepções e memórias discentes.....	98
4.2 Fundamentos teóricos e metodológicos: ludicidade, memória, história oral no Ensino de História.....	99
4.3 Desvendando Parauapebas: caminhos metodológicos para pensar Parauapebas como prática de Ensino de História.....	103
CONCLUSÃO.....	115
REFERÊNCIAS.....	117
ANEXO A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS DISCENTES DA ESCOLA ESTADUAL GENERAL EUCLYDES FIGUEIREDO.....	120
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	121
ANEXO C - ATIVIDADE DIDÁTICA COM ESTUDANTES DO 1º ANO: CONSTRUÇÃO DO JOGO “DESVENDANDO PARAUAPEBAS”	122
ANEXO D – JOGO DIDÁTICO: DESVENDANDO PARAUAPEBAS.....	123

INTRODUÇÃO

Meu nome é Aline Lucimar dos Santos Alves, nascida em 12 de outubro de 1984, no município de Santa Izabel do Pará, região metropolitana de Belém. Sou filha de Zeneide dos Santos Alves e Cláudio Ferreira Alves. Minha mãe concluiu o Ensino Médio em um período em que eu já cursava a graduação, enquanto meu pai interrompeu seus estudos ainda no Ensino Fundamental, durante a minha infância. Apesar dessas limitações, ambos sempre valorizaram a educação como instrumento de transformação social e incentivaram a mim e às minhas irmãs, Alessandra e Ana Cláudia, a buscarmos formação escolar e acadêmica.

Minha trajetória escolar, assim como a de muitos brasileiros oriundos de camadas populares, foi integralmente construída em instituições públicas, do ensino básico ao superior. Desde cedo, recebi também o apoio das minhas tias paternas, que contribuíram tanto financeiramente quanto no campo emocional, reforçando a importância da educação.

Em um diálogo com um estudante, fui questionada sobre o momento em que decidi ser professora. Embora não soubesse responder de imediato, reconheço que meu vínculo com a docência foi sendo construído ao longo do tempo. Entretanto, é possível afirmar com clareza quando surgiu o meu interesse pela História: esse gosto consolidou-se ainda nos anos escolares, em especial nas aulas ministradas pela professora Ana Maria Coelho Braga, na Escola Ângelo Moretti, em Ourém (PA). Ao lecionar conteúdos como a Colonização Portuguesa na América, sua dedicação e atenção aos detalhes despertaram em mim a admiração pela disciplina, conduzindo-me a optar pelo curso de História quando da escolha pela graduação.

Em 2005, ao inscrever-me no vestibular da Universidade Federal do Pará (UFPA), candidatei-me ao curso de História no campus de Soure, localizado no arquipélago do Marajó, que oferecia cinquenta vagas. Naquele momento, não tinha conhecimento sobre a localização exata do município; meu objetivo era exclusivamente ingressar no curso. Após a aprovação, ao viajar para realizar a matrícula, encantaram-me a paisagem marajoara, o clima tranquilo da cidade e o espaço universitário. Desde o primeiro dia de aula, compreendi que a História não seria apenas um curso de graduação, mas um projeto de vida.

O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado *A Semana da Pátria em Belém: civismo, manifestações patrióticas e bandas escolares em tempos de ditadura (1964-1974)*, enfrentou como principal desafio a escassez de fontes documentais escolares. Apesar da relevância das comemorações cívicas no período, poucas instituições mantinham registros significativos, sendo o Colégio Gentil Bittencourt uma exceção, por conservar fotografias e troféus.

Minha atuação docente iniciou-se em 2012, em Paragominas (PA), na Escola Municipal Presidente Castelo Branco, em caráter substitutivo, atendendo turmas do 6º ao 9º ano e Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nesse mesmo ano, trabalhei em aldeias indígenas Tembé, experiência que ampliou meu contato com a diversidade cultural da região. Em 2014, lecionei no Sesi Paragominas e na Fundação Bradesco, sendo, nesse mesmo ano, aprovada em concurso público para o município de Parauapebas, onde passei a atuar na rede municipal.

Considero que minha efetiva experiência na educação básica consolidou-se em Parauapebas. Lecionei inicialmente na Escola Antônio Matos Filho, localizada em bairro periférico, vivenciando realidades distintas daquelas experimentadas anteriormente. Posteriormente, atuei na Escola Cecília Meireles, situada em área central, onde foi possível observar as desigualdades e especificidades do público escolar em função do território.

Em 2018, fui aprovada em concurso público promovido pela Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA), no polo da Diretoria Regional de Ensino (DRE 18 – Paragominas). Assumi o cargo em 2019, solicitando licença sem vencimento do município de Parauapebas. Lecionei na Escola Estadual Presidente Castelo Branco e, em seguida, na Escola Guilherme Gabriel. Ao término da licença, em 2022, decidi regressar a Parauapebas, onde já havia construído um vínculo de pertencimento. Nesse período, enfrentei a dificuldade logística de ministrar aulas em Paragominas e trabalhar simultaneamente no município de Parauapebas, o que demandava longas viagens semanais e me levou a refletir sobre o sentido de persistência e compromisso profissional.

Com a remoção estadual efetivada, passei a atuar na Escola Eduardo Angelim, segunda instituição estadual fundada em Parauapebas, que possui uma trajetória marcante na formação da comunidade local. Durante um diálogo com a direção da escola, ao observar documentos históricos sendo organizados para envio à capital, percebi a riqueza de memória ali presente, o que despertou em mim a ideia de realizar, futuramente, uma pesquisa acadêmica sobre o tema.

Ainda em 2022, ingressei na Escola Luís Magno Araújo, mais recente em termos de fundação, mas que reúne professores com longa experiência na educação do município, inclusive anterior à emancipação política de Parauapebas. As conversas no espaço escolar evidenciaram que as memórias do passado permanecem vivas no presente, atravessando o cotidiano pedagógico e reafirmando a relevância da escola como lugar de memória.

Situado na região sudeste do Pará, o município de Parauapebas caracteriza-se por intensos fluxos migratórios, acelerado crescimento urbano e profundas transformações sociais. Criado oficialmente em 1988, no contexto da expansão da fronteira mineral da Amazônia, o município consolidou-se como um dos principais polos de mineração do país, sobretudo a partir

da implantação do Projeto Ferro Carajás, desenvolvido pela então Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Essa dinâmica conferiu à cidade uma composição populacional heterogênea e em constante mutação, influenciando diretamente a constituição de suas instituições, práticas culturais e identidades locais. Nesse cenário, a escola emerge como espaço privilegiado de mediação entre as múltiplas temporalidades que atravessam o território.

Cabe destacar que a história do município de Parauapebas também se entrelaça com a presença de populações indígenas, em especial dos povos Xikrin do Cateté e Kayapó, cuja territorialidade e modos de vida foram profundamente impactados pelo avanço do projeto minerador na região. Esses grupos desempenham papel fundamental na compreensão da dinâmica sociocultural do sudeste do Pará, sendo sujeitos de processos de resistência, negociação e afirmação identitária. No entanto, cumpre assinalar que, embora reconheça a importância dessa temática para a historiografia local, o presente trabalho não tem como objetivo central analisar a história indígena, concentrando-se especificamente na trajetória da Escola Estadual General Euclides Figueiredo e em sua contribuição para a construção de memórias e identidades locais. Assim, a menção às populações indígenas serve aqui como um marco contextual, reforçando a complexidade histórica do território em que se insere a instituição escolar investigada.

A Escola Estadual General Euclides Figueiredo, fundada na década de 1980, portanto anterior à emancipação político-administrativa de Parauapebas, constitui-se como a mais antiga instituição de ensino da cidade. Ao longo de seus 40 anos de existência, tornou-se um marco na história educacional local, sendo palco de memórias individuais e coletivas, disputas simbólicas e transformações pedagógicas. Sua trajetória confunde-se com o próprio processo de formação urbana e social de Parauapebas, acolhendo estudantes oriundos de diversas regiões do Brasil e atuando como espaço de integração cultural, construção de pertencimento e produção de significados históricos. Compreender sua história é, portanto, também compreender a história da cidade que a abriga.

Minha relação com a Escola Euclides Figueiredo iniciou-se em março de 2023, quando passei a lecionar na instituição em regime de carga horária complementar. O aniversário de seus 40 anos, celebrado em 2024, e o fato de sua fundação anteceder a própria emancipação municipal despertaram meu interesse pela investigação. Fotografias antigas, como as mostradas por um professor datadas de 1987, provocaram reflexões sobre a relevância da preservação das memórias escolares. Em diferentes escolas onde atuei, percebi a ausência de preocupação sistemática com a guarda de arquivos institucionais, ainda que tais espaços concentrem experiências formativas, sociabilidades e trajetórias de vida que se entrecruzam. Tal

constatação reforça a pertinência de compreender a escola como lugar privilegiado para pensar a História.

O ano de 2024 também marcou uma década de atuação contínua na educação básica. Durante esse percurso, a possibilidade de cursar um mestrado sempre me pareceu distante, diante das exigências da rotina docente. O ingresso no Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) só se concretizou graças a incentivos e persistência. O primeiro contato com o programa ocorreu por intermédio do professor Francisco Dênis, colega de profissão, falecido em 2021 em decorrência da Covid-19. Ele foi o responsável por me apresentar ao ProfHistória e me inserir em grupos de estudos com professores de todo o Brasil. Prestamos juntos a primeira prova em 2018, sem sucesso. No ano seguinte, ele foi aprovado, mas eu não obtive êxito.

Posteriormente, com a maternidade e a pandemia, afastei-me dos estudos por algum tempo. A morte do amigo, no entanto, reavivou meu desejo de tentar novamente. Na seleção de 2022, não fui aprovada, mas permaneci motivada. Em 2023, com a orientação da professora Odiléia Cunha, da Unifesspa (Campus Xinguara), mudei minha inscrição de polo e fui aprovada, experiência que vivi com surpresa e entusiasmo. O primeiro ano foi particularmente desafiador: estradas em más condições, longas viagens de até cinco horas e a dificuldade de retomar a escrita acadêmica após um intervalo prolongado marcaram esse período. Ainda assim, o mestrado reacendeu em mim a vontade de aprender, renovou minha prática docente e ampliou minhas perspectivas de ensino.

Inspirada pelas disciplinas de História do Ensino de História, Ensino e Processos Emancipatórios e Seminário de Pesquisa, reformulei meu projeto inicial e defini como objeto de estudo a Escola Euclides Figueiredo, investigando sua trajetória e o papel da memória em sua cultura escolar.

Dessa forma, esta pesquisa propõe-se a investigar de que maneira as memórias e a Cultura Escolar da Escola Estadual General Euclides Figueiredo contribuem para a formação das identidades locais, e como essas experiências podem ser ressignificadas pedagogicamente por meio da elaboração e aplicação de um jogo didático no contexto do Ensino de História. Para alcançar esse objetivo central, foram definidos os seguintes objetivos específicos: Investigar o papel da Escola Euclides Figueiredo na conformação da Cultura Escolar em Parauapebas, a partir de sua trajetória institucional e social; Analisar narrativas orais de sujeitos vinculados à escola, com ênfase na construção de memórias escolares e experiências compartilhadas; Elaborar o jogo didático “*Desvendando Parauapebas*” como estratégia pedagógica voltada ao Ensino de História e à valorização das memórias escolares locais.

A relevância deste estudo decorre, em primeiro lugar, da escassez de pesquisas que abordem a trajetória educacional de Parauapebas sob a perspectiva da Cultura Escolar, o que amplia sua contribuição para a historiografia local. Além disso, o trabalho dialoga com debates fundamentais no campo do Ensino de História, ao evidenciar a memória como recurso pedagógico capaz de articular passado e presente, promovendo processos identitários e o desenvolvimento do pensamento histórico-crítico. Nesse sentido, cabe recordar a reflexão de Philippe Joutard, para quem “a memória sabe também transformar, consciente ou inconscientemente, o passado em função do presente, apresentando a tendência particular de embelezar este passado”. Essa afirmação revela a natureza flexível e simbólica da memória, sobretudo no ambiente escolar, onde experiências vividas são constantemente reinterpretadas e ressignificadas.

Metodologicamente, a investigação adota uma abordagem qualitativa, fundamentada nos aportes da História Oral. O corpus empírico será constituído por levantamento documental, análise bibliográfica e entrevistas realizadas com ex-alunos, professores e gestores da Escola Estadual General Euclides Figueiredo, buscando compreender as múltiplas narrativas e experiências que conformam sua memória institucional.

Como afirma Serge Gruzinski, a possibilidade de “pensar a história global a partir do espaço local”¹ torna-se metodologicamente, interessante uma vez que privilegia os contextos locais como pontos de partida para a leitura de dinâmicas mais abrangentes. Para o autor, o espaço local transcende sua dimensão geográfica ou nacional e se configura como um espaço existencial, no qual as experiências históricas são vividas, narradas e ressignificadas.

Ao mobilizar essa perspectiva para o estudo da Escola Estadual General Euclides Figueiredo, busca-se compreender como as memórias e narrativas de seus sujeitos contribuem não apenas para a preservação da história institucional, mas também para a construção de sentidos históricos que dialogam com processos sociais, políticos e educacionais mais amplos. A estrutura desta dissertação está organizada em quatro capítulos, além da introdução e da conclusão. O primeiro capítulo, intitulado “*Cultura Escolar e Memória: interfaces para o Ensino de História*”, apresenta a fundamentação teórica da pesquisa, dialogando com os conceitos de Cultura escolar, memória coletiva, identidade e Ensino de História, à luz dos aportes de autores como Dominique Julia, André Chervel, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Jacques Le Goff, entre outros. Explora-se a escola como espaço de produção simbólica e de

¹ GRUZINSKI, Serge. *Até que ponto a história nos torna mais humanos? Ler História*, Lisboa, n. 70, p. 185–197, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2768>. Acesso em: 21 jul. 2025.

disputas de significados, situando a memória como instrumento pedagógico e formador de identidades no ambiente escolar.

O segundo capítulo, *“Escola e cidade: a formação da Cultura Escolar em Parauapebas através da Escola Estadual General Euclides Figueiredo”*, analisa a trajetória histórica da instituição em diálogo com a constituição urbana e social de Parauapebas. São abordados os desafios enfrentados desde sua fundação, os registros docentes que evidenciam transformações nas práticas pedagógicas e o papel da escola como agente formador no contexto da migração e do crescimento acelerado do município.

No terceiro capítulo, *“Narrativas, identidades e percursos compartilhados”*, são apresentadas as experiências de professores, gestores, estudantes e ex-alunos, por meio de entrevistas e análise de relatos orais, buscando compreender como as memórias escolares são construídas, preservadas e transmitidas. O capítulo evidencia a multiplicidade de vozes e a importância da escuta como método para compreender a escola como lugar de memória e pertencimento, além de refletir sobre a ludicidade como recurso didático.

Por fim, o quarto capítulo, *“Desvendando saberes: ludicidade, memória e Ensino de História”*, descreve o processo de construção metodológica do produto educacional desenvolvido no âmbito do ProfHistória: um jogo de cartas didático intitulado *Desvendando Parauapebas*. A proposta articula memória escolar e prática pedagógica, visando ao fortalecimento de vínculos identitários e ao desenvolvimento de competências historiográficas nos estudantes da educação básica. Ao longo deste trabalho, buscou-se não apenas refletir sobre o papel da escola na produção de memórias, mas também propor caminhos metodológicos para o Ensino de História que valorizem as experiências dos estudantes e sua inserção em contextos históricos mais próximo da realidade vivenciada. Pretende-se, com isso, contribuir para o fortalecimento de uma prática docente comprometida com a formação cidadã.

Ao percorrer esse trajeto investigativo, procura-se evidenciar como a Escola Estadual General Euclides Figueiredo se consolidou como uma instituição de ensino fundamental para a cidade de Parauapebas, desempenhando um papel relevante na construção de identidades plurais em um território marcado por fluxos migratórios, tensões sociais e processos de permanência e transformação.

Além disso, a presente pesquisa propõe-se a refletir sobre as relações entre Memória, Cultura Escolar e Ensino de História, a partir da experiência da instituição pesquisada. Ao valorizar as vozes dos sujeitos escolares e suas narrativas, espera-se contribuir para a preservação de memórias educacionais, bem como para o fortalecimento de práticas pedagógicas que reconheçam a historicidade do cotidiano escolar. Assim, esta investigação

insere-se no esforço de construir um Ensino de História mais sensível às experiências locais, mais comprometido com a formação crítica dos estudantes e significados históricos e culturais construídos no ambiente escolar.

CAPÍTULO 1

CULTURA ESCOLAR E MEMÓRIA: INTERFACES PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

1.1 Cultura Escolar: um objeto de análise

O espaço escolar é dinâmico, um lugar de múltiplas formas de socialização o que possibilita uma compreensão que pode transcender a visão tradicional que se tem de uma instituição escolar. Sob uma perspectiva historiográfica, especialmente à luz dos estudos da Cultura Escolar, a escola pode ser compreendida como um lugar de produção, circulação e ressignificação cotidiana de práticas, normas, representações e saberes. Essa abordagem se alinha aos resultados de importantes pesquisas desenvolvidas no campo da Cultura Escolar, destacando-se as contribuições de autores como Dominique Julia, André Chervel e João Barroso, que evidenciam a escola como território simbólico de disputas, apropriações e invenções do saber.

Ao refletir sobre questões em torno da escolarização podemos observar como a escola também foi moldada ao longo do tempo por determinantes sociais, culturais e históricos locais. As experiências e memórias que não fazem parte de uma documentação oficial da instituição podem ser resgatadas e surge a possibilidade de construir uma narrativa sobre a trajetória da escola mais ampla e plural.

Assim, a discussão sobre o significado da escola a partir da análise da Cultura Escolar e sua articulação com o Ensino de História é o que move essa pesquisa, demonstrando a relevância da memória viva da instituição como um dispositivo para pensar as dinâmicas sociais e educacionais em Parauapebas e para um pensamento crítico sobre a construção da identidade escolar.

Para Dominique Julia

[...] poder-se-ia descrever a Cultura Escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e,

portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores².

Dessa forma o autor ressalta que a Cultura Escolar pode se construir como um sistema de normas explícitas que definem os conhecimentos que devem ser escolhidos e valorizados pela escola. Na opinião do autor, a escola não é uma instituição neutra e homogênea, mas o resultado de uma luta entre diversos sujeitos sociais que fazem parte da instituição em determinado contexto.

Essa noção está relacionada à história da Escola General Euclides Figueiredo, quando se pensa a construção de uma Cultura Escolar que nasce dentro de um contexto social, político e econômico do município de Parauapebas. Desde a sua fundação, a escola tem sido um instrumento importante na propagação de um conhecimento oficial e na geração de práticas culturais e discursos que dialogam diretamente com a situação local.

Tempo, espaço e conhecimento constituem a Cultura Escolar, como delineado por Dominique Julia. No caso da Escola Euclides Figueiredo, aspectos relacionados à programação de horários, à distribuição das salas de aula e à organização do espaço social, bem como sua arquitetura física, expressam concepções educacionais e sociais particulares. A presença de espaços abertos, os espaços esportivos, o ar-condicionado e as salas de aula nos últimos anos são decisões que vão além da funcionalidade: a cultura também determina o que consideramos um lugar digno para ensinar.

Relatos de gestores, ex-estudantes, estudantes e professores indicam que a vida cultural na instituição sempre foi caracterizada por atos de negociação e resistência. A luta pela manutenção de ambientes como bibliotecas e laboratórios, a batalha pela partilha do prédio com a Escola Municipal Chico Mendes II e a disputa pelo acesso aos recursos educacionais demonstram como a escola não é apenas o lugar onde o conhecimento legitimado é armazenado, algo que Dominique Julia reforça, mas também é um espaço de conflito contínuo de significados e interpretações.

Essas tensões e resistências são suficientes para perceber que a Cultura Escolar da instituição pesquisada é uma produção histórica subjugada às relações de poder e dinâmicas sociais, na qual reflete tanto quanto incorpora a sociedade de Parauapebas. A escola, nesse sentido, constitui-se em um contexto de produção de significados sociais, no qual se forjam sujeitos críticos, conscientes de sua condição histórica e inseridos nas múltiplas dimensões que compõem o contexto social.

² JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto historiográfico. Tradução de Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*, São Paulo, n. 1, p. 10-11, 2001.

Portanto, interpretando a trajetória dessa instituição de ensino a partir das proposições conceituais de Dominique Julia, podemos considerá-la como um local marcado por tensões e em constante construção, onde práticas, normas e conhecimentos são negociados incessantemente, afirmando a escola como um espaço de práticas culturais e pertencimento.

De forma similar, João Barroso sugere que a Cultura Escolar deve ser considerada em uma dimensão global, mas como um complexo de relações e práticas sociais da escola. Para o autor, Cultura Escolar é a cultura gerada a partir das interações dos sujeitos, com o espaço e com o conhecimento.³

Esta noção enfatiza a característica interacional da Cultura Escolar, concebida como uma construção histórica e social, um produto que os sujeitos do cotidiano escolar continuamente e repetidamente recriam. Inclui tudo, desde o pedagógico formal até o informal, da organização espacial às práticas avaliativas, configurando relações complexas de significados e práticas.

Esta perspectiva é refletida na história da instituição analisada. Com base em entrevistas e testemunhos orais, os dados reunidos mostram como a Cultura Escolar vai sendo criada a partir das relações cotidianas ao longo de décadas entre diferentes sujeitos escolares. Desde a colaboração da comunidade na construção do muro da escola até a criação de ambientes de convivência, pode-se perceber que a escola também é o resultado de práticas sociais significativas.

Além disso, os modelos pedagógicos, ao longo dessas décadas, vêm se modificando de algo mais conteudista para uma abordagem mais dinâmica de ensino orientada para uma construção mais crítica do aluno, sendo um reflexo de interações e ajustes históricos. As atividades institucionais e eventos escolares (feiras; projetos; festas escolares), práticas que, embora nem sempre incorporadas de maneira formal aos currículos, têm grande relevância para a comunidade escolar; também foram importantes para a construção de uma identidade da escola.

Assim, a partir do que argumenta João Barroso, podemos pensar a Cultura Escolar da referida instituição não baseada em uma homogeneidade ou em algum tipo de padrão. Ao contrário, uma construção específica, dinâmica, produzida através das práticas organizacionais e relações sociais locais, que está sempre em reconstrução a partir dos sujeitos que frequentam ou frequentaram a escola. Este processo não apenas moldou o caráter da instituição, mas

³ BARROSO, João. Cultura, cultura escolar, cultura de escola. *Acervo Digital da Unesp*, v.1, D26 – Unesp/UNIVESP, 1. ed., 2012. Graduação em Pedagogia. Disponível em: <<http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/65262>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

também contribuiu decisivamente para a criação da identidade educacional e cultural de Parauapebas.

André Chervel aponta que a Cultura Escolar não é uma mera exposição das culturas dominantes; pelo contrário, ela cria sua própria identidade funcionando como uma matriz de socialização que significa contribuir, por um lado, para a reprodução e, por outro, para a transformação da sociedade. Ao afirmar que a escola é um local de luta, ou seja, da coexistência precisa das forças de preservação e modificação, Chervel insiste na necessidade de apreciar as práticas da escola em sua especificidade histórica. Para o autor, a Cultura Escolar abrange normas explícitas e comportamentos implícitos, estruturas organizadoras do conhecimento e tradições. Nesse sentido, a compreensão da lógica da Cultura Escolar exigiria uma conscientização do fato de que ela é reativa às influências externas, mas gera seus próprios modos de gestão, mudança e desenvolvimento.⁴

Desse modo, André Chervel amplia este argumento afirmando que a escola não copia apenas conteúdos e práticas de instâncias superiores, mas desenvolve sua própria cultura, com dispositivos internos que cumprem o papel de aparato regulador no que diz respeito ao que se torna conhecimento escolar legítimo. Logo, a Cultura Escolar aparece como um campo autônomo de produção simbólica com seus próprios critérios, valores e conhecimentos.

As reflexões de Chervel sobre o papel desempenhado pelos professores nesse desenvolvimento também são interessantes. Eles não são simplesmente operadores mecânicos de políticas educacionais; são sujeitos ativos que leem, interpretam e traduzem as orientações curriculares em ações pedagógicas reais. Com isso, a escola se solidifica como um lugar de negociação permanente entre o tradicional e o novo, entre a preservação e a transformação onde sua própria historicidade é moldada.

A trajetória da unidade de ensino pesquisada, nos remete a ideia de Cultura Escolar trabalhada por André Chervel, especialmente ao identificar a escola como um local de produção simbólica autônoma, em que o conhecimento escolar se apresenta também como construção histórica e social. Para Chervel, a escola constitui uma matriz de socialização que atua simultaneamente na reprodução e na transformação da sociedade, sendo atravessada por tensões entre permanência e mudança, tradição e inovação.

O Euclides Figueiredo revela justamente essa dinâmica. Desde sua fundação na década de 80 até ser considerada uma referência educacional em Parauapebas, mostra a existência de especificidades que rege suas práticas, saberes e relações. A história de professores como

⁴ CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

Aloísio Feitosa, que iniciou sua trajetória como aluno e passou a atuar como docente em múltiplas disciplinas, mesmo sem formação específica, é exemplo daquilo que Chervel denomina como transposição didática: a adaptação dos conteúdos escolares à realidade institucional, social e material da escola.

Esse processo não acontece de forma neutra. Ao contrário, envolve escolhas, improvisações, resistências e, sobretudo, uma racionalidade própria que se forma a partir da escassez de recursos, da necessidade de atender a demandas locais e da autonomia relativa da escola em relação às imposições externas. A presença de professores sem formação nos primeiros anos da instituição, a organização dos espaços escolares de maneira funcional, e a incorporação de eventos e práticas comunitárias no cotidiano da escola, demonstram como a Cultura Escolar dessa instituição se desenvolveu de forma específica, a partir das condições impostas pelo Estado e, ao mesmo tempo, criando de seus próprios dispositivos reguladores.

Como aponta Chervel, a escola é um lugar de luta. Essa ideia é perceptível nas tensões vividas pela instituição quando ela passa a dividir seu espaço físico com a Escola Municipal Chico Mendes II, o que implica até hoje negociações constantes sobre o uso de salas e demais equipamentos e espaços escolares. As narrativas coletadas por meio da história oral nos mostram a resistência simbólica da escola Euclides Figueiredo na preservação de sua identidade institucional, construída não apenas a partir de normas externas, mas principalmente de práticas cotidianas que reafirmam a instituição como espaço de pertencimento e significação social.

Portanto, a visão de Chervel nos traz aspectos importantes da experiência da escola, permitindo entender sua Cultura Escolar como uma construção contínua, moldada historicamente por sujeitos que negociam, reinterpretem e recriam normas, saberes e práticas. A escola, nesse sentido, não apenas responde ao contexto social de Parauapebas, mas também o influencia, funcionando como espaço de elaboração de sentidos e identidades, tanto individuais quanto coletivas.

Para Terciane Luchese, "a escola como lugar de histórias, sujeitos, contextos, tempos e espaços diferenciados vai moldando modos de operar, de sistematizar, transformar e realizar o ensino e a aprendizagem"⁵. No entanto, é necessário compreender a complexidade de uma instituição escolar em seu processo histórico, uma vez que ela faz parte da sociabilidade do indivíduo desde a infância, constituindo-se como um lugar fundamental para a construção de

⁵ LUCHESE, Terciane Angela. História das instituições escolares, um olhar teórico-metodológico. In: LUCHESE, Terciane Ângela; FERNANDES, Cassiane Curtarelli; BELUSSO, Gisele (Org.). **Instituições, histórias e culturas escolares**. Caxias do Sul: Educs, 2018. p. 55.

identidades e para a apropriação de múltiplos saberes. Nesse contexto, trata-se de um ambiente onde a juventude passa parte considerável da sua existência, criando memórias e sentimentos para a vida toda. Isso nos permite pensar a escola como uma instituição que cria significados, memórias e relacionamentos afetivos. Para muitos jovens, a escola representa construção de afetos e experiências que exercem influência decisiva na formação da personalidade e nos processos de socialização.

Mauricio Costa, concebe o lazer como “importante fonte difusora da capacidade criativa humana, das vivências no universo da recreação e do entretenimento e, acima de tudo, da interação entre homens e mulheres na vida social, o que comumente denominado como sociabilidade”⁶. Nessa perspectiva, os registros das experiências escolares contribuem para compreender a escola como um espaço formador de sociabilidades e transmissor de comportamentos, atuando não apenas na integração dos estudantes ao cotidiano institucional, mas também na consolidação da imagem da escola junto à comunidade.

As práticas cotidianas, as normas e os valores compartilhados nesse contexto evidenciam o papel ativo da instituição na construção de identidades e na legitimação de sua presença social.

Desse modo, ao tomarmos a Cultura Escolar como objeto de análise, torna-se possível refletir sobre como a escola atua na formação de identidades sociais, conservando, transformando e transmitindo valores culturais. No caso da Escola Euclides Figueiredo, tal dinâmica contribuiu diretamente para a constituição da identidade sociocultural do município de Parauapebas.

1.2 Memória e História: tensões, aproximações e distanciamentos

No ano de 2023, ao iniciar esta pesquisa, optei por aplicar um questionário em duas turmas nas quais lecionava, as turmas 202 e 203 do 2º ano do Ensino Médio, no turno matutino. A proposta visava compreender o grau de conhecimento dos estudantes sobre a história da escola e suas percepções quanto à importância de valorizar a memória institucional. A escolha dessas turmas se deu em razão de seu perfil questionador e participativo, observado no cotidiano das aulas, o que indicava maior potencial para reflexões críticas. O instrumento, composto por perguntas abertas, buscava captar como os alunos compreendem a construção da memória escolar e a constituição de uma cultura própria no ambiente educacional.

⁶ COSTA, Antonio Maurício. *Lazer e sociabilidade: usos e sentidos*. Belém: Açai, 2009. p. 9-10.

Segundo Maurice Halbwachs⁷, a memória coletiva se desenvolve a partir de laços no interior de um grupo, que pode ser escolar, familiar ou profissional e através da interação indivíduo e grupo. Ao desenvolver a ideia de memória como um fenômeno e produto coletivamente produzido, o autor argumenta que as memórias não são constituídas na mente dos indivíduos, mas são, ao contrário, montadas em ambientes sociais que constroem, moldam e legitimam o que é lembrado. É nesse comportamento em grupo que as pessoas colocam e armazenam suas memórias; para o autor, a memória individual é sempre apenas um ângulo através da memória de massa. Em outras palavras, tudo o que recordamos está sistematizado em roteiros da memória social nos quais as lembranças são escritas.

Nesse sentido, a escola assume um papel central na formação da memória coletiva, ao articular práticas pedagógicas e simbólicas que transcendem a mera transmissão de saberes. Por meio de rituais, tradições e relações cotidianas, a instituição escolar promove formas de socialização pautadas em identidades compartilhadas, valores históricos e sentidos de pertencimento, contribuindo para a construção de narrativas que se perpetuam no imaginário coletivo.

Projetos, feiras, campeonatos e celebrações escolares funcionam como práticas que não apenas nos remetem ao passado da instituição, mas também moldam ativamente as formas pelas quais ele é lembrado e valorizado. Esses eventos operam como estratégias de institucionalização da memória, selecionando aspectos considerados significativos para fortalecer uma identidade coletiva e legitimar determinadas narrativas históricas em detrimento de outras.

Nessas práticas e objetos, a escola é, assim, um campo de experiência que fortalece uma memória sobre os processos de compreensão dos atores sobre suas histórias de vida e passado comum. Logo, a memória não é meramente uma representação do passado, mas é também um campo de contestação, onde a narrativa e as leituras do passado disputam entre si por domínio e posição.

Dessa forma, preservar as experiências vividas no cotidiano escolar torna-se essencial para evitar o apagamento de memórias que compõem a trajetória histórica da instituição. Ao ser atravessada por múltiplos sujeitos, tempos e práticas, a escola constitui-se como um território simbólico de significação histórica, no qual a memória atua não apenas como registro do passado, mas como elemento estruturante da identidade coletiva e da reflexão histórica.

⁷ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p. 22

Pierre Nora, ao discutir a noção de “lugares de memória”, oferece uma visão importante em relação a memória coletiva e a construção de uma memória social. Segundo o autor, os locais de memória são constituídos em situações historicamente determinadas em que a memória social, até então transmitida pelo corpo social de forma relativamente espontânea e orgânica, por tradições e práticas do dia a dia, começa a necessitar de certos suportes materiais e simbólicos para sobreviver. São, assim, espaços físicos e simbólicos, datas, monumentos ou processos institucionais em torno dos quais a memória coletiva se tece, materializando memórias e identidades em momentos em que os modos naturais de transmissão, como tradição oral, hábito, etc., são considerados insuficientes.⁸

Nora enfatiza que os lugares de memória servem não apenas para salvar o passado, mas para continuamente reformulá-lo em resposta às necessidades de identidade e expectativas do presente. São, portanto, artefatos culturais que indicam as continuidades e rupturas na relação das sociedades com o passado.

No que tange ao campo educacional, a escola destaca-se como um espaço social estruturado fortemente simbólico, como um espaço privilegiado de memória. No contexto escolar, os prédios das escolas, rituais, símbolos, cerimônias comemorativas, documentos institucionais, fotografias, troféus seriam considerados lugares de memória. Essas coisas não apenas documentam profissionalmente o passado da instituição; são também mecanismos de produção de identidade que criam histórias oficiais sobre o que deve ser lembrado, celebrado ou apagado.

Nesse sentido, a memória escolar é sempre negociada e ressignificada à medida que novos sujeitos passam pela instituição. Por um lado, os “lugares de memória” da escola servem como mediadores entre passado e presente, proporcionando a esses locais uma continuidade simbólica, deixando, contudo, espaço para disputas e reapropriações de memórias coletivas. Assim, pensar na escola como um lugar de memória é perceber que a instituição produz, reorganiza, e conseqüentemente, cria identidades que são geradas em seu interior.

Jacques Le Goff, aprofundando o debate, distingue memória e história ao afirmar que a memória é um fenômeno vivido, afetivo e coletivo, enquanto a história busca ser uma reconstrução crítica do passado. Para o historiador a memória é sempre um fenômeno atual, um elo vivo com o passado, enquanto a história é uma operação intelectual que tende a objetivar

⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, n. 10.

esse passado.⁹ A diferenciação proposta por Jacques Le Goff entre memória e história revela-se particularmente interessante quando se faz uma relação com a Escola em questão. Ao considerar que a memória é um fenômeno vivido, afetivo e coletivo, percebe-se que os relatos de ex-alunos, professores e gestores da escola constituem verdadeiros elos vivos com o passado institucional, marcados por afetividades, identidades e experiências singulares. Tais narrativas, construídas a partir das lembranças desses sujeitos, configuram-se como expressões de uma memória social em constante atualização. Nesse sentido, esse trabalho se propõe a realizar, baseada na coleta, análise e problematização dessas memórias, ou seja, ultrapassar a simples lembrança afetiva do passado para reconstruí-lo criticamente, dentro de uma lógica investigativa e interpretativa própria da história enquanto disciplina. Assim, a Escola Euclides Figueiredo surge como um objeto que articula essas duas dimensões: lugar de memória coletiva em seu cotidiano vivido e espaço de análise histórica, onde o passado escolar é resgatado, interrogado e compreendido à luz das tensões entre lembrança e historicização.

Para Ismênia Martins, “revisitar o passado com novas questões, a partir do presente, afeta as memórias cristalizadas e produz novas histórias”¹⁰. A autora ressalta que é assim que a identidade se baseia na memória e na leitura do passado, quase sempre em função ao presente. Segundo a autora, essas memórias e identidades sociais construídas são negociáveis, rearranjáveis, contestáveis e podem ser redefinidas ao longo do tempo. A memória e a identidade, nesse sentido, são dois conceitos intimamente relacionados e são cruciais na formação de identidades sociais e educacionais.

Esses processos são continuamente construídos e ressignificados no ambiente escolar, revelando sua centralidade para o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem. A escola pode ser compreendida como um *locus* de articulação entre memória e identidade, no qual as práticas pedagógicas, os eventos institucionais e o cotidiano dos sujeitos contribuem para formar cidadãos conscientes de suas raízes e atentos às transformações sociais. Ao valorizar a diversidade e estimular o pensamento crítico, a Cultura Escolar reforça seu papel como instância formadora e dinamizadora de sentidos coletivos.

Certamente esta afirmação obriga-nos a compreender que as memórias não são objetos fixos, mas sim produtos sociais dinâmicos informados por relações de poder e pelos termos nos

⁹ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Maria Lucia Machado. Campinas: Editora da Unicamp, 1990

¹⁰ MARTINS, Ismênia de Lima. Memória, história e ensino: uma equação em movimento. In: MONTEIRO, Ana Maria (org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 17–19.

quais o conhecimento é produzido em um determinado momento histórico. A memória, então, é seletiva e capaz de ser reconstruída com base na perspectiva e interesses daqueles que a narram ou reinterpretam. Assim, ela é um reflexo do passado que se configura a partir de demandas do presente.

Esta operação é, inerentemente, uma questão de identidade que, como a autora observa, também é uma construção social, estando sempre em mudança e sendo contestada. A identidade constitui-se como um processo dinâmico, permanentemente construído e reconstruído ao longo do tempo, em estreita relação com as narrativas que elaboramos, tanto aquelas que dirigimos aos outros quanto aquelas que formulamos para nós mesmos.

Como menciona Joel Candau em seu livro “Memória e identidade”, os conceitos de memória e identidade são fundamentais para quem se interessa pelas Ciências Humanas e Sociais, pois a construção social em torno da identidade ocorre a partir de uma relação dialógica com a memória, e que a memória é “uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo”¹¹. Logo, é preciso refletir e pensar que as experiências do passado não podem ser conservadas de maneira totalizante.

Para o autor, diante da “crise do presenteísmo”, apresenta-se o desaparecimento das referências e uma solvência de identidades e a memória pode ser uma alternativa a essas identidades perdidas. Então a memória se interliga com as questões identitárias. Ele explica que a memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Segundo ele essa dialética entre memória e identidade se unem para apoiar uma história, narrativa ou uma experiência de vida.

As práticas escolares e os processos de aprendizagem desenvolvidos no cotidiano institucional contribuem para compreender a escola como um ambiente de socialização e formação de valores, responsável também pela construção de sua imagem diante da comunidade. Ao mesmo tempo, reconhecer a memória como elemento central no Ensino de História é essencial, pois ela constitui um elo entre o sujeito e sua identidade, permitindo a ressignificação do passado a partir de vivências escolares compartilhadas.

Nos últimos anos, a História tem se voltado para métodos mais dinâmicos e interdisciplinares, buscando ampliar sua relevância na educação básica. Nesse contexto, discutir a memória vai além de lembrar o passado: trata-se de explorar um conceito complexo que atravessa múltiplos campos do saber, sendo essencial para a construção de uma visão crítica e reflexiva do mundo.

¹¹ CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 9.

No espaço escolar a memória vivida pelos sujeitos escolares nem sempre corresponde à narrativa histórica oficial. Assim, o estudo da memória escolar permite não apenas acessar uma pluralidade de lembranças, mas também compreender as disputas e seleções que moldam a instituição. A memória pode estabelecer a compreensão histórica a partir de narrativas individuais e coletivas que buscam ressignificar fatos históricos. Segundo Catroga,

Na experiência vivida, a memória individual é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais etc.) em permanente construção, devido a incessante mudança do presente em passado e às alterações ocorridas no campo das re-presentações (ou re-presentificações) do pretérito. Significa isto que a recordação, enquanto presente-passado, é vivência interior no qual a identidade do eu, ou melhor, a ipseidade, unifica os diversos tempos sociais em que comparticipa [...] ¹².

De acordo com Catroga, a memória pessoal é caracterizada pela coexistência de múltiplos níveis da relação entre o eu e a comunidade, de modo que mesmo dentro da escola, nossas memórias não são homogêneas, mas diversas, tensas, às vezes improváveis. Por exemplo, a memória que um estudante negro, indígena ou homossexual tem sobre sua experiência escolar pode ser muito divergente da memória de um colega não marginalizado que nunca teve que enfrentar discriminação ou exclusão de colegas.

Ao pesquisar sobre a Escola Euclides Figueiredo, pode-se notar narrativas individuais interagindo com a memória coletiva construída sobre a escola. Eventos escolares marcantes, lutas por melhorias na infraestrutura, projetos ou desafios enfrentados durante crises (como a pandemia, por exemplo) compõem uma memória coletiva que, embora possa parecer linear, é constituída por múltiplas vozes e versões dos fatos. Para Catroga, a memória é uma estrutura dinâmica, construída em um ponto de tensão entre o passado e o presente. Essa construção é evidente na escola em questão, onde histórias se cruzam proporcionando significado para a escola.

Ao colocar essas memórias no centro das práticas pedagógicas, a escola consolida-se como um ambiente de construção identitária crítica e plural, promovendo o pertencimento, a ressignificação do passado e o engajamento com transformações sociais. Como bem assinala Marieta de Moraes ao destacar a relação entre memória e identidade,

A memória é um elemento constitutivo do sentimento de identidade, na medida em que responde pelos sentimentos de continuidade e de coerência. Assim, é importante reter que as identidades são construídas e estão longe de serem fixas e imutáveis. Essa construção não está, isenta de influências, negociações e transformações. Isso quer dizer que a memória e identidade podem ser perfeitamente negociadas e não são

¹² CARTOGRA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2015. p. 11.

fenômenos que devem ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. A memória por sua vez, não deve ser vista apenas como um repositório de dados sobre o passado. Ao contrário, ela é uma força ativa, dinâmica e seletiva, que define o que deve esquecer e o que deve lembrar do passado, e é também um instrumento e um objeto de poder. A memória não é neutra e é recuperada sempre em função das demandas do presente. Assim falar de memória significa ter em mente uma relação que envolve o passado, o presente e o futuro.¹³

Dessa forma, Marieta de Moraes oferece uma compreensão da história e das identidades que foram construídas pela escola. Ao citar que a memória é um elemento que compõe um sentimento de identidade, a autora ressalta que essa construção não é algo fixo, estático ou imune às transformações sociais, culturais e políticas. Ao contrário, trata-se de um fenômeno social dinâmico, atravessado por negociações, escolhas, esquecimentos e ressignificações. Nesse sentido, as narrativas construídas por aqueles que vivenciaram a escola em diferentes momentos revelam como a memória atua na ressignificação da experiência educativa, contribuindo para processos plurais de identificação com a instituição.

A escola constitui um território onde memórias afetivas, culturais e pedagógicas se entrelaçam, conferindo sentidos duradouros àqueles que dela participaram. As narrativas de estudantes, professores e demais membros da comunidade evidenciam que lembrar não é apenas recuperar o passado, mas um exercício de significação que conecta temporalidades e projeta sentidos para o futuro institucional.

Michel Pollak destaca três elementos constitutivos da memória individual e coletiva: os acontecimentos vividos pessoalmente, acontecimentos vividos pelos grupos, a memória constituída por pessoas e personagens e os lugares de memória. A partir dessa ideia podemos perceber a escola como sendo um “lugar de memória”, onde pessoas constroem suas histórias, compartilham memórias individuais e coletivas, criam personagens e eternizam fatos que repercutem em suas lembranças, sejam elas afetivas, traumáticas ou saudosistas. Para o autor “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento da identidade, tanto individual como coletiva na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”¹⁴.

Outro fator que Pollak destaca é sobre as diversas projeções em relação aos eventos, lugares e personagens a partir das práticas de comemoração, pois segundo ele a memória é seletiva, além de ser um fenômeno construído. Os Eventos que acontecem nas escolas fazem parte dessa seleção ou construção? Qual seria a importância da escola para os alunos que dela

¹³ FERREIRA, Marieta Moraes de; FRANCO, Renato. *Aprendendo História: reflexão e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013. p. 108-109.

¹⁴ POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

já não fazem mais parte? Como a História enquanto disciplina pode construir uma memória escolar?

As transformações na Cultura Escolar da Escola Euclides Figueiredo revelam sua capacidade de se reinventar, conciliando permanências, como rituais de formatura e comemorações cívicas, com práticas pedagógicas inovadoras. Essa vitalidade institucional manifesta-se na articulação entre memória e identidade, refletindo as dinâmicas urbanas e as reconfigurações das políticas públicas em Parauapebas. Ao investigar essas práticas escolares, celebrações e narrativas, busca-se compreender como tais elementos atuam como mecanismos de construção simbólica e de consolidação identitária no contexto local.

1.3 Ensino de História: a escola como espaço de produção de Saberes Históricos.

Marc Bloch, ao afirmar que a História é a “ciência dos homens, ou melhor, dos homens no tempo”¹⁵, demonstra a importância da história como uma análise da relação passado-presente para uma compreensão da humanidade. Diante dessa perspectiva é importante mostrar que o conhecimento da História auxilia os alunos a relacionarem fatos, perceber as transformações pelos quais a sociedade passa ao longo do tempo e do espaço, além de compreender sua realidade a partir de um diálogo entre presente e o passado.

Nesse mesmo sentido, Marieta de Moraes e Renato Franco, mencionam que “todas as vezes que pronunciamos a palavra história, fazemos referência a um termo com muitos significados”.¹⁶ A História ao longo do tempo ganha muitos sentidos. Então, como fazer os alunos da educação básica entenderem esses sentidos no seu dia a dia dentro da sala de aula e fora dela?

Contribuindo para essa reflexão, Circe Bittencourt destaca que um dos maiores desafios para quem ensina História parece ser a explicitação da razão de ser da disciplina, tendo que atender os anseios dos jovens que sempre questionam a verdadeira importância de estudá-la.¹⁷ Dessa forma, a autora evidencia que um dos principais obstáculos enfrentados por um docente da disciplina reside na necessidade constante de justificar a pertinência e a função social da História no currículo escolar, diante das exigências de uma geração de estudantes que frequentemente indaga sobre a real utilidade desse saber para sua formação e vida prática.

¹⁵ BLOCH, Marc. Introdução; A história, os homens e o tempo. In: _____. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 55.

¹⁶ FERREIRA; FRANCO, 2013, p. 12.

¹⁷ BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2023.

A autora aponta que a escola contemporânea se encontra em meio a múltiplas formas de concorrência informacional, competindo com diversas instâncias de socialização do conhecimento que moldam os estudantes, tais como a mídia digital, redes sociais e outras fontes extraescolares de informação. Tais contextos produzem sujeitos que, acostumados a fluxos intensos e contínuos de dados, apresentam perfis diferenciados em termos de expectativas e ritmos de aprendizagem. Esses fatores impõem novas exigências didáticas e metodológicas aos docentes, que precisam reformular suas estratégias de ensino para captar o interesse de discentes habituados a uma lógica de imediatismo e simultaneidade na assimilação das informações.

No caso particular da História, essa situação é ainda mais complexa, dado que as rápidas transformações sociais, culturais e tecnológicas fazem com que os eventos, práticas e representações históricas sejam rapidamente deslocados para o âmbito do passado. Entretanto, trata-se de um passado desprovido de uma carga simbólica tradicionalmente atribuída pela memória individual ou coletiva, não sendo carregado de afetividade ou saudade, mas percebido como algo ultrapassado e irrelevante para o presente. Assim, o professor de História enfrenta o desafio de reconstruir, em sala de aula, o significado do passado como um recurso fundamental para a compreensão crítica do presente e a projeção de futuros possíveis, numa sociedade marcada pela fluidez e pela efemeridade das experiências temporais.

Esse cenário, conforme destaca Bittencourt, exige não apenas a adoção de novas metodologias no Ensino de História, mas também uma reflexão crítica sobre seu papel na formação cidadã, sobretudo diante das transformações sociais e educacionais da contemporaneidade. Tais mudanças convocam a disciplina a renovar suas práticas, reafirmando sua função de desenvolver o pensamento crítico, a consciência histórica e a compreensão das múltiplas temporalidades que atravessam a realidade social.

Compreender a memória como um campo estratégico para o Ensino de História, especialmente na educação básica, implica reconhecê-la como ferramenta para promover pertencimento e identidade entre os estudantes. O desafio, porém, está em integrá-la de forma significativa ao cotidiano escolar, articulando-a às práticas da Cultura Escolar e às experiências sociais vividas pelos alunos.

Nesse contexto, o professor de História, ao adentrar a sala de aula e se deparar com questionamentos por parte dos estudantes, tais como “O que é História?”, “Para que serve a História?” ou “Por que precisamos estudá-la?”, vê-se desafiado a promover a articulação entre o conhecimento histórico e a realidade vivida pelos alunos. Trata-se de instigar nos discentes a capacidade de compreenderem-se como sujeitos históricos, portadores de memórias,

identidades e experiências, capazes de atribuir sentido ao presente a partir das relações que estabelecem com o passado.

Diante desses questionamentos que envolve a disciplina de História, a professora de História Telma Fulaneti¹⁸, buscou por meio de metodologias diferenciadas, trazer um engajamento maior dos seus alunos em suas aulas enquanto esteve trabalhando na escola Euclydes Figueiredo.

Segundo Telma Fulaneti,

Nesses vinte e poucos anos de trabalho, lembro que foi a convite da diretora Nilza Coelho que comecei a lecionar na escola. No início trabalhei por quatro meses sem receber salário, tendo apenas a ajuda financeira da diretora. Após esses meses como contratada, passei no concurso da Secretária de Educação do Estado do Pará no ano de 2002. Enquanto estive na docência pela rede estadual trabalhei somente no Euclydes, e quando me aposentar em 2025 quero que seja pela mesma escola.¹⁹

O relato da professora reflete a construção de um sentimento de pertencimento que vai da esfera profissional à pessoal, ou seja, a construção de um sentimento de identidade com o espaço escolar. Além de revelar as limitações pelas quais um professor da educação pública enfrenta ao longo da docência que envolvem estratégias de lutas e resistência.

Para Telma Fulaneti, ensinar a disciplina de história não é uma tarefa fácil, pois “a maioria das pessoas tem na cabeça que a história ou é só política, ou o professor de história é político partidário, que vem para a escola somente fazer política”.²⁰ De acordo com a professora, observa-se que a maioria das pessoas não compreende que a História vai muito além de uma simples enumeração de fatos ou datas, constituindo-se, antes, como um campo interpretativo, crítico e problematizador do passado.

Ela destaca que o papel do professor de História não consiste em transmitir verdades absolutas nem impor visões ideológicas, mas em criar condições para que os estudantes desenvolvam uma postura crítica diante das múltiplas narrativas sobre o passado, construindo de forma autônoma seu próprio entendimento histórico. Destaca, ainda, que a História, enquanto disciplinar escolar, ao longo dos anos, passou por mudanças significativas, principalmente ao buscar trazer uma compreensão crítica da realidade. Esse movimento tem

¹⁸ Telma Machado Fulaneti, natural do estado de Goiás, iniciou sua trajetória na Escola General Euclydes Figueiredo em fevereiro de 1998, onde atuou como docente ao longo de 24 anos, ministrando aulas para turmas do segundo e do terceiro ano do Ensino Médio. Seu vínculo com a instituição foi interrompido em razão de questões de saúde, que a afastaram de suas atividades pedagógicas.

¹⁹ FULANETI, Telma Machado. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas (PA), 28 ago. 2024.

²⁰ FULANETI, 28 ago. 2024.

buscado estabelecer conexões entre passado e presente, ancorando-se nas próprias experiências dos alunos como ponto de partida para a reflexão histórica.

Há muitos anos atrás, a história, principalmente na época da ditadura militar, por volta dos anos 60 e 70, era vista como uma disciplina “decoreba”. Você estudava anos e datas, não estudava o conteúdo em si! Como aquele conteúdo iria entrar na vida desse aluno. A partir dos anos 80, as pós-graduações nos levou a questionamentos mais profundos e a gente passou por um caminho diferente na disciplina de história, que é levar o aluno a caminhar no tempo e no espaço que ele vive. E para conquistar esse entendimento do aluno, que tem essa vontade, vai depender muito do profissional que vai estar à frente dessa caminhada.²¹

Dessa forma, ressalta que a referida escola sempre proporcionou aos seus docentes a oportunidade de acompanhar as transformações ocorridas ao longo dos anos. Segundo seu relato, a instituição contou, historicamente, com excelentes diretores, coordenadores e professores, o que possibilitou a realização de projetos pedagógicos de qualidade. Destaca ainda que, no ambiente escolar, não há espaço para um trabalho estritamente individual, pois a prática educativa constitui-se como uma ação coletiva, envolvendo todos os que integram o grupo escolar.

A professora Telma Fulaneti recorda que sempre valorizou o desenvolvimento de projetos pedagógicos interdisciplinares que mobilizassem toda a comunidade escolar, extrapolando os limites da sala de aula tradicional. Conforme relata: “até os projetos que eu considero mais doidos a direção me apoiava. Esses projetos contavam com a participação dos meus colegas de outras áreas e, claro, dos alunos. Eles diziam que queriam uma aula que tivesse uma metodologia diferente para conhecer o que já aconteceu no Brasil e no mundo.”

Entre as iniciativas que marcaram sua trajetória, destaca-se o projeto “O cantar do homem no tempo e no espaço”, no qual os alunos investigavam o contexto da Ditadura Militar no Brasil, representando, por meio da música, as torturas, censuras e formas de repressão que caracterizaram aquele período histórico. O depoimento evidencia tanto o caráter colaborativo de suas práticas quanto o interesse dos estudantes por abordagens didáticas inovadoras, que possibilitavam a compreensão crítica de processos históricos em diferentes escalas.

²¹ FULANETI, 28 ago. 2024.

Figura 1 – Projeto: “O cantar do homem no tempo e no espaço”.



Fonte: Ditadura é tema de projeto na escola Euclides Figueiredo – Portal Pebinha de Açúcar.

O projeto foi desenvolvido pela escola ao longo de aproximadamente oito anos, período em que a professora permaneceu em sala de aula na instituição. Por meio da música e de representações artísticas, os estudantes narravam um dos momentos mais tensos da história brasileira: o regime da ditadura militar.

Para a professora,

O objetivo era despertar nos alunos um conhecimento mais profundo sobre este período da história do país, marcado para muitos pelo cerceamento da liberdade de expressão. Os alunos se envolviam muito porque era uma maneira diferente de ver a história. Sem contar que o tema da ditadura voltou a ser discutido na sociedade atualmente.²²

A docente destaca que após anos de ditadura, as escolas começaram a recuperar a liberdade para discutir temas antes considerados sensíveis, como movimentos sociais, luta por direitos humanos e as injustiças históricas no país. Diante disso, trabalhar o tema da ditadura, segundo ela, trouxe uma importante reflexão para os alunos a respeito da própria história da escola, que carrega consigo o nome de um militar.

A partir das suas aulas, a professora buscou ir na contramão de um ensino pautado na História tradicional, centrado em narrativas lineares e memorizações de datas e fatos, para uma abordagem mais crítica e reflexiva.

²² FULANETI, 28 ago. 2024.

De acordo com o depoimento da entrevistada, seu projeto fez bastante sucesso na trajetória da escola Euclides Figueiredo. Entretanto, a partir do governo do presidente Jair Messias Bolsonaro²³, não sentiu mais segurança para dar continuidade a esse trabalho. Destaca que muitos foram os desafios que, principalmente, os docentes da área de humanas passaram a enfrentar. Essas dificuldades foram marcadas por tensões políticas, ideológicas e pedagógicas, que impactaram diretamente o exercício da profissão e o ambiente escolar. A partir de um relato emocionado, ressaltou que se viu no centro de acusações de estar fazendo "política partidária", acusada por uma mãe de aluna que lhe agrediu dentro da sala dos professores. Esse episódio deixou suas marcas emocionais e resultou no seu afastamento da escola até os dias atuais.

Apesar da atmosfera de intimidação e do episódio de perseguição por parte dessa mãe, a professora ressalta que por parte da gestão da escola nunca teve nenhum tipo de intimidação, ao contrário, sempre teve bastante apoio da equipe e dos alunos diante da situação vivenciada. Entretanto, destaca que a polarização política pela qual o país se encontrava acabou por trazer para a sala de aula do Brasil um ambiente mais hostil que acabou por aumentar os conflitos dentro do espaço escolar, tornando mais difícil conduzir discussões construtivas e respeitadas sobre temas históricos e sociais. Com a disseminação de *Fake News* e a desinformação, o consumo de informações falsas sobre História exigiu um esforço redobrado para ensinar os alunos a pensarem criticamente e a checar fontes.

Apesar das dificuldades, a professora acredita que o Ensino de História desempenha um papel fundamental na sociedade, seja na resistência ao negacionismo histórico e/ou na promoção de um ensino que valorize o pensamento crítico, a diversidade e os direitos humanos. Ela reafirma a importância da História como ferramenta de conscientização e formação cidadã, mesmo em tempos de adversidade. Destaca, por fim, que a escola Euclides, no município de Parauapebas, carrega consigo a marca de uma instituição que historicamente tem valorizado a autonomia docente e serve como um espaço democrático que busca o fortalecimento da cidadania e da consciência democrática. Além de ser um ambiente de formação e diálogo, permanecendo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, crítica e inclusiva dentro do município de Parauapebas.

Nesse sentido, o Ensino de História na referida escola tem se consolidado como uma via privilegiada para a compreensão da realidade local, ao possibilitar que os estudantes

²³ Jair Bolsonaro foi eleito em outubro de 2018 presidente da República com 57.797.847 dos votos, 55,13% do eleitorado brasileiro, pela Coligação Brasil Acima de Tudo, Deus Acima de Todos (PSL/PRTB). Seu mandato teve início em 1.º de janeiro de 2019, data de sua posse na Presidência da República, e encerrou-se em 31 de dezembro de 2022. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/biografia/biografia/>. Acesso em: 21 jun. 2025

reconheçam os processos históricos que conformaram o município de Parauapebas. A mobilização de memórias, experiências e narrativas dos sujeitos que integram a comunidade escolar promove a construção de uma consciência histórica crítica, capaz de situar os alunos no tempo histórico, interpretar as transformações sociais e fortalecer sua atuação enquanto agentes da própria história local.

1.4. Memória e pertencimento: os 40 anos da Escola Euclides Figueiredo entre celebrações e disputas simbólicas

Segundo a Etimologia²⁴, a origem da palavra escola vem do latim schola, “ocupação, local onde se ensina”. Ao fazer uma pesquisa no dicionário podemos encontrar muitos significados para a palavra escola, entre eles: “conjunto de professores, alunos e funcionários de uma instituição de ensino”, “Soma de conhecimentos; sabedoria, saber”, “prédio onde funciona essa instituição”, “algo que é próprio para instruir, para preparar ou acumular conhecimento; experiência”. Diante disso, compreende-se que a escola transcende sua materialidade física, configurando-se como um espaço de múltiplas interações sociais, afetivas e simbólicas, onde se constroem vínculos, tensões e experiências significativas.

É nesse contexto que a Escola General Euclides Figueiredo se consolida como um lugar de produção, preservação e ressignificação da experiência social, articulando práticas, rituais, celebrações e narrativas que contribuem para a construção da memória.

No ano de 2014, iniciei minha trajetória na cidade de Parauapebas, impulsionada pela busca por novas oportunidades profissionais. Após a aprovação no concurso público, me tornei professora titular de História do município passando a residir na cidade. Essa aprovação não foi apenas a confirmação da minha carreira docente que se iniciou, mas também o início de um vínculo emocional e identitário com o lugar. Após os primeiros anos de estranhamento com a região, desenvolvi, ao longo do tempo, um interesse sobre a história local e as múltiplas identidades que se formam na cidade, entendendo minha vida ali também como parte de um fluxo migratório em andamento que, a partir dos anos 1980, definiu a dinâmica social de Parauapebas.

Os anos vivenciados em Parauapebas prepararam o terreno para a construção de um olhar investigativo acerca da instituição que se tornou foco desta pesquisa: a Escola Estadual General Euclides Figueiredo. Com o tempo, percebi, em minha experiência cotidiana naquela

²⁴ ESCOLA. *Michaelis On-line: dicionário da língua portuguesa*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escola/>. Acesso em: 25 jun. 2024.

instituição, que a história da escola não se limitava unicamente à sua dimensão educacional, mas poderia ser compreendida como um território de memórias, identidades e narrativas plurais.

Ao investigar a referida instituição, proponho compreender de que modo a Cultura Escolar local se manifesta como expressão viva da história de Parauapebas, evidenciando as múltiplas tensões que atravessam tanto o cotidiano escolar quanto a estrutura social do município. A escola, nesse sentido, constitui-se a partir de seus processos históricos, memórias e disputas simbólicas, refletindo, atualizando e, por vezes, tensionando as dinâmicas socioculturais que marcam a trajetória da cidade

Na escola em questão atividades pedagógicas, cerimônias cívicas e narrativas escolares constituem importantes recursos para a consolidação de uma memória institucional. Comemorações como o aniversário da escola e a realização de projetos pedagógicos configuram-se como práticas ritualizadas que não apenas preservam elementos do passado, mas também possibilitam sua atualização e ressignificação. Tais eventos contribuem para fortalecer vínculos identitários entre os sujeitos escolares e promover uma memória viva, em constante diálogo com as transformações do presente.

Em 2024, a cidade de Parauapebas comemorou 36 anos de emancipação político-administrativa, e a Escola Estadual General Euclydes Figueiredo 40 anos atuando na educação da cidade. Desde sua fundação, a história da escola esteve ligada à história do município, já que a chegada da escola à região simbolizou o papel social na consolidação da educação local. Haja vista que a instituição influenciou fortemente a formação e integração social de indivíduos que vieram de outras regiões se estabelecer em Parauapebas, com o objetivo de encontrar melhores condições de vida.

A celebração dos 40 anos da escola serve como exemplo para ilustrar esse processo de criação de uma memória. O evento realizado pela escola e envolvendo a participação de alunos, professores e funcionários, contou com exposições de fotografias, depoimentos orais e performances culturais. Estes são elementos que confirmam a escola como um lugar de pertencimento e identidade compartilhada.

A Escola General Euclydes Figueiredo celebrou seu quadragésimo aniversário em 1º de março de 2024. Além da comemoração feita na escola houve também uma sessão solene realizada na Câmara Municipal de Parauapebas para comemorar a história da escola e o que ela representou para o desenvolvimento do município, iniciado na década de 1980 em meio a uma expansão econômica e social causada por um "boom" da mineração.

A programação comemorativa teve início no período vespertino, prolongando-se até o início da noite. A quadra da escola encontrava-se repleta de estudantes e demais membros da

comunidade escolar, todos reunidos para celebrar o aniversário da instituição. Ao proceder à análise dos discursos proferidos durante a cerimônia, remeti-me imediatamente às considerações de Carmem Gil, para quem

A memória é um trabalho do presente e, portanto, não há resgate de memórias. O passado que se rememora e se esquece é ativado em um presente e em função de expectativas futuras inscritas em uma representação de tempo e espaço. A memória coletiva não é uma entidade que existe acima dos indivíduos, não se trata de dados e, por isso, é importante centrar a atenção nos processos de sua construção, evidenciando os diferentes sujeitos sociais e as disputas de sentidos, de modo que a história cumpra sua tarefa de fazer o debate explicitando as escolhas e as negociações da memória.²⁵

O evento, que foi organizado em cooperação com a Diretoria Regional de Ensino, trouxe um sentimento de pertencimento entre todos, um senso de orgulho e entusiasmo entre os presentes. A celebração foi uma ótima oportunidade para inspirar a lembrança e a reconstrução da memória, para contar histórias e rever pessoas que fizeram parte da escola ao longo dessas quatro décadas.

Algumas pessoas que compuseram e ainda compõem a trajetória histórica da instituição encontravam-se presentes na cerimônia, evidenciando o caráter coletivo e intergeracional da memória escolar. Destacavam-se entre os presentes a primeira diretora da escola, professora Irenilde Soares Barata, e a primeira docente, Maria do Carmo Cremite, além de professores já aposentados e outros que, mesmo transcorridos alguns anos desde a fundação da escola, continuam a exercer suas atividades, como o professor Aloísio Feitosa. A solenidade contou ainda com a presença de ex-alunos e do atual diretor, professor Arão Marques, bem como de professores em atividade, estudantes, funcionários e representantes do poder público municipal. Destaca-se também a participação da Diretoria Regional de Ensino, compondo o quadro de autoridades e convidados que conferiram ao evento um caráter público e oficial. Tal configuração evidencia a relevância social e institucional do ato comemorativo, que extrapolou os limites da comunidade escolar para afirmar-se como um momento de reconhecimento coletivo da trajetória histórica da escola no âmbito do município.

²⁵ GIL, Carmem. Memória. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Dias de (orgs.). *Dicionário de ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 160-161.

Figura 2 – Sessão solene na Câmara Municipal de Parauapebas em homenagem aos 40 anos da Escola Estadual General Euclides Figueiredo, realizada em 1.º de março de 2024.



Fonte: Anderson Moratório

A cerimônia constituiu-se em um marco significativo na trajetória da Escola General Euclides Figueiredo, consolidando-a como referência na história educacional de Parauapebas. Enquanto um espaço singular para a construção de identidades e de memórias compartilhadas entre uma cidade e sua história. O evento do 40º aniversário de 2024 ilustra quanto são simbólicas essas ocorrências.

Essas comemorações, através do uso da memória, promovem uma história institucional que valoriza o passado e fortalece a identidade da escola que transcende os espaços materiais e se espalha pelas práticas sociais e culturais e dão significado a relação passado e presente.

As histórias contadas pela primeira diretora, pelo diretor atual, professores, ex-alunos e alunos atuais oferecem uma perspectiva sobre a composição da memória da escola através de experiências individuais e coletivas, entrelaçadas com emoção e símbolos. Segundo a Professora Irenilde Soares Barata, primeira gestora da instituição:

A escola era o centro da cidade. Era este lugar tudo acontecia. Organizávamos festas, formaturas, shows e até casamentos. Lembro da formatura dos alunos de contabilidade, as festas do Dia das Mães, feira de ciências, show evangélicos, a Feira Agropecuária de Parauapebas (FAP) que teve um ano que foi realizada na escola, teve shows com as duplas sertanejas Zezé Di Camargo e Luciano, Leandro e Leonardo e Milionário e José Rico, que fizeram show na escola, pois na época os grandes eventos eram realizados no Euclides Figueiredo até porque não havia outro espaço para esses eventos na cidade. Teve também a realização de casamentos comunitários, uma vez eu casei uma média de 800 casais, pois eu também atuava como juíza de casamento,

função que exerci por 18 anos. A celebração aconteceu onde hoje é a quadra da escola que na época nem existia e nem era tão bonita como é hoje.²⁶

Essas experiências memorializadas, repletas de significados emocionais, constroem a matriz básica na formação de uma escola não apenas como um espaço físico, mas como um imaginário social de Parauapebas. Como nos lembra Jacques Le Goff, a memória de longa duração é sempre recuperada pelo presente, perpetuamente convocada para ser apropriada pelos sujeitos sociais.²⁷

Ao longo do tempo, a escola construiu um repertório de práticas, significados e relações que ultrapassam sua função pedagógica formal, afirmando-se como um território de memória e de identidade local. Cerimônias de formatura, competições esportivas, feiras culturais e eventos comemorativos, inseridos no âmbito da Cultura Escolar, configuram práticas que alimentam e ressignificam a memória institucional, fortalecendo os vínculos entre a escola e a comunidade.

Nesse contexto, a partilha do espaço físico da Escola General Euclides Figueiredo com a Escola Municipal Chico Mendes II, ocorrida durante a década de 1990, surge como um exemplo emblemático de como memória e identidade institucional são continuamente negociadas e ressignificadas. Tal episódio evidencia que as memórias construídas em torno da escola não se limitam a narrativas lineares ou consensuais, mas integram conflitos latentes e diferentes projetos de pertencimento, que se entrecruzam no cotidiano escolar e na própria história social de Parauapebas.

É crucial esclarecer aqui que a memória escolar não é homogênea, mas sim atravessada por tensões, esquecimentos e disputas simbólicas. As narrativas recolhidas por meio das entrevistas evidenciam sentimentos ambíguos em relação a esse processo, revelando tanto resignação quanto certo ressentimento, o que demonstra como essas memórias são permeadas por afetos contraditórios e por interpretações diversas acerca do que significou, para a comunidade escolar, compartilhar o mesmo espaço físico com outra instituição.

²⁶ Discurso de Irenilde Soares Barata, proferido durante a celebração do 40º aniversário da Escola General Euclides Figueiredo, Parauapebas (PA), 2024.

²⁷ Jacques Le Goff, *op. cit.*

Figura 3 – Fachada da Escola Estadual General Euclides Figueiredo e da Escola Municipal Chico Mendes II.



Fonte: Autoria própria.

Esta imagem das fachadas da Escola Estadual General Euclides Figueiredo e da Escola Municipal Chico Mendes II não apontam apenas para uma estranheza arquitetônica, mas uma configuração institucional multimodal refletindo um complexo emaranhado de memórias, pedagogias e identidades escolares aglutinadas no sistema educacional local em Parauapebas. A configuração de duas instituições, uma estadual e outra municipal, compartilhando o mesmo espaço físico, e fazendo isso desde 1993, de acordo com documentos oficiais e narrativas orais, é uma prática que não se limita à realidade espacial, já que se torna uma parte essencial da Cultura Escolar local.

Esta situação dá realidade à existência de variadas políticas públicas de educação e distintas memórias coletivas circulando na vida cotidiana dos sujeitos na escola. Este tipo de disposição privilegia o entrelaçamento de trajetórias educacionais, cursos de vida e projetos didáticos e leva à criação de uma identidade híbrida de pertencimento entre os estudantes que passam por lá.

A imagem, ao mesmo tempo, faz referência à necessidade de compreender a escola como um espaço de memória viva, um espaço onde o passado é entrelaçado com o presente por meio de relações sociais, narrativas e usos emblemáticos do espaço. Assim, a imagem é um registro que ultrapassa a ideia de ser somente um prédio. Ela é, por si só, uma fonte visual para a história que complementa o corpo de análise desta pesquisa cuja leitura crítica contribui para

consolidar o conceito da escola como um território de memória, como disse Pierre Nora²⁸, onde a vida cotidiana, as marcas da gestão, os gestos pedagógicos, a presença física das pessoas são elementos de uma identidade histórica em construção permanente.

Para muitos professores, gestores, alunos e funcionários em geral, que viveram a transição, a divisão do espaço escolar foi percebida como uma ruptura na continuidade da Cultura Escolar construída ao longo de décadas. Depoimentos de antigos gestores e docentes da Escola Euclides Figueiredo revelam sentimento de perda e desalojamento simbólico.

A convivência entre as duas escolas foi marcada por tensões relacionadas à disputa por horários privilegiados de uso de espaços, conflitos por identidade visual (uniformes, placas, símbolos institucionais) e dificuldades na organização de eventos comemorativos. A sobreposição de práticas e culturas escolares distintas exigiu adaptações constantes e, por vezes, gerou sentimentos de desidentificação e resistência por parte dos sujeitos escolares vinculados à instituição mais antiga.

Entretanto, é importante ressaltar que, apesar das tensões, a coexistência também proporcionou a construção de novos arranjos sociais e de formas de sociabilidade interinstitucional. Professores, funcionários e alunos, ao longo do tempo, desenvolveram estratégias de convivência e de gestão compartilhada do espaço, atenuando os conflitos e criando possibilidades de colaboração em projetos pedagógicos e eventos culturais.

A escola é, nesse sentido, um cenário como memória em erupção, chocando-se com os significados, somando-se à formação das identidades sociais e culturais. Essa investigação da Escola General Euclides Figueiredo como um espaço para produção de memória coloca a importância da instituição para Parauapebas, confirmando sua posição como um local de memória da história da cidade.

²⁸ Pierre Nora, *op. cit.*

CAPÍTULO 2

ESCOLA E CIDADE: A FORMAÇÃO DA CULTURA ESCOLAR EM PARAUAPEBAS ATRAVÉS DA ESCOLA GENERAL EUCLYDES FIGUEIREDO

2.1 Parauapebas: uma história construída por muitas mãos

A trajetória de formação do município de Parauapebas insere-se em um processo histórico mais amplo, marcado pelas estratégias estatais de ocupação e exploração econômica da Amazônia, intensificadas durante o regime militar brasileiro. Na década de 1970, o governo militar lançou a palavra de ordem “integrar para não entregar”²⁹, sintetizando o projeto geopolítico de consolidar a presença nacional na região frente a pressões externas e internas. Tal diretriz traduziu-se, na prática, em incentivos a megaprojetos mineradores, madeireiros e agropecuários, que redesenharam profundamente as dinâmicas territoriais, demográficas e socioeconômicas do sudeste paraense.

Segundo Célia Congilio e Joyce Ikeda começara a partir dos grandes projetos mineradores e madeireiros além da agropecuária extensiva. Para as autoras “[...] trata-se de uma região composta por catorze municípios localizados em 54.469,20 Km² no estado do Pará e no qual o município de Marabá é importante centro administrativo [...]”³⁰; Elas ressaltam que, durante um longo período, a dinâmica econômica da região esteve assentada em sucessivos ciclos do extrativismo vegetal, especialmente o da borracha e o da castanha, este último já em declínio no momento em que o golpe militar de 1964 inaugura para o Brasil novas formas de inserção na ordem econômica mundial.

Com a implantação do Projeto Carajás, em 1980, o município de Marabá consolidou-se rapidamente como um expressivo polo industrial, agrícola e comercial, projetando sua influência para além dos limites administrativos e impactando diretamente o território que mais tarde daria origem ao município de Parauapebas. Esse contexto evidencia como a história local não pode ser dissociada das estratégias nacionais e globais de exploração de recursos e de reconfiguração territorial implementadas nas últimas décadas do século XX.

²⁹ Expressão cunhada durante o regime militar brasileiro (1964–1985), que sintetizava a política de integração territorial da Amazônia ao restante do país, com o objetivo estratégico de consolidar a presença do Estado na região frente a supostas ameaças estrangeiras. Tal diretriz justificou grandes projetos de infraestrutura e mineração, especialmente a construção de rodovias e a exploração dos recursos naturais da região norte.

³⁰ CONGILIO, Célia Regina; IKEDA, Joyce Cardoso Olímpio. A ditadura militar, expansão do capital e as lutas sociais no sudeste paraense. *Revista Territórios e Fronteiras*, Cuiabá, v. 18, n. 32, p. 79-90, 2014.

A história da formação do município de Parauapebas, situado na região sudeste do estado do Pará, é profundamente marcada por processos de ocupação territorial que se intensificaram na segunda metade do século XX. Nesse cenário, a implantação de grandes projetos mineradores, como o Projeto Ferro Carajás (PFC), transformou radicalmente a dinâmica territorial e social do sudeste paraense. Parauapebas emergiu como um dos principais polos dessa transformação, impulsionado pela descoberta de extensas jazidas de minério de ferro na Serra dos Carajás e pela consequente instalação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) na região.

Reconhecida como a "terra da oportunidade", Parauapebas se configura nesse cenário marcado por fluxos migratórios intensos, caracterizados pela chegada e partida de indivíduos oriundos das mais diversas regiões do país. Trata-se de uma cidade em que a trajetória histórica reflete contrastes e dinamicidades próprias de uma localidade em constante transformação. Como observa Pere Petit, o Pará se destacou como o estado brasileiro onde se localizavam as maiores jazidas minerais descobertas, notadamente de ferro, alumínio e cobre, fomentando um ciclo econômico de intensa exploração e exportação de recursos naturais.

Pere Petit destaca como o “Ciclo do Minério”, no qual o Pará se destaca como o Estado brasileiro onde se localizavam as maiores jazidas de mineral descobertas no Brasil impacta na região. Segundo o autor

[...] as mais importantes reservas de minério de ferro, de alumínio e cobre; a segunda maior reserva de manganês do país; além de importantes reservas de ouro, níquel, estanho e caulim. Não foi por acaso, portanto, o fato de ter sido nesse Estado que se deu a implementação dos denominados grandes projetos minero-metarlúrgicos e hidrelétricos na Região Norte, especialmente os destinados a viabilizar a extração e transporte das riquezas mineiras descobertas na Serra dos Carajás, considerada a maior província mineral do mundo [...].³¹

A esse respeito, o autor cita que a partir de 1986, com o início da exportação de ferro extraído da Serra de Carajás, temos no Estado do Pará o “ciclo econômico do minério”, acarretando mudanças de caráter socioeconômicas no Estado por volta dos anos 70 e início dos anos 80, principalmente por conta dos movimentos migratórios.

Para Charles Souza e Tania Pereira, a origem do município de Parauapebas está ligada à extração mineral, quando em 1967 geólogos e engenheiros descobrem uma imensa jazida de ferro e outros minérios na região. Eles ressaltam que, até então, a região era habitada pelos indígenas “Kayapó” e esporadicamente por coletores de castanha do Pará, que chegavam na

³¹ PETIT, Pere. *Chão de promessas: elites políticas e transformações econômicas no Estado do Pará pós-1964*. Belém: Editora Açai, 2003. p. 97-98.

floresta através do rio Itacaiúnas, vindos da cidade Marabá. Nesse contexto, percebe-se o processo na dinâmica de expansão capitalista para a Amazônia Oriental, pelas mineradoras, a partir da década de 1970.

Os autores salientam que, para a instalação do Projeto Ferro Carajás (PFC) no início da década de 80, a Companhia Vale do Rio Doce almejava dois núcleos urbanos, cada um com sua função: um que atendesse aos seus funcionários; outro para alojar a mão de obra que iria trabalhar na construção da estrada de Ferro de Carajás:

Para a instalação do PFC no início da década de 1980, a Vale planejou dois núcleos urbanos, cada um com função. O primeiro abrigaria funcionários da Vale envolvidos diretamente na extração mineral. Este construído no topo da serra dotado de toda uma infraestrutura, chamado Núcleo Urbano de Carajás – company town ou cidade empresa. O segundo no sopé da serra, foi construído para alojar mão-de-obra na construção da Estrada de Ferro Carajás, na construção civil da company town e na estrada de acesso ao núcleo e pequenos comerciantes denominado Cidade Nova.³²

Segundo Miguel Reis, foi com a implantação do Projeto Ferro Carajás em 1981 que, ao redor do Rio Parauapebas, começou a se construir a vila que viria a se tornar um município no decorrer dos anos, com o deslocamento de milhares de pessoas para a região. O autor enfatiza que além dos trabalhadores que vieram atender à demanda do projeto, vieram gente de todo o país, como: “fazendeiros, madeireiros, garimpeiros [...]”.³³ Reis destaca também que no ano de 1984, o povoado de Parauapebas já contava com 7 mil habitantes com pessoas vindas de todo o Brasil. A rápida expansão demográfica de Parauapebas, que acontece a partir da migração de trabalhadores de todo o território brasileiro, mudou profundamente o panorama social da região.

O município que havia sido inicialmente planejado com núcleos urbanos estruturados, experimenta um processo de urbanização espontânea e irregular, caracterizada pela precariedade na habitação e pela falta de serviços básicos. Sob esse ponto de vista, a educação serviu como um instrumento para a inserção social dos migrantes e como o canal para a formação de uma nascente identidade. A fundação da Escola Estadual de Ensino Médio General Euclides Figueiredo, em 1984, se insere dentro desse contexto em que a escola tem um papel diante da crescente demanda populacional, como um lugar para a inclusão e socialização dos grupos que compunham o mosaico populacional de Parauapebas.

³² GEMAQUE, Charles Benedito; PEREIRA, Tania Cristina Brunele. A urbanização no entorno dos grandes projetos da Amazônia: as áreas de risco em Parauapebas (PA). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE – ANPPAS, 4., 2008, Brasília. *Anais...* Brasília: ANPPAS, 2008. p. 4.

³³ REIS, Miguel. *A história de Parauapebas: força e trabalho no Carajás*. Parauapebas: [s.n.], 2016.

A história da educação formal no município, ainda enquanto distrito de Marabá, remonta à criação das primeiras escolas improvisadas por iniciativas comunitárias, muitas vezes localizadas em edificações de madeira, como relatam documentos e memórias de antigos moradores. A construção da Escola General Euclides Figueiredo, financiada pela Companhia Vale do Rio Doce com recursos do Banco Mundial, representou um avanço significativo na infraestrutura educacional local.

Além de oferecer educação tanto primária quanto secundária (esta última até o 8º ano) e programas educacionais como Ensino, Administração e Contabilidade, a escola também se torna uma referência regional, desempenhando um papel importante na formação dos primeiros quadros profissional do município. A escola em Parauapebas é apresentada como um projeto de desenvolvimento econômico para a região, que mostra a articulação de planos econômicos, expansão urbana e a oferta de educação.

As informações recolhidas por meio das narrativas sobre a escola evidenciam que, desde sua origem, a instituição teve papel multifuncional se tornando um lugar de encontro, sociabilidade e produção de memórias, reiterando sua importância não apenas no campo educacional, mas também como elemento estruturante da vida social e cultural de Parauapebas.

Em momentos cruciais, como durante a Revolta dos Garimpeiros em 1984, a escola foi notavelmente poupada de atos de depredação; em parte, acredita-se que porque a comunidade a reconhecia como um símbolo de esperança e de perspectivas de progresso para Parauapebas. Não obstante, o processo de expansão da rede escolar foi inicialmente marcado por improvisações e por sérias deficiências estruturais, que só começaram a ser enfrentadas de maneira mais sistemática com a municipalização do ensino e o fortalecimento das políticas públicas educacionais, desencadeados nos anos subsequentes à emancipação política do município, em 1988.

Dessa forma, ao se entrelaçar com os processos históricos de constituição urbana e social de Parauapebas, a trajetória da Escola General Euclides Figueiredo revela como a Cultura Escolar foi sendo construída em meio a disputas, adaptações e continuidades. As práticas pedagógicas, os rituais institucionais e as memórias compartilhadas pelos sujeitos que vivenciaram essa experiência configuram um rico acervo simbólico que ultrapassa os limites da instituição escolar, contribuindo ativamente para a constituição da identidade do município.

Nesse sentido, compreender a história da Escola General Euclides Figueiredo é também lançar luz sobre os processos sociais mais amplos que fazem parte da cidade de Parauapebas. A escola, ao longo de sua trajetória, não apenas acompanhou as transformações do município, mas tornou-se parte indissociável delas, consolidando-se como espaço de produção de sentidos,

de negociações e de enraizamento afetivo. Sua permanência, mesmo diante das adversidades estruturais e políticas, atesta sua relevância como lugar de memória viva, no qual se entrelaçam passado, presente e projetos futuros de pertencimento e cidadania. Assim, a instituição se inscreve na paisagem urbana e na história como um dos principais pontos da identidade da cidade.

2.2 Escola Euclides Figueiredo: início, desafios e perspectivas

Atualmente a Escola Estadual de Ensino Médio General Euclides Figueiredo, situada no Bairro Cidade Nova, Rua B, Quadra Especial, S/N, Município de Parauapebas/Pará, atualmente possui 17 salas de aulas; 1 refeitório; 1 sala de Direção; 1 de Coordenação Pedagógica e 1 Sala de professores. A média de alunos da escola está em torno de 1.215 alunos e oferta o Ensino Médio regular, do 1º ao 3º ano. A instituição está presente em bairro central da cidade, em uma localização privilegiada, tendo a possibilidade de ser atendida com várias linhas de transportes públicos, o que facilita o acesso de alunos(as) oriundos(as) de outros bairros que buscam, mesmo com a distância, estudar na escola por considerá-la uma instituição com tradição no município. A maior parte dos estudantes que frequentam o estabelecimento de ensino são considerados de família com nível socioeconômico de classe média.

O quadro de funcionários da Escola conta com 38 professores efetivos e 13 contratados, 04 agentes de portaria, 01 servente, 03 merendeiras, 01 secretário escolar, 01 auxiliar de secretaria e 03 gestores. Na direção já estiveram um total de 15 gestores, entre eles: Irenilde Soares Barata; Jacira Brasil da Silva; Osmar Resende; Marcos Gonçalves dos Santos; Francisangela Vicente Ferreira de Resende; Eunice Vieira Lemos Souza; Leila Maria Lobato de Araújo; Marilena Rosa Marques; Solange Maria Míglio de Melo; Nilza Coelho Rodriguês; José de Souza Gomes; Josué Celesmar de Carvalho; Gislene Francisca Santos; José Sena da Silva; e Arão Marques da Silva até o presente momento.³⁴

Em 1984, a criação da Escola Estadual General Euclides Figueiredo fez parte do processo de estruturação urbana e social do município de Parauapebas, completando-se no cenário mobilizador do crescimento da mineração e da população da região nos anos 1980. Inicialmente projetada para atender à demanda educacional emergente da população oriunda de diferentes localidades brasileiras para a nova cidade, a escola rapidamente se tornou uma das principais estruturas institucionais da cidade em formação.

³⁴ PARÁ. Secretaria de Estado de Educação. Escola Estadual General Euclides Figueiredo. *Projeto Político-Pedagógico*. Parauapebas, 2023. Documento interno.

Financiada pela Companhia Vale do Rio Doce, a Escola nos seus primeiros anos ofereceu aulas, desde o ensino fundamental até níveis técnicos e profissionais.³⁵ A estrutura da escola, formada por salas, biblioteca, laboratório e bloco administrativo, revelou uma primeira preocupação com a possibilidade de dar à cidade uma instituição que proporcionasse uma base educacional sólida e qualificada.

A escolha do nome da instituição também reflete o contexto político e simbólico da época. Originalmente chamada Escola Municipal e Estadual João Batista Figueiredo, homenageando o Presidente da República da época, teve o nome alterado para General Euclides Figueiredo, a pedido do próprio presidente, em homenagem a seu pai. Essa mudança de nomenclatura insere a escola no complicado campo da política da memória, identidade institucional e Cultura Escolar.

A criação da escola além da função voltada ao ensino, constitui-se como um espaço de sociabilidade, de formação de vínculos e de fortalecimento da identidade local. Sob a liderança da primeira diretora, professora Irenilde Soares Barata, a escola enfrentou, desde seu início, os desafios estruturais impostos por um território marcado pela escassez de recursos, pela ausência de serviços públicos básicos e pelas limitações logísticas, reafirmando, assim, seu papel como agente de transformação social no município de Parauapebas.

[...] nós começamos praticamente do zero, com poucos professores e muitos alunos. A escola era, ao mesmo tempo, lugar de ensino e de resistência, pois precisávamos lutar por recursos, por formação e pela construção de uma identidade educacional em uma cidade que ainda estava se formando.⁷

Desde seus primeiros anos, a escola assumiu múltiplas funções sociais: foi espaço de formação escolar, mas também de convivência, de celebrações culturais e de fortalecimento de laços identitários entre os moradores de Parauapebas. Efemérides escolares, festas cívicas e atividades extracurriculares tornaram-se práticas recorrentes, consolidando a escola como lugar de expressão da cultura comunitária.

Refletir sobre a constituição da Cultura Escolar da Escola General Euclides Figueiredo implica reconhecer um processo dinâmico e multifacetado, marcado pela interação entre diferentes sujeitos, professores, alunos, funcionários e gestores; e pela incorporação de práticas e valores que, ao longo do tempo, foram moldando sua identidade institucional. A constituição histórica dessa unidade escolar não pode ser dissociada dos movimentos sociais, culturais e políticos que conformaram Parauapebas, fazendo da escola um dos eixos articuladores da memória local.

³⁵ *Ibid.*

A análise dos primeiros anos da escola evidencia ainda as tensões e desafios enfrentados para a consolidação de práticas pedagógicas consistentes. A escassez de professores qualificados, a falta de recursos didáticos e as dificuldades logísticas impostas pelas características geográficas e econômicas da região exigiram soluções criativas e esforço coletivo para garantir o funcionamento da instituição. A implementação de cursos de Magistério e de formação técnica foi uma resposta estratégica para atender à demanda local por formação profissional e educacional.

O papel da escola na formação da identidade local se reafirma também em momentos emblemáticos, como a realização de eventos históricos em seu espaço, a exemplo do plebiscito que sancionou a emancipação política de Parauapebas, realizado nas dependências da Escola General Euclides Figueiredo. Tal fato evidencia a centralidade simbólica da instituição na constituição da história política e social do município. Conforme relata matéria do site *Pebinha de Açúcar*³⁶, citando o depoimento da ex-diretora Irenilde Soares Barata, a votação do plebiscito que assegurou a emancipação do município em relação a Marabá ocorreu nas instalações da escola, assim como a solenidade de entrega oficial do município, realizada em seu pátio.

Tais episódios instigam reflexões acerca da relação entre escola e sociedade: qual teria sido o papel dessa instituição em uma localidade que, à época, ainda não existia formalmente enquanto município? Poder-se-ia dizer que a sociedade se organizou a partir do tempo instituído pela escola? Em que medida a escola interfere na dinâmica social e contribui para reconfigurar o tempo histórico local? Nesse sentido, é possível compreender a escola como um símbolo de progresso, esperança e oportunidade, cujo impacto ultrapassa os limites das salas de aula, influenciando profundamente uma rede social e projetando efeitos duradouros sobre a comunidade. Refletir sobre sua trajetória histórica torna-se, portanto, essencial para reconhecer as bases nas quais se constroem a educação e o desenvolvimento contínuo de Parauapebas.

³⁶ [...] Em 1985, deu-se início à luta pela emancipação política da vila. Mas Parauapebas só teve autonomia administrativa depois de quatro anos de movimentos favoráveis ao desligamento político de Marabá. A vila, por meio de plebiscito, tornou-se município a partir da Lei Estadual nº 5.443/88, de 10 de maio de 1988. Somente após 4 anos de luta política Parauapebas foi emancipado, através da Lei nº 9.443/88, de 10 de maio de 1988 [...]. Irenilde Soares Barata também foi testemunha do plebiscito. Ela lembra que esse dia foi maravilhoso. “A eleição foi no Euclides Figueiredo. Todo mundo vinha votar naquela alegria, naquela empolgação e as pessoas votavam pelo ‘Sim’. O curioso é que algumas delas votavam várias vezes, pois não havia muita rigidez na fiscalização, e quando foi no dia 10 de maio de 1988 o município foi emancipado”. Segundo ainda Irenilde, a entrega oficial do município aconteceu no pátio da escola. Os representantes políticos de Marabá e de Parauapebas acertaram que, a partir daquele dia, todo funcionário da Prefeitura de Marabá que prestava serviço em Parauapebas seria automaticamente incorporado ao quadro da prefeitura do novo município [...]. (PEBINHA DE AÇÚCAR. Conheça Parauapebas, a capital nacional do minério. Disponível em: < Conheça Parauapebas, a capital nacional do minério - Portal Pebinha de Açúcar - 17 anos (pebinhadeacucar.com.br)>. Acesso em 09 de jul. 2024.

Esse papel integrador da escola se consolidou, na prática, por meio da realização de múltiplos eventos que extrapolaram a rotina escolar e atenderam às demandas sociais da cidade em formação. Desde os primeiros anos de sua implantação, a Escola Euclides Figueiredo foi cenário de celebrações religiosas, festas populares, cerimônias cívicas, feiras culturais, gincanas, torneios esportivos e festas juninas, iniciativas que supriam, em grande medida, a ausência de espaços públicos estruturados em Parauapebas nas décadas de 1980 e 1990. Essas práticas, para além de seus objetivos pedagógicos imediatos, funcionavam como rituais de integração social, mobilizando afetos, memórias e sentidos de pertencimento. Ao legitimar a escola como espaço de convivência, celebração e expressão cultural, esses eventos contribuíram de forma decisiva para a construção de uma identidade compartilhada, na qual a instituição escolar assumiu centralidade simbólica na vida cotidiana do município.

As entrevistas realizadas revelam que a participação nesses eventos escolares era vivenciada como uma extensão da vida comunitária: "A gente não via a escola só como o lugar de estudar, era o centro da nossa vida social. As festas, os campeonatos, as comemorações... tudo isso fazia a gente se sentir parte de algo maior."³⁷

Essas práticas de sociabilidade escolar contribuíram para a formação de redes de amizade, de solidariedade e de identidade que ultrapassavam os limites da instituição e se projetavam na vida social da cidade. A escola, ao fomentar esses vínculos, participou ativamente da configuração das identidades locais, funcionando como espaço de construção da cidadania e da memória coletiva de Parauapebas.

Outro aspecto relevante diz respeito à atuação da escola na valorização da diversidade cultural da cidade. A heterogeneidade dos alunos, oriundos de diferentes regiões do Brasil, trouxe para o interior da escola uma multiplicidade de práticas culturais que foram sendo incorporadas nas atividades escolares, especialmente nas feiras culturais e nos projetos pedagógicos interdisciplinares. Essa valorização da diversidade contribuiu para a formação de uma identidade local plural e inclusiva, em consonância com a dinâmica social da cidade.

No caso da Escola General Euclides Figueiredo, a articulação entre práticas escolares e vida comunitária revela o potencial da instituição para atuar como agente de coesão social e de produção cultural. A presença da escola em marcos históricos de Parauapebas evidencia sua inserção nas esferas cívicas e públicas do município. Ao sediar eventos decisivos, a instituição se consolida como referência de legitimidade e engajamento coletivo, ultrapassando sua função educacional.

³⁷ Irenilde Soares Barata, *Entrevista de 2024, op. cit.*

Assim, a referida instituição não apenas acompanhou o crescimento e as transformações de Parauapebas, mas também atuou como um centro de formação das relações sociais e da identidade cultural da cidade, transformando-se em um lugar de memória fundamental para sucessivas gerações de parauapebenses. Dessa forma, a fundação dessa instituição não pode ser compreendida apenas como a criação de uma unidade escolar, mas deve ser vista como parte integrante do processo de formação de uma identidade local, onde a Cultura Escolar desempenha papel fundamental na articulação entre memória, educação e sociedade.

No âmbito das práticas escolares, os eventos festivos são um dispositivo chave na construção e reconstrução da Cultura Escolar, como mecanismos para reconstruir identidades e atualizar a memória institucional. Para além das celebrações de datas nacionais, destacam-se atividades institucionais que foram incorporadas ao cotidiano escolar, como as festas juninas, os projetos pedagógicos e os jogos escolares. Essas práticas, naturalizadas no dia a dia da escola, contribuíram de maneira decisiva para o fortalecimento dos vínculos entre os membros da comunidade escolar e para a constituição de um senso de pertencimento à instituição, que extrapola as fronteiras do espaço escolar.

A memória é um trabalho do presente e, portanto, não há resgate de memórias. O passado que se rememora e se esquece é ativado em um presente e em função de expectativas futuras inscritas em uma representação de tempo e espaço. A memória coletiva não é uma entidade que existe acima dos indivíduos, não se trata de dados e, por isso, é importante centrar a atenção nos processos de sua construção, evidenciando os diferentes sujeitos sociais e as disputas de sentidos, de modo que a história cumpra sua tarefa de fazer o debate explicitando as escolhas e as negociações da memória.³⁸

Tal observação acerca da relação entre história e memória permite esclarecer o modo como pode ser analisada a dinâmica que se estabelece entre essas duas vertentes no contexto das comemorações. As falas registradas ao longo da efeméride devem ser interpretadas à luz das demandas e dos atores sociais que protagonizam o evento no tempo presente. As comemorações, enquanto práticas sociais legítimas, assumem importância na celebração da memória e na construção de identidades. Entretanto, do ponto de vista do historiador, torna-se imprescindível atentar para os elementos que são invocados e para aqueles que são, consciente ou inconscientemente, relegados ao esquecimento. O historiador, portanto, não deve se limitar à celebração, mas precisa investigar, de maneira criteriosa, as relações de poder e as disputas simbólicas que configuram a memória social.

³⁸ GIL, Carmen Rial. Memória social e produção de identidades. *Cadernos Cedes*, Campinas, v. 19, n. 45, p. 22-33, abr. 1998.

A realização de cerimônias de formatura, desde os primeiros anos de funcionamento da escola, também merece destaque. As solenidades, marcadas por rituais de passagem que simbolizam o encerramento de uma etapa da vida escolar, são momentos privilegiados de afirmação da identidade dos estudantes. Para muitos jovens, a cerimônia de formatura representa o reconhecimento social de sua trajetória escolar e sua inserção como cidadãos plenos na comunidade.

Os eventos esportivos, como os jogos internos e os campeonatos de futsal, igualmente configuram práticas da Cultura Escolar que contribuem para o fortalecimento dos laços de solidariedade e pertencimento entre os alunos. A organização desses eventos, geralmente conduzida em parceria entre professores e discentes, favorece o desenvolvimento de competências sociais e a construção de práticas culturais que envolve a instituição.

Importante ressaltar que tais rituais não são meramente reproduções mecânicas de tradições; eles são constantemente ressignificados pelos sujeitos escolares, que lhes conferem novos sentidos a partir de suas experiências e demandas contemporâneas. Nesse processo, a Cultura Escolar da Escola General Euclides Figueiredo revela sua capacidade de adaptação e renovação, assegurando sua relevância na formação de identidades sociais em Parauapebas.

Portanto, os eventos escolares desempenham papel central na formação da identidade da instituição, configurando-se como práticas de Cultura Escolar que promovem a coesão social, a transmissão de valores e a atualização da memória. A análise dessas práticas revela a importância da escola enquanto espaço de produção cultural e de construção de pertencimento.

2. 3 Perspectiva temporal nos registros docentes: diálogos entre passado e presente

A perspectiva temporal nos registros docentes constitui uma fonte importante para compreender os sentidos atribuídos ao Ensino de História em diferentes momentos da trajetória escolar. Por meio da análise dos diários escolares, é possível reconstruir as escolhas pedagógicas, os conteúdos priorizados, as abordagens metodológicas e os referenciais curriculares que orientaram o trabalho docente ao longo do tempo. Esses registros, ainda que produzidos com fins administrativos, revelam marcas de uma Cultura Escolar em constante negociação entre permanências e mudanças. Ao comparar anotações de diferentes períodos, torna-se viável perceber como as experiências de ensino se articularam às transformações mais amplas na política educacional, bem como aos contextos socioculturais específicos da cidade de Parauapebas. Nesse sentido, os diários configuram-se como documentos que não apenas

registram, mas também expressam os modos como o tempo, a memória e o conhecimento histórico foram sendo construídos no cotidiano da Escola General Euclydes Figueiredo.

Logo, a análise dos diários escolares possibilita compreender quais conteúdos de História foram abordados ao longo dos anos, permitindo identificar de que maneira a Cultura Escolar, os métodos de ensino e as orientações curriculares se transformaram no decorrer do tempo. Essa reflexão pode oferecer uma rica perspectiva sobre a Cultura Escolar, revelando como as práticas pedagógicas, as interações sociais e as dinâmicas institucionais influenciam o ensino e a aprendizagem da disciplina. Esses diários funcionam como reflexões pessoais e profissionais que ajudam a entender a realidade do ambiente escolar, bem como as crenças e os valores que permeiam a prática docente.

Ao entrar em contato com a atual direção da escola para poder ter acesso aos diários dos professores de História da escola, não me deparei com nenhum tipo de dificuldade, ao contrário, tive acesso a toda a documentação e a possibilidade de pesquisar no arquivo da escola. A dificuldade maior foi encontrar diários nos quais houvesse os registros dos professores de maneira completa.

Quais conteúdos de História foram trabalhados em sala de aula ao longo dos anos? A disciplina de História passou por mudanças significativas ao longo das últimas décadas, refletindo mudanças sociais, políticas e pedagógicas? Ao começar a pesquisa parti do pressuposto de analisar um diário de cada década de modo a perceber quais os conteúdos eram trabalhados e se estes permanecem sendo estudados na escola.

Na análise dos diários pude perceber que predominava a história cronológica linear, uma tradição na disciplina de História. Os conteúdos contemplavam a história europeia e do Brasil. Em relação a história local, a maior parte das vezes os conteúdos estavam registrados nos diários da disciplina Estudos Regionais. O primeiro diário, com data do ano de 1988 de uma turma da sexta série, aparecem temas relacionados a história do Brasil como o Primeiro Reinado, Período Regencial e Segundo Reinado. A história do Brasil, quase sempre, era tratada a partir dos feitos europeus, aparentemente em uma relação causal que preconizava a sugestão curricular oficial.

Observa-se que tais temas eram trabalhados sob uma perspectiva que privilegiava os feitos europeus, apresentando uma narrativa quase linear e determinista, em acordo com a proposta curricular oficial vigente à época. Essa abordagem acabava colocando a Europa como o centro civilizatória, deixando a um segundo plano as experiências locais, e a pluralidade de sujeitos históricos que compõem o processo de formação do Brasil.

Esse fato revela não apenas a permanência de um modelo de ensino pautado pela história política e pelos grandes eventos, mas também expõe o modo como a Cultura Escolar reproduzia

econômicos, além de processos históricos associados à consolidação dos Estados modernos europeus e à formação do Estado-nação brasileiro.

A inclusão do tema “fim da escravidão”, por exemplo, surge dissociada de uma problematização mais ampla acerca das resistências negras, das múltiplas lutas pela liberdade e do racismo estrutural que ainda persiste na sociedade brasileira. Tal abordagem evidencia como certos conteúdos históricos são frequentemente tratados de forma restrita, sem contemplar as complexas dinâmicas sociais e as disputas de memória que atravessam esses processos.

Além disso, pensar esses conteúdos demonstra a permanência de um modelo pedagógico que prioriza eventos marcados por rupturas institucionais, revoluções, em detrimento de experiências sociais cotidianas e de sujeitos historicamente marginalizados, como mulheres, indígenas, populações negras e grupos ditos minorias. Essa constatação mostra a dificuldade de o ensino escolar transitar para abordagens críticas e multiculturais que contemplem as demandas colocadas por legislações como a Lei nº 10.639/2003 e a Lei nº 11.645/2008, que exigem o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Indígena.⁴⁰

Com isso, o diário de 2014 constitui um desafio do currículo tradicional na Cultura Escolar, demonstrando como a escola, enquanto local de produção de um saber histórico, continua a desempenhar um papel significativo na reprodução de narrativas hegemônicas, muitas vezes sem tensionar as hierarquias e exclusões que essas próprias narrativas naturalizam.

A leitura dos registros escolares permite perceber que, embora haja menções pontuais a temáticas relacionadas às culturas afro-brasileira e indígena, estas geralmente aparecem de forma periférica ou em datas comemorativas, sem a devida integração ao currículo de forma transversal e estruturante. Em muitos casos, a abordagem permanece baseada em representações estereotipadas ou em conteúdos descontextualizados, o que reforça o distanciamento entre a proposta legal e sua efetivação na prática cotidiana da sala de aula.

Esses dados reforçam a hipótese de que, na Escola General Euclides Figueiredo, a atualização curricular exigida pelas políticas de inclusão é incorporada de forma parcial, evidenciando a força de uma tradição escolar que privilegia os grandes acontecimentos e os heróis consagrados da História nacional. Tal orientação acaba por reproduzir uma narrativa linear e homogênea do passado, na qual as vozes subalternizadas continuam sendo marginalizadas.

⁴⁰ BRASIL, *op. cit.*

Figura 7 - Registro de conteúdos ministrados no diário do ano de 2014.

ESCOLA: EEEM GENERAL EUCLIDES FIGUEIREDO			SÉRIE: 3ª	TURMA: 304	ANO: 2014
PROFESSOR: Edson Machado			DISCIPLINA: História		
			TURMA: 304		
DATA	Nº DE AULAS	ATIVIDADE/CONTEÚDO MINISTRADO	ASSINATURA DO(A) PROFESSOR(A)		
13/01/14	1 A	Apresentação, Apresentação, Apresentação	Euclides		
20/01/14	2 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
26/01/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
02/02/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
09/02/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
16/02/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
23/02/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
30/02/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
07/03/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
14/03/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
21/03/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
28/03/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
04/04/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
11/04/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
18/04/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
25/04/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
02/05/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
09/05/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
16/05/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
23/05/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
30/05/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
06/06/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
13/06/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
20/06/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
27/06/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
04/07/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
11/07/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
18/07/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
25/07/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
01/08/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
08/08/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
15/08/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
22/08/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
29/08/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
05/09/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
12/09/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
19/09/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
26/09/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
03/10/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
10/10/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
17/10/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
24/10/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
31/10/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
07/11/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
14/11/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
21/11/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
28/11/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
05/12/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
12/12/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
19/12/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
26/12/14	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
02/01/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
09/01/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
16/01/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
23/01/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
30/01/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
06/02/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
13/02/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
20/02/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
27/02/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
06/03/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
13/03/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
20/03/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
27/03/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
03/04/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
10/04/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
17/04/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
24/04/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
01/05/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
08/05/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
15/05/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
22/05/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
29/05/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
05/06/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
12/06/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
19/06/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
26/06/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
03/07/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
10/07/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
17/07/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
24/07/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
31/07/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
07/08/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
14/08/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
21/08/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
28/08/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
04/09/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
11/09/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
18/09/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
25/09/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
02/10/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
09/10/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
16/10/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
23/10/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
30/10/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
06/11/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
13/11/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
20/11/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
27/11/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
04/12/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
11/12/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
18/12/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
25/12/15	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
01/01/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
08/01/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
15/01/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
22/01/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
29/01/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
05/02/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
12/02/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
19/02/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
26/02/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
05/03/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
12/03/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
19/03/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
26/03/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
02/04/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
09/04/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
16/04/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
23/04/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
30/04/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
07/05/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
14/05/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
21/05/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
28/05/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
04/06/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
11/06/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
18/06/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
25/06/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
02/07/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
09/07/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
16/07/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
23/07/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
30/07/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
06/08/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
13/08/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
20/08/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
27/08/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
03/09/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
10/09/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
17/09/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
24/09/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
01/10/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
08/10/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
15/10/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
22/10/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
29/10/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
05/11/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
12/11/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
19/11/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
26/11/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
03/12/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
10/12/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
17/12/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
24/12/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		
31/12/16	3 A	Apresentação, Apresentação	Euclides		

AULAS PREVISTAS 25

AULAS DADAS 25

DATA 08/05/2014

ASSINATURA DO COORD. PEDAGÓGICO

Fonte: Acervo documental da Escola General Euclides Figueiredo (Parauapebas-PA).

Na maior parte dos diários pesquisados temas como o racismo, movimento negro, violência contra a mulher, questões de gênero, não foram encontrados nos registros. É possível perceber que existe uma abordagem conceitual tradicional da história; essa lógica permanece sendo trabalhada na sala de aula.

Nota-se uma mudança curricular mais recente com a proposta do novo Ensino Médio, na qual a disciplina de História foi orientada pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e focam em maior flexibilização, protagonismo estudantil e interdisciplinaridade. A disciplina de História hoje faz parte da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o que promove uma integração com Geografia, Filosofia e Sociologia. Os conteúdos de História podem ser aprofundados em itinerários interdisciplinares, com temas como memória, identidade, cidadania, direitos humanos e patrimônio cultural.

A Base Nacional Comum Curricular⁴¹ estabelece competências gerais para a área de Ciências Humanas, como o desenvolvimento do pensamento crítico, onde o foco é compreender processos históricos e analisar diferentes perspectivas. Além da autonomia e protagonismo, em

⁴¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2025.

que ocorre um incentivo ao estudante a se tornar agente de transformação social. E a contextualização histórica em que ocorre a relação dos fatos históricos ao presente, valorizando o local e o global.

A proposta do Novo Ensino Médio, tendo como referência a Base Nacional Curricular Comum, busca organizar os conteúdos de forma a contemplar grandes eixos temáticos, como identidade e diversidade cultural, onde estudos sobre culturas indígenas, afro-brasileiras e outras minorias, são trabalhados de maneira mais efetiva. Além de buscar trabalhar a História fazendo a afinidade entre o global e o local, em que há uma preocupação em relação a compreensão de fenômenos globais e suas repercussões nas realidades locais. Também trabalha a ideia da Cidadania e direitos humanos trazendo reflexões sobre os direitos civis e o papel do cidadão na sociedade contemporânea.

As mudanças pedagógicas no componente curricular da história é perceptível quando vemos a questão interdisciplinar, pois a história não é mais tratada isoladamente, mas interligada a temas de outras disciplinas, como Filosofia e Sociologia. Atualmente ocorre o que podemos chamar de flexibilidade no currículo, dando as escolas maior liberdade para definir quais conteúdos serão aprofundados nos itinerários formativos, permitindo abordagens regionais ou temáticas. Além dos Projetos Integradores, que permitem aos docentes desenvolverem projetos que conectem história a temas como sustentabilidade, empreendedorismo e tecnologia.

Essas mudanças trazem impactos no Ensino de História pois hoje temos uma menor carga horária obrigatória. O tempo dedicado às Ciências Humanas foi reduzido no núcleo comum, o que exige priorização de conteúdos essenciais. Desse modo, temos uma maior ênfase no protagonismo discente em atividades como projetos, debates e pesquisa histórica ganham destaque, enquanto o modelo tradicional expositivo perde espaço. Nesse sentido, aparecem muitos desafios na implementação, principalmente porque professores precisam adaptar metodologias e conteúdo à nova estrutura, equilibrando demandas locais e globais.

Desse modo, no ano de 2023, quando ingressei na instituição, assumi três turmas com o objetivo de complementar a carga horária docente já existente. Minhas atividades tiveram início em março, período em que o ano letivo se encontrava em curso, e, nesse contexto, o planejamento pedagógico da área de Ciências Humanas havia sido previamente elaborado pelos demais professores, com os conteúdos e atividades já delineados para o período.

Buscando trabalhar a partir das diretrizes estabelecidas pelo novo Ensino Médio, desenvolvemos atividades relacionadas às temáticas “Ética e Cidadania” e “População, Territórios e Fronteiras”. Nesse mesmo ano, a convite da professora de Sociologia, integrei o

projeto intitulado “Juventude e sociabilidade: cultura do respeito e combate à misoginia, ao machismo e à violência de gênero”. No âmbito dessa iniciativa, foram abordadas questões étnico-raciais e problemáticas associadas ao machismo, por meio de rodas de conversa e orientações destinadas à produção de artigos e relatórios elaborados pelos estudantes, culminando em apresentações para as respectivas turmas.

A ideia do projeto teve origem na experiência da professora de Sociologia, atuando na Escola Estadual General Euclides Figueiredo desde 2018, quando passou a observar, em seu cotidiano docente, os elevados índices de violência que incidem sobre o município de Parauapebas. A iniciativa despertou o interesse da Secretaria de Estado de Educação, que procurou a docente solicitando informações sobre o desenvolvimento do projeto, bem como a indicação de uma estudante que pudesse dialogar com a equipe responsável pela reportagem. Em decorrência disso, a ação ganhou destaque no site oficial da Secretaria de Educação do Estado do Pará, por meio da publicação de uma matéria intitulada: “Em Parauapebas, escolas estaduais debatem racismo e machismo”. Na entrevista concedida, a professora destacou que:

Infelizmente, Parauapebas é uma cidade com muitos resquícios de valores deturpados. A ocupação da cidade foi feita em torno do garimpo e da exploração sexual. Temos uma cidade violenta. Apesar de ter apenas 200 mil habitantes, está entre as que têm os números mais assustadores de crimes contra a mulher, revela a docente. A iniciativa contempla os projetos integradores do novo Ensino Médio e atende às normatizações propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A partir do que a BNCC propõe, trabalhamos essa temática que incentiva o protagonismo dos jovens para que, além da base conceitual, façam uma reflexão do que vivenciam na sociedade e de que forma os movimentos sociais transformam as demandas sociais. Muito além de conhecer somente o conceito, pretendemos fazer com quem esses jovens em formação construam uma cultura de respeito à diversidade, com pessoas que estejam em seus círculos de convivência, com uma visão antirracista, de respeito pelas minorias e que entendam a importância dos valores republicanos e democráticos para uma convivência civilizada, sintetiza a docente.⁴²

Na ocasião, foi também entrevistada a estudante Vitória Vital, do 2º ano da referida instituição, que destacou a relevância do projeto para sua formação enquanto aluna e cidadã. Conforme explicitou em seu depoimento: “estamos desenvolvendo uma aprendizagem ativa de valores e competências, o que nos permite atribuir significado e relevância ao processo de

⁴² É importante pontuar que a visibilidade do projeto ocorreu após a denúncia de um pai, que manifestou desconforto pelo fato de o projeto abordar questões de gênero. A partir desse episódio, a Secretaria entrou em contato com a professora de Sociologia para solicitar esclarecimentos acerca do conteúdo trabalhado. Após os devidos esclarecimentos, a Secretaria optou por publicizar o projeto que já estava em andamento na Escola General Euclides Figueiredo. A matéria, ao tratar do tema, inicia destacando que “apenas 48% das escolas brasileiras trabalham com projetos para tratar relações étnico-raciais e combate ao racismo e somente 15,8% das unidades escolares abordam o machismo nas salas de aula. Os dados são do Anuário Brasileiro de Educação Básica 2021, da organização Todos Pela Educação”.

Disponível em: Em Parauapebas, escolas estaduais debatem racismo e machismo | SEDUC :: Secretaria de Estado de Educação. Acesso em: 22/11/2024.

aprender. Dessa forma, buscamos integrar esses saberes às experiências que nos são demandadas pela sociedade”⁴³.

A partir da experiência vivenciada com o projeto desenvolvido na escola, foi possível constatar a ausência de determinados conteúdos que, até o presente momento, continuam sendo considerados “sensíveis” para serem abordados em sala de aula. As aproximações e os distanciamentos em relação àquilo que se julga mais confortável trabalhar no espaço escolar constituem um tema discutido cotidianamente entre professores de diferentes áreas do conhecimento. Muitos, por receio de confrontos ou tensões, optam por não tratar de certas questões, o que contribui para o silenciamento de alguns conteúdos pela maioria das disciplinas.

Na análise dos diários da Escola General Euclides Figueiredo, ao longo dessas quatro décadas de ensino, é possível identificar transformações no Ensino de História e nos conteúdos abordados em sala de aula, especialmente nas duas últimas décadas da instituição. Atualmente, observa-se uma busca por conteúdos que se conectem às histórias dos discentes e da própria comunidade escolar, de modo a valorizar as experiências vividas pelos alunos, fortalecer o sentimento de pertencimento e tornar o processo de ensino-aprendizagem mais significativo.

Nesse sentido, uma das principais dimensões que pode ser explorada é a forma como os professores percebem o currículo de história. Ao analisar diários podem ser feitas reflexões sobre as tensões entre o que é prescrito oficialmente e o que é efetivamente ensinado em sala de aula. Os professores muitas vezes enfrentam desafios em adaptar o conteúdo às necessidades e interesses de seus alunos, refletindo sobre como a Cultura Escolar influencia suas escolhas pedagógicas. Essa adaptação pode incluir a incorporação de temas locais, histórias de alunos e questões contemporâneas, que criam um enlace mais significativo entre o passado e o presente.

Além disso, os diários podem expor a dinâmica das relações interpessoais dentro da escola. Os professores de história frequentemente interagem com colegas de outras disciplinas, administrativos e, claro, alunos. Essas interações moldam a Cultura Escolar e, em muitos casos, podem gerar colaborações frutíferas ou conflitos.

Outra questão importante é a dimensão relevante em relação a identidade profissional dos docentes. A escrita em diários reflete experiências, desafios e conquistas, contribuindo para o surgimento de uma identidade docente. A Cultura Escolar, nesse contexto, pode ser vista tanto como um suporte quanto como um obstáculo, dependendo das políticas educacionais, dos recursos disponíveis e da valorização da profissão. Por meio dessa reflexão, os professores

⁴³ VITAL, Vitória. Entrevista concedida à Secretaria de Estado de Educação do Pará. Disponível em: [Em Parauapebas, escolas estaduais debatem racismo e machismo | SEDUC :: Secretaria de Estado de Educação](#). Acesso em: 22 nov. 2024.

podem identificar suas motivações e frustrações, bem como o impacto que suas crenças pessoais têm em sua prática pedagógica.

Diante disso, a análise de diários dos professores de história da escola Euclides Figueiredo também pode revelar como a Cultura Escolar se relaciona com a formação de cidadãos críticos e conscientes, oferecendo uma visão abrangente e multifacetada do ensino. Essa abordagem não apenas ilumina as complexidades da prática docente, mas também destaca a importância do contexto escolar na formação de uma educação significativa e transformadora. Além disso, essa abordagem atende às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que valoriza práticas pedagógicas inclusivas e contextualizadas.

CAPÍTULO 3

NARRATIVAS, IDENTIDADES E PERCURSOS COMPARTILHADOS

3.1 percursos de vida e experiências compartilhadas

Ao longo de mais de quatro décadas de existência, a Escola Estadual General Euclides Figueiredo consolidou-se como uma instituição de referência no cenário educacional de Parauapebas, destacando-se não apenas por sua atuação voltada à formação cidadã, mas também por configurar-se como um espaço de múltiplas sociabilidades, no qual se articulam práticas pedagógicas, experiências afetivas e processos de construção da memória. Desse modo, a escola pode assumir um importante papel na configuração de uma história local, ao incorporar e ressignificar vivências que conectam sujeitos, tempos e espaços, contribuindo para a constituição de uma identidade.

Considerando as narrativas, podemos refletir a memória de uma instituição escolar como uma importante fonte de pesquisa histórica que ajuda a pensar a cultura da escola que normalmente é cheia de suas singularidades. Ao enfatizar a memória, torna-se possível apreender os múltiplos sentidos atribuídos à construção de uma identidade escolar que relaciona de forma singular, o passado e o presente da comunidade na qual se encontra. Nesse sentido, a escola vai criando sua própria Cultura Escolar, entendida como um conjunto de práticas que conferem sentido à experiência educativa.

A construção da memória inclui também as relações e experiências que são narradas. Nesse contexto, buscou-se analisar narrativas de alguns sujeitos que fizeram e fazem parte da Escola General Euclides Figueiredo buscando compreender a formação de uma memória que foi construída em torno da instituição ao longo dos anos.

As entrevistas mostraram-se essenciais para compreender como diretores, professores, alunos e ex-alunos reconstroem, em seus depoimentos, o significado da escola em suas trajetórias, atribuindo-lhe sentidos que a configuram como um ambiente de múltiplas experiências. Dessa forma, a história oral, enquanto ferramenta metodológica, foi decisiva para analisar a escola como lugar de construção de memórias. Os depoimentos analisados contêm informações para a compreensão das trajetórias educacionais e da construção simbólica da escola no imaginário social de Parauapebas.

A trajetória da professora Irenilde Soares Barata⁴⁴, primeira diretora da Escola General Euclides Figueiredo, é um exemplo de como os gestores escolares participam na construção da Cultura Escolar. A mesma, demonstrou-se muito interessada em participar da pesquisa, e fez um relato entusiasmado de sua trajetória como líder daquela escola, além de gerar reflexões sobre o lugar que a escola ocupava nos percursos de vida dos sujeitos e o que significava para o desenvolvimento educacional do município de Parauapebas.

A entrevistada relata que migrou para a região com o objetivo de contribuir para a implantação do sistema educacional no município de Parauapebas. Inicialmente, a escola oferecia apenas turmas da 1ª à 4ª séries do Ensino Fundamental, ampliando-se posteriormente para atender da 5ª à 8ª séries., e finalmente implementou o Ensino Médio incluiu cursos de formação para professores, Contabilidade Básica e Administração.

Ciente da relevância de documentar a trajetória educacional do município, Irenilde Barata iniciou aquilo que denominou como os primeiros “rascunhos” da história da escola, evidenciando sua preocupação em salvaguardar tais registros para as gerações futuras. Em manuscritos de sua própria autoria, a narradora descreve:⁴⁵

A Escola Municipal e Estadual de 1º e 2º graus General “Euclides Figueiredo” teve sua aula inaugural no dia 1 de março do ano de 1984, localizada nas ruas B, C e D, em uma quadra especial com a frente voltada para a rua B, bairro Cidade Nova. A Escola foi construída e equipada pela Companhia Vale do Rio Doce – CVRD, com recursos vindo do Banco Mundial. A Escola foi construída com 14 salas de aulas, um bloco administrativo onde funcionava a sala de direção – sala dos professores, biblioteca, sala de recursos didáticos, secretaria, sala de supervisão, dois banheiros e um pequeno almoxarifado. A escola era dividida em blocos conforme discriminação: Bloco B – administrativo / bloco C/ D/ E/ F salas de aula. E como no período de sua construção a Lei Federal de Ensino que estava em vigor era a Lei nº 5.692/71, que incluía entre as outras disciplinas obrigatórias do currículo, as disciplinas optativas como: Educação para o lar, Artes Industriais, Técnicas Agrícolas e Técnicas Comerciais, foram construídas as salas específicas para cada uma dessas disciplinas, cujo bloco era denominado de Bloco A. A Escola foi construída e entregue ao

⁴⁴ Natural de Marabá, no estado do Pará, filha de Raimundo Barata e Maria de Nazaré Soares Barata, Irenilde Barata iniciou sua formação acadêmica de maneira precoce, concluindo o curso de Magistério aos 16 anos, o que lhe possibilitou iniciar sua carreira docente ainda em sua cidade natal. Posteriormente, graduou-se em Direito e em Licenciatura Plena em Ciências Sociais, ambos os cursos realizados na Universidade Federal do Pará (UFPA), em Belém. Fixou residência em Parauapebas no ano de 1984, momento em que o município vivenciava intensos fluxos migratórios, impulsionados pelos grandes projetos minerários e pela política federal de ocupação da Amazônia. Nesse contexto de consolidação territorial e organizacional da nova cidade, sua trajetória profissional confunde-se com os próprios esforços institucionais para estruturar o sistema educacional local. Irenilde Barata foi a primeira diretora da Escola Estadual General Euclides Figueiredo. Sob sua liderança, a escola viabilizou o acesso formal ao ensino para centenas de crianças e jovens e tornou-se um espaço fundamental para a construção de identidades e memórias, servindo de palco para os encontros, sociabilidades e experiências formativas que marcaram a história inicial de Parauapebas.

⁴⁵ Irenilde Barata escreveu, de próprio punho, algumas páginas nas quais se propôs a narrar a história da Escola General Euclides Figueiredo a partir de suas vivências enquanto primeira diretora da referida instituição. Trata-se de um relato marcado pela espontaneidade e pela subjetividade, no qual a autora relaciona memórias pessoais, impressões afetivas e acontecimentos institucionais, configurando um testemunho singular sobre o processo de constituição do espaço escolar em Parauapebas.

município de Marabá Pará em 1º de março do ano de 1984. E nesse período funcionava 14 salas de aulas atendendo as turmas do pré-escolar, sobre a direção da professora de nível superior e advogada Dr^a. Irenilde Soares Barata, que além de administrar a Escola, tinha que lecionar cinco disciplinas para a turma do curso de magistério, que funcionava no 4º turno da noite, esta turma era formada por 17 alunos que durante o dia exerciam suas funções de professores, atendendo turmas do pré-escolar a 4ª série do 1º grau, pois havia carência de mão de obra especializada. Vale ressaltar que essa turma era extensão do Colégio Plínio Pinheiro de Marabá Pará, que na época foi criada com o apoio da ex-secretária do referido colégio, a Professora Júlia Rosa⁴⁶.

As declarações da ex-diretora evidenciam a importância, para a ela, de salvaguardar a memória histórica desta instituição de ensino, na qual, segundo ela, desempenhou um papel fundamental na formação de múltiplas gerações ao longo da sua trajetória no município de Parauapebas. Tal perspectiva permite afirmar que a escola se constitui como um agente central no processo de construção dos sentidos de pertencimento e cidadania local.

De modo que, perceber que o passado envolve não apenas saber dos fatos, mas também reinterpretá-los com base em seus sujeitos. Em uma escola, essa dinamização é atribuída às intervenções de diferentes agentes históricos, como professores, alunos e membros da administração, bem como às próprias políticas que, em suas práticas diárias, têm um impacto na formação da consciência histórica e na constituição da identidade social da comunidade.

Irenilde Barata recorda o dia 1º de março de 1984, data em que se iniciaram oficialmente as atividades da Escola Estadual General Euclides Figueiredo. Ela relata que o primeiro ano foi particularmente difícil quando assumiu como diretora: “As instituições sofrem de carências humanas e materiais – falta de professores, escassez de recursos, falta de oferta de refeições nas escolas e – atrevo-me a dizer – muitas vezes, também a mediação e a necessidade de pacificar diferentes disputas entre os membros da instituição.”⁴⁷

Ao ser questionada sobre os desafios enfrentados no processo de implantação da escola, a entrevistada destaca que o primeiro obstáculo esteve relacionado à imposição do nome do estabelecimento. Segundo seu relato:

Quando a escola foi criada, a Vale pediu para que fosse nomeada em homenagem ao presidente em exercício na época, que era João Batista Figueiredo. Você pode imaginar? Eu, formada em sociologia, aceitar isso sem reclamar? [...] Fomos vigiados nas salas de aula da UFPA, não nos deixavam dizer nada. [...] Era arriscado! [...] Depois, o próprio presidente pediu a mudança do nome e adotou o nome do pai, Euclides Figueiredo.⁴⁸

⁴⁶ BARATA, Irenilde Soares. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas, PA, 23 fev. 2024.

⁴⁷ BARATA, 23 fev. 2024.

⁴⁸ BARATA, 23 fev. 2024.

Essa oposição, no entanto, revela não apenas uma postura política particular, mas também a situação atual da tensão entre iniciativas educacionais locais e a presente ordem autoritária. O fato de Irenilde Barata possuir formação em Ciências Sociais, um campo do conhecimento conhecido por ser o mais crítico em relação aos regimes de exceção, e o fato de que, em sua condição de estudante da Universidade Federal do Pará (UFPA), ela vivenciou práticas de vigilância e repressão política, o que fez ela divergir quanto à escolha inicial do nome, uma forma ainda mais incisiva de contestação.

A ex-diretora destaca que pesquisou na época quem era Euclides Figueiredo e, após pesquisa biográfica, descobriu que havia sido um dos articuladores da Revolução Constitucionalista de 1932. É possível pensar em uma estratégia eventual de resistência no referido contexto. Ao referir-se ao homenageado como um "grande constitucionalista", Irenilde busca diminuir o incômodo relacionado ao conectar o nome da escola à memória militar, ressignificando para enfatizar a luta constitucional e democrática. Dessa forma, a memória da ex-diretora auxilia na interpretação da escola Euclides Figueiredo como envolvida em um período de exceção, mas que encontrou, por meio das práticas dos seus sujeitos, formas de resistência ao peso simbólico de ostentar o nome de um militar.

Segundo seu relato, a mudança do nome da escola implicou considerável trabalho administrativo, uma vez que foi necessário alterar toda a documentação institucional, incluindo os registros escolares dos alunos, contracheques dos professores e demais arquivos oficiais. Contudo, apesar dos esforços adicionais demandados, ela assinala que, ao final, o processo foi concluído de forma satisfatória.

Além do nome, um fato interessante e bem mais complicado passou por suas mãos, “A revolta dos garimpeiros”, em 1984, quando garimpeiros invadiram o núcleo de Parauapebas reivindicando a continuação da atividade de garimpo. Ela conta, com orgulho, o fato do hospital e a Escola Euclides continuarem ilesos. Segundo seu relato:

O governo de João Batista Figueiredo deu o direito de exploração da serra pelada para a Vale do Rio Doce, e os garimpeiros se mobilizaram. Eles queimaram a prefeitura, que hoje é a Semas, o clube do solteiro - um clube muito bonito e bem-estruturado, a delegacia de polícia, a portaria que naquela época chamava de guarita, na verdade eles queriam subir para acabar as coisas em Carajás, só que eles não tinham condições de subir por causa da estrada que não era muito boa, aí foram queimando as coisas aqui embaixo, a única coisa que não foi queimada foi a escola Euclides Figueiredo e o hospital. Agora eu digo, não sei de onde arrumei coragem, forças para enfrentar aqueles homens. Alguns sabiam que eu era formada em direito, às vezes um curso até que vale a pena, muitos até achavam que eu era delegada, porque eu falava em meus discursos sobre minha formação em direito. Eu subia em uns bancos de cimento e eles se calavam para me ouvir. Tenho alunos até hoje que lembram desse episódio, eles eram pequenos, eu juntava os meninos de mãos dadas em volta da escola para proteger

o patrimônio. Meu Deus! Os garimpeiros pediam para hastear a bandeira brasileira, eles tiravam a bota suja de lama e diziam “esse Brasil não presta!”, e você tendo que ouvir tudo aquilo e defender uma coisa, que nesse caso, era o patrimônio. A sorte é porque os garimpeiros eram divididos em grupos. E cada grupo tinha uma líder, alguns líderes eram médicos, advogados, engenheiros, eles tinham formação, eram aventureiros que vieram em busca de um sonho e investiram tudo o que tinham. Quando acharam que iam perder tudo se desesperaram, aí criaram esse movimento dos garimpeiros. Quando vinha um grupo, entravam todos de uma vez na escola, chegaram a quebrar janelas, tínhamos umas lixeiras enormes que quebraram, onde tinha o nome da Vale eles queriam destruir. Quando eu subi no banco eu disse: a gente não tem só essa vida, essa vida material se vai e nós temos uma vida espiritual, vocês vão prestar conta com Deus, pois estão acabando com uma história, vocês vão acabar com o município, vocês vão acabar com um local que vai crescer muito. E eu, vou anotar o nome de vocês, porque quando acabar, porque me matar vocês não vão, eu vou divulgar o que vocês destruíram. Eles pediam merenda e a merendeira fazia e nós entregávamos, os pais queriam tirar as crianças da escola, mas eu não suspendi as aulas. Eles ficaram uma semana mais ou menos aqui, até que o governo cedeu e eles foram embora.⁴⁹

Aziz Ab’Saber destaca a revolta dos garimpeiros em seu livro “A Amazônia: do discurso à práxis”, ressaltando a importância da fala de Irenilde Barata para a não destruição da escola Euclides Figueiredo. Os garimpeiros ao queimarem o centro de triagem, partiram para a destruição da cadeia pública e em seguida foram para a escola Euclides Figueiredo:

Em uma frase histórica, falou a esclarecida professora paraense de Marabá: “vocês não vão queimar a escola de seus filhos! [...] Essa não é mais uma propriedade da CVRD; agora ela é patrimônio do Pará [...] já foi repassada para a administração da Secretária da Educação de nosso Estado”. E, com uma torrente de argumentos encadeados, a professora Irenilde conseguiu abrandar a ira dos amotinados. Seu argumento decisivo foi: “É uma estupidez pretender queimar a escola que por muito tempo deverá atender seus próprios filhos. Para que eles sejam alfabetizados. E tenham melhores chances de subir na vida. E além de tudo, consigam uma situação melhor do que aquela de vocês.”⁵⁰

O episódio que Aziz Ab’Saber denomina “um entrevero entre a inteligência e os repentes da barbárie”⁵¹, segundo o autor, talvez o discurso nem tenha sido exatamente dessa forma, contudo os revoltosos concluíram que a escola deveria ser poupada, haja vista que aquela era a única casa que podia cuidar da educação dos filhos deles. O autor conclui que naquele momento “Irenilde havia acabado de ministrar sua “aula magna” para uma inusitada turma de adultos”, e que é justo ela ter uma escola pública com seu nome.

Aziz Ab’Saber ressalta que a escola foi construída para atender no máximo 600 alunos em dois turnos. E que essa previsão estourou em todas as proporções, trabalhando intensamente

⁴⁹ BARATA, 23 fev. 2024.

⁵⁰ AB’SABER, Aziz Nacib. *A Amazônia: do discurso à práxis*. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. p. 274.

⁵¹ AB’SABER, *loc. cit.*

em três turnos. O autor salienta que em meados de 1984 a escola possuía em torno de 2100 alunos. Sendo a biblioteca pequena, corpo docente leigo, em torno de 70% sem diploma. A CVRD, depois de entregar a escola para o Estado, não interveio mais nem para custear o transporte de professores que precisavam descer a serra, que eram as esposas dos seus funcionários que lá residiam.

Segundo Aziz Ab’Saber, o episódio sobre a queima da escola marca um importante momento histórico no reconhecimento do papel da educação no preparo das futuras gerações. Para ele, quando os garimpeiros pouparam a escola, tornou-se evidente a força da percepção empírica e intuitiva do papel da educação para a melhoria de uma sociedade que se engendra no contexto do subdesenvolvimento. Assim, “nesse sentido, todos os cidadãos esclarecidos do país que cuidam de educação deveriam ter um permanente compromisso com a escola de Parauapebas”.⁵²

Após a invasão do espaço escolar por garimpeiros, Irenilde Barata relata que a principal preocupação passou a ser a construção de um muro ao redor da escola, uma vez que, segundo observa, quando a Vale procedeu à entrega do prédio, este não dispunha de qualquer tipo de cercamento, o que facilitou não apenas a invasão, mas também permitia que as crianças, como ela própria afirma, “fugissem para brincar”, entre outros fatores que comprometiam a segurança do ambiente escolar.

Em 1986, a comunidade local - composta por pais de alunos, comerciantes, fazendeiros e pela associação de pais e mestres - organizou um mutirão para erguer o muro da instituição. Ela destaca que tal realização foi um mérito exclusivo da mobilização comunitária, sem qualquer participação do poder público na execução da obra: “quem murou a escola foi a comunidade. Essas mãos aqui criaram calos de carregar tijolos. O pai que não tinha condições financeiras fazia uma diária, o negócio foi tão bem-feito que esse muro nunca caiu e nem vai cair.”⁵³

O episódio da invasão dos garimpeiros permite refletir sobre o papel social e histórico da escola que, diante daquele contexto, se consolidou como uma alternativa essencial para a formação dos sujeitos que viriam a compor a sociedade de Parauapebas. A escola, naquele cenário, foi percebida como uma perspectiva de construção de cidadania e de pertencimento.

Para Cristiani Silva,

Assumir que a escola, o professor e o estudante são sujeitos centrais na construção de um conhecimento histórico específico ampliou o próprio campo do Ensino de

⁵² AB’SABER, loc.cit.

⁵³ BARATA, 23 fev. 2024.

História, que passou a se preocupar também com as potencialidades da formação do pensamento histórico de crianças e jovens. Não apenas conhecer os acontecimentos passados, mas privilegiar o investimento em dotar os estudantes de instrumentos para a análise e interpretação desses processos que lhes permitam construir sua própria representação do passado.⁵⁴

De forma que, no caso específico da Escola General Euclides Figueiredo, observa-se que ela se torna, efetivamente, uma fonte viva na produção de uma narrativa histórica que faz parte das trajetórias de vida de seus alunos, ex-alunos e demais sujeitos que fazem parte da comunidade escolar. Nesse sentido, recuperar esse passado significa, também, lançar luz sobre os docentes e discentes que foram e permanecem sendo sujeitos ativos na construção da sua própria história, reafirmando, assim, a importância de reconhecer a escola como um espaço de sociabilidade e construção de identidades. Lembrando que,

Toda espacialidade exprime a pertença a um nós, que se constrói e se manifesta em recortes territoriais. O espaço de pertença resulta do conjunto dos recortes 'que especificam a posição de um ator social e a inserção de seu grupo de pertença num lugar', o espaço de referências define o sistema de valores espaciais em que se inserem esses recortes e organiza a relação daqui com o alhures.⁵⁵

Irenilde Barata destaca que a história de uma escola é composta por lembranças que alternam momentos felizes e outros nem sempre tão positivos. Entre as memórias que considera mais significativas, ressalta a satisfação ao ver seus alunos concluírem o curso técnico em Contabilidade, bem como a realização de diversos eventos festivos, tais como as comemorações do Dia das Mães, feiras culturais, feiras de ciências e shows evangélicos. Menciona ainda que, em determinado ano, a Feira Agropecuária de Parauapebas (FAP) foi realizada nas dependências da escola, o que possibilitou que conhecesse pessoalmente renomadas duplas sertanejas, como Zezé Di Camargo & Luciano, Leandro & Leonardo e Milionário & José Rico. Na época, observa, os grandes eventos do município ocorriam na Escola General Euclides Figueiredo justamente pela inexistência de outro espaço adequado para sediá-los.

Houve a realização de casamentos comunitários, dos quais recorda uma vez em que casou uma média de 800 casais, pois também atuava como juíza de casamento, função que exerceu por 18 anos. A celebração aconteceu onde hoje é a quadra da escola que na época não existia e, segundo ela, não era tão bonita como é hoje. Ao rememorar as memórias mais dolorosas associadas à escola, menciona o falecimento de um aluno de seis anos de idade, ocorrido justamente no dia em que foi instalado o portão doado à instituição. Conforme relata,

⁵⁴ SILVA, Cristiani Bereta da. Conhecimento histórico escolar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (org.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019. p. 50-54.

⁵⁵ BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 33.

“eles entravam com a bicicleta, mas deixavam ali na frente escorada; foi quando ele entrou e o outro menino não viu e se chocaram. Ele caiu, bateu a cabeça e veio a falecer. Às vezes, quando eu entro aqui na escola, eu lembro.”⁵⁶ O episódio revela como o espaço escolar, além de palco de celebrações e conquistas comunitárias, também carrega marcas de experiências traumáticas que permanecem vivas na memória dos sujeitos.

Como ela menciona, a presença da escola influenciou profundamente a comunidade local. Eventos, celebrações e atividades escolares tornaram-se pontos de encontro importantes para os moradores, ajudando a fortalecer os laços comunitários. Além disso, a escola funcionou como um centro cultural, promovendo eventos, show, tradições, celebrações locais através de suas atividades pedagógicas e extracurriculares. Nota-se, então, que a escola vai apresentando uma Cultura Escolar que não se limita a um espaço unicamente pedagógico, mas de práticas, rituais e celebrações que caracterizam a vida da própria instituição diante da comunidade. Ou seja, a escola, a educação vai moldando uma identidade do que seria a cidade de Parauapebas e do que seria nascer e viver nesse município, compreendendo que

Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessiva ou simultaneamente, dependendo dos contextos. ‘Um homem distinto é um homem misturado’, dizia Montaigne. A identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou de recusa de normas inculcadas. Socialmente, o indivíduo não para de enfrentar uma plêiade de interlocutores, eles mesmos dotados de identidades plurais.⁵⁷

A ex-diretora destaca ter enfrentado sérias dificuldades em razão da carência de mão de obra qualificada, uma vez que, à época, era extremamente complexo encontrar professores dispostos a atuar na escola. Diante desse contexto, afirma ter organizado uma turma específica com o propósito de formar futuros docentes, os quais, segundo suas palavras, eram “leigos”, mas cuja capacitação se tornou imprescindível para garantir o funcionamento regular da instituição.

[...] A mão de obra não era qualificada, você ia atrás nos lugares onde você sabia que tinha alguém formado. Meu primo era o gerente do banco e lecionava no Euclides, o Rainero que era formado em técnico agrícola, a Graça, a Maria do Carmo Cremid, (que foi a primeira professora contratada do Estado), sendo dela a primeira portaria, porque eu já vim de portaria, então, eu não vou dizer que eu fui a primeira. A Maria do Carmo era a dona do Hotel Igarapé, eu passei o dia inteiro em casa adulando-a, que é formada em administração e letras. Uma excelente professora. Eu disse: Maria do Carmo tu veio ganhar dinheiro, mas, por favor, me ajuda! Então, como os professores que lecionavam de 1ª a 4ª série do pré-escolar eram leigos, nós tivemos que criar uma turma do magistério. O Estado não regulariza uma turma com 18 alunos. Então, como

⁵⁶ BARATA, 23 fev. 2024.

⁵⁷ GRUZINSKI, Serge. O pensamento mestiço. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 53.

era extensão do Plínio Pinheiro, porque era Marabá, não tinha nenhum problema, era como eles chamam hoje, era como se fosse um anexo do Plínio Pinheiro. Eu lecionava 7 disciplinas, trabalhava o dia inteiro como diretora e lecionava 7 disciplinas para preparar a mão de obra. Os professores trabalhavam durante o dia, uns trabalhavam à tarde e outros à noite, e quando não estavam trabalhando assinaram o compromisso de terminarem o curso que preparava eles para dar aula.⁵⁸

Para enfrentar o problema da escassez de professores qualificados, mencionado pela própria ex-diretora, foi implantado em 1985 o Projeto Gavião, cuja finalidade era formar docentes aptos a atuar nas séries iniciais do antigo 1º grau. O programa previa cursos realizados na própria escola, buscando assim suprir, de maneira emergencial e local, as demandas por mão de obra docente no município.

Nesse período segundo a ex-diretora, o quadro Administrativo e Docente era composto pelos seguintes servidores: quadro administrativo - Diretora e Profa. Irenilde Soares Barata; Vice-Diretor prof. Osmar Resende; Secretária profa. Maria Antonieta de Araújo; o quadro docente era composto pelos professores: Maria do Carmo Cremite, José Francisco de Brito, Rosa Maria, Valter Bonna, Orlêda, Pedro Reis, Divina, Graça Vasconcelos, Edith Koslovik, Bel Salmen, Jacira Brasil, Vitória, Deonora, Rosivan, Magda, Lúcia Figueiredo, Valmir Oliveira Pereira, Solange, Marcos, Evilásio, Luci-Mary e outros.

Em relação à dificuldade de quadros para atender a necessidade da escola, a Companhia Vale do Rio Doce disponibilizava seus profissionais para lecionar, assim como fomentava cursos de formação e qualificação aos demais professores e servidores. Irenilde Barata destaca que, na década de 80, a escola General Euclides Figueiredo era a escola sede dessa região e que ela coordenava todas as outras escolas ligadas à sede, nesse trabalho enfrentou muitos desafios, principalmente porque naquele período as estradas tinham péssimas condições:

A gente ia para o Cedere 1 e 2, o Cedere 1 era mais tranquilo, pois só tinha uma escola, o Cedere 2 você encontrava tanta madeira, os ônibus quebravam e a gente ficava no meio da estrada, parecia que você ia para o céu. Eu brincava com as coordenadoras dizendo que daqui a pouco nós vamos bater palma na porta de São Pedro, para ver se se descontrai um pouco.

O testemunho de Irenilde Barata evidencia o papel central que a instituição desempenhava na década de 1980, funcionando como escola sede para toda a região e exercendo a coordenação pedagógica e administrativa sobre as demais unidades vinculadas. Tal configuração não apenas revela a concentração de funções em uma única instituição, característica comum em áreas em processo de consolidação educacional, como também

⁵⁸ BARATA, 23 fev. 2024.

ressalta o peso da liderança escolar na articulação dos serviços educativos em contextos de infraestrutura precária.

Outro ponto destacado pela mesma evidencia algumas das tensões estruturais e políticas que envolveram o processo de consolidação do ensino formal em Parauapebas, sobretudo durante as décadas iniciais de sua trajetória institucional. Ao apontar a ingerência política como um dos principais entraves à educação no município, a ex-diretora sublinha a presença de práticas clientelistas e a omissão tanto do Estado quanto do poder público local em garantir as condições adequadas para o funcionamento das escolas.

Esse quadro, característico de muitas localidades em processo de urbanização acelerada e marcada por economias extrativistas como a mineração, revela uma dinâmica em que a escola se torna alvo de disputas políticas que frequentemente extrapolam o campo estritamente pedagógico. A lembrança de que havia professores dentro da própria instituição que fomentavam movimentos contrários à sua gestão aponta para conflitos de poder que atravessavam o cotidiano escolar, refletindo as redes de influência e rivalidades políticas presentes na sociedade local.

Outro aspecto destacado pela ex-diretora diz respeito à valorização moral de sua própria trajetória administrativa, ao afirmar que “anda de cabeça erguida” por jamais ter concedido certificados de forma irregular, prática que, segundo ela, era comum naquele contexto. O testemunho de ofertas tentadoras — como automóveis, imóveis em Salinas e somas em dinheiro para obtenção de certificados que permitissem o ingresso em grandes empreendimentos da região, como a Vale, evidencia como a escola podia ser instrumentalizada para atender interesses alheios à formação educacional propriamente dita. Segundo ela,

Você recebia proposta de todos os lados. Eles diziam: eu lhe dou um carro, uma casa em Salinas, dinheiro para a senhora dar um certificado para o meu filho trabalhar na Vale. Eu durmo tranquila, não fiquei rica, podia até ser milionária, mas, e a minha consciência? Nesse meio, a gente não consegue agradar a todos.⁵⁹

A ex-diretora ressalta ainda que o quadro educacional de Parauapebas passou por melhorias significativas após a emancipação do município, especialmente a partir da gestão da prefeita Bel Mesquita, período em que se observou um conjunto de transformações estruturais e administrativas que impactaram positivamente a educação local. À frente da escola, recorda que sempre buscou incentivar os professores a investirem em sua formação acadêmica,

⁵⁹ BARATA, 23 fev. 2024.

destacando o esforço para motivar o corpo docente de Parauapebas, à época, a buscar qualificação e aperfeiçoamento profissional. Ela recorda que:

O município foi crescendo e eu chamava os professores e dizia: vocês estudem porque vai aparecer gente formada e vai tomar teu lugar. Uns foram estudar em Fortaleza, outros estudar em Conceição, Redenção, onde havia extensão da UFPA. Ou então, depois teve a extensão da UFPA em Marabá, onde fui fazer pedagogia. Eu formei já aqui em Marabá. Estudávamos no período de férias, eu, Luiz Vieira, Nilza, a professora Jacira, dentre outros.⁶⁰

Ao rememorar a trajetória da Escola General Euclides Figueiredo, Irenilde Barata enfatiza que a instituição não apenas faz parte de sua própria história de vida, mas também da de muitos que escolheram Parauapebas como morada. Recorda, com notável carga afetiva, os períodos em que chegou a dormir nas dependências da escola, mencionando ter passado ali mais tempo do que em sua própria casa, o que evidencia o grau de envolvimento pessoal e profissional que manteve com o espaço escolar. Para ela, a escola representa uma tradição local, cuja história se confunde com a do próprio município. Mesmo após encerrar sua gestão, na década de 1990, continuou a lecionar na escola Euclides, permanecendo ali até o momento de sua aposentadoria, quando então passou a se dedicar à sua outra formação, na área do Direito, travando novas batalhas desta vez no campo jurídico, mas sem jamais dissociar-se das memórias construídas no ambiente escolar.

Mesmo tendo consolidado uma carreira reconhecida na área do Direito, Irenilde Barata afirma que é na educação que prefere ser lembrada, pois, por onde passa, continua a ser identificada como a diretora da Escola General Euclides Figueiredo. Ressalta que, sempre que possível, retorna à instituição para “matar a saudade”, enfatizando que, entre aqueles muros, encontra-se uma história construída por meio do trabalho e da dedicação de muitas pessoas que, ao longo do tempo, contribuíram para consolidar o lugar da escola na memória da cidade.

Como evidenciam as falas da professora e ex-diretora, é particularmente importante analisar a trajetória da Escola Euclides Figueiredo à luz do conceito de Cultura Escolar, compreendida como objeto histórico conforme a definição de Dominique Julia.⁶¹ Sob essa perspectiva, a história da escola Euclides revela-se intrinsecamente vinculada às dinâmicas sociais, políticas e econômicas de Parauapebas, articulando memórias que conferem à instituição um papel central na formação das identidades locais.

⁶⁰ BARATA, 23 fev. 2024.

⁶¹ *Ibidem*.

Somando-se às memórias já abordadas, o relato de Aloísio de Souza Feitosa introduz novas dimensões que permitem aprofundar a análise da trajetória escolar. Natural de Brasília, Aloísio chegou a Parauapebas em 1987, motivado pelo desejo de estar mais próximo de seus familiares.

Relata que ingressou na Escola General Euclides Figueiredo inicialmente como aluno, concluindo ali o curso de magistério. Contudo, em razão da carência de professores que marcava o período, começou a atuar em sala de aula no mesmo ano, ainda enquanto estudante, uma vez que frequentava o curso à noite. Sua experiência evidencia não apenas as estratégias locais para suprir a escassez de mão de obra docente, mas também revela a escola como espaço de oportunidades formativas e de mobilidade social, assumindo papel central na estruturação das trajetórias individuais no contexto de Parauapebas.

[...] Mesmo sendo aluno, eu estudava à noite, dava aula durante o dia, fazia isso nesse processo devido à necessidade que tinha. Então, quem já estava cursando o último ano do ensino médio hoje, que na época era o magistério já podia lecionar de primeira à quarta série. Aqui, todos os professores na época eram leigos mesmo, e já trabalhavam dando aula mesmo cursando o magistério. E aí a gente vai ficando com esse processo de dar aula o tempo todo. E a gente que está na educação vai seguindo, não tem como parar [...]. Então desde essa época eu trabalhei como professor de educação física em virtude da época não termos professores suficientes para atender todas as escolas. Foi feito um curso específico com os professores de educação física, uma carga horária máxima para a gente poder exercer a função dentro de sala de aula com os alunos do ensino fundamental, porque na época a escola só funcionava de primeiro a oitava série, tudo funcionava aqui, de primeiro à quarta série era municipal e de quinta ao ensino médio, toda na parte estadual, mas tudo era o município. Eles sempre arcavam com esse compromisso com a escola, justamente foi o que fez a escola desmembrar um pouco, quando foi para o Cecília Meireles, o ensino de quinta a oitava série que funcionava aqui no Euclides, saiu daqui indo justamente para a escola nova que foi construída, e que hoje pertence ao município, então, a partir disso aí, ficou só estado.⁶²

No caso do professor Aloísio de Souza Feitosa, cuja trajetória inicia-se na escola Euclides como aluno e, em seguida, o conduz ao magistério, é possível compreender a instituição como promotora de uma Cultura Escolar positiva, capaz de oferecer um ambiente no qual os estudantes podem prosperar, desenvolver habilidades e internalizar valores que perduram por toda a vida. Seu relato evidencia, assim, o papel formador da escola na constituição de percursos individuais profundamente marcados pelas experiências vividas em seu interior.

Aloísio destaca que, em 1987, quando chegou a Parauapebas, o local ainda pertencia administrativamente ao município de Marabá, sendo gerido por um representante, Chico Brito.

⁶² FEITOSA, Aloísio de Souza. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas, PA, 19 mar. 2024.

Contudo, para qualquer demanda burocrática inclusive o recebimento de salários era necessário deslocar-se até Marabá. O professor lembra que, à época, Parauapebas não dispunha de energia elétrica convencional: “aqui era motor, só funcionava motor. Então, a gente tinha aula até 10 e meia, pois 11 horas desligava o motor e você ficava na cidade inteira no escuro”⁶³. Classifica esse período como um processo “bem complicado”, sobretudo pelas limitações estruturais que condicionavam o cotidiano escolar.

Ainda assim, salienta que, com a emancipação do município, houve mudanças significativas, que imprimiram um novo ritmo à cidade e estabeleceram as bases para a sua consolidação. Sob essa perspectiva, defende-se que a história de Parauapebas, especialmente em seus primórdios, foi em grande medida gestada nas salas de aula e nos pátios da escola General Euclides Figueiredo, espaço que funcionou como núcleo articulador de experiências formativas.

O mesmo enfatiza que, naquele contexto, bastava o ingresso no curso de magistério para que o estudante passasse a atuar imediatamente na área educacional, em razão da acentuada carência de mão de obra docente. Explica que o antigo 2º grau era estruturado em modalidades específicas, tais como magistério, contabilidade e administração, possibilitando ao aluno escolher um curso diretamente vinculado a um determinado campo profissional. Segundo seu relato, muitas pessoas, diante da inexistência de cursos superiores disponíveis no município à época, optavam por percorrer diversas habilitações ofertadas pelo Ensino Médio, como forma de não interromper seus estudos e ampliar suas qualificações. Esse movimento evidencia que a escola desempenhava um importante papel na formação para o trabalho, além também de propiciar uma estratégia local de resistência às limitações educacionais impostas pela ausência de instituições de ensino superior na região.

O professor conclui que, naquele período inicial, enfrentou diversos desafios, a priori como aluno e depois como docente; e um deles estava relacionado a sua qualificação, porém sempre buscou adquirir várias formações o que acabou conduzindo-o ao quadro docente do antigo 2º grau. Ele relembra que, mesmo sem possuir formação específica em determinadas áreas, era possível ministrar aulas em várias disciplinas, uma vez que a Secretaria de Estado de Educação (Seduc) admitia tal prática diante da expressiva falta de professores qualificados para atender à demanda local. O próprio Aloísio menciona ter lecionado conteúdos distintos como educação física, química, física, biologia e matemática, exemplificando o caráter multifuncional que o magistério assumia em contextos marcados por carências estruturais.

⁶³ FEITOSA, 19 mar. 2024.

Atualmente, permanece vinculado à mesma instituição, atuando como professor de química e como apoio à gestão escolar, o que evidencia a continuidade de seu compromisso com a formação educacional em Parauapebas.

O professor relembra alguns pontos interessantes a respeito da escola, entre dificuldades, infraestrutura e eventos; ele considera que teve fatos relevantes que marcaram a história da instituição:

Os professores mais antigos lembram esse início. Nunca é fácil. A gente encontra dificuldades, mas a gente supera, não é? A escola na época não era murada, o muro da escola foi construído com apoio da comunidade, com apoio dos alunos, com o apoio dos professores. A gente conseguiu murar a escola. Acho importante resgatar alguns fatos históricos da escola como a feira agropecuária que teve início aqui na Escola Euclydes Figueiredo, que funcionava como Facipa Feira do Município. E ela se expandiu tanto que teve que ir para um local maior e sair realmente da área da escola.

Para o professor, a importância do trabalho desenvolvido pela escola nessas quatro décadas da instituição está justamente no fato dela apresentar um pouco da história da educação do município, o que contribuiu para a formação dos alunos, “esse é um trabalho que a gente vem desenvolvendo e ainda estamos aqui até hoje nessa ação. [...] O Euclydes Figueiredo é uma das escolas pioneiras de Parauapebas, tudo, toda a história do Ensino Médio, iniciou aqui nessa escola [...]”. O docente ressalta que considera importante a comunidade escolar resgatar fatos relacionados a escola como forma de preservar a memória da instituição. “O prédio da escola era muito mais ventilado do que hoje, diz o professor. Não havia centrais de ar, somente ventiladores, mas as paredes tinham tijolos abertos. As salas abriam de ambos os lados e a ventilação geral era excelente.”⁶⁴ O professor Aloísio Feitosa aponta algumas mudanças estruturais que acontecerem na instituição, às vezes rudimentares, mas que proporcionavam à escola mais vento e ar.

O professor destaca que trabalhar na educação sempre foi difícil, independentemente da época. Mas há uma gratificação em ser reconhecido como professor, como por exemplo, quando você entra em lojas e alguém o reconhece enquanto professor. Aloísio relembra que nos anos oitenta e noventa todos na cidade se conheciam pois era relativamente pequena, e assim todos acabavam tendo relações mais próximas. Hoje, segundo ele, a dinâmica da cidade é diferente, com um aumento significativo na população, essa relação mais intimista foi ficando para trás.

O relato do professor oferece pontos interessantes em relação a educação. A afirmativa que trabalhar em educação nunca foi fácil nos mostra que os obstáculos continuam os mesmos em todas as épocas: estruturais, pedagógicos e sociais. Entretanto, o fato de ser afetuosamente

⁶⁴ FEITOSA, 19 mar. 2024.

lembrado por seu trabalho lhe dá um senso de satisfação e orgulho. Esse reconhecimento social, na cidade, apoia o papel do docente e forma um vínculo emocional entre os professores e a comunidade.

Ele acrescenta que entre os anos 1980 e 1990, a vida em Parauapebas era caracterizada por uma “sociabilidade mais íntima” característica de cidades na fase inicial de crescimento urbano onde “todo mundo conhece todo mundo”. Dentro desse ambiente mais integrado, que era caracterizado por relações vividas mais próximas, uma Cultura Escolar mais ampla e inclusiva podia ser desenvolvida. Crescendo demograficamente e espacialmente, as dinâmicas sociais da cidade mudaram e as mudanças tiveram implicações diretas para as figuras de reconhecimento e práticas escolares.

Sobre a educação que era feita na escola nos anos iniciais, Feitosa descreve o método de ensino que prevalecia como um em que a ênfase era colocada mais nos conteúdos, um conhecimento sistematizado. O modelo em questão só começou a mudar com a vinda de coordenadores pedagógicos que promoveram uma dose maior de ação e prática nas metodologias, articulando as educações locais com as políticas educacionais no Brasil. Outro fator que ele destaca é que apesar de estar equipada (bibliotecas e laboratórios), a ausência de especialistas significava que os laboratórios não eram totalmente utilizados. Nesse sentido, a história que nos é contada pelo professor Aloísio Feitosa não só resgata a lembrança da escola e da cidade de Parauapebas, mas também permite compreender as condições materiais e simbólicas que subsidiaram a Cultura Escolar naquela localidade.

Na esteira dessas narrativas que articulam passado e presente, o atual diretor, Arão Marques⁶⁵, amplia essa reflexão ao narrar episódios de sua própria vida e trajetória à frente da Escola Euclides. Em seu caso, torna-se evidente o papel de uma instituição escolar como alternativa concreta para transformar existências que, muitas vezes, se originam em condições precárias, demonstrando como trajetórias podem ser ressignificadas pelas oportunidades que surgem com a escolarização. As dificuldades encontradas no início de sua formação também ilustram os grandes desafios enfrentados pela educação paraense na década de 1980.

⁶⁵ Depoimento do professor Arão Marques, concedido em entrevista realizada em Parauapebas, 15 mar. 2024. 2024. Arão relatou que mora no município desde 2007, vindo de Marabá, para onde se mudou após longa estadia em Itaituba (1980-1997). Destacou o contexto migratório de sua família, oriunda do Piauí e Maranhão, e relembrou o início tardio de seus estudos, aos dez anos, devido à falta de escolas na zona rural. Ressaltou o empenho do pai, que organizou moradores para viabilizar uma sala de aula, tornou-se professor pelo Projeto Gavião e alfabetizou seus próprios filhos. Narrou ainda seu percurso até o ensino superior em Ciências Sociais, motivado pelo objetivo de ingressar no magistério estadual. Atualmente, Arão Marques reside em Parauapebas há aproximadamente 17 anos. Professor de Sociologia, lecionou em algumas escolas do município desde sua chegada, integrando o amplo contingente de famílias que migraram para o Estado do Pará em busca de novas oportunidades.

Arão Marques recorda como se deu o início de sua trajetória na educação estadual e seu vínculo com a Escola General Euclides Figueiredo:

Quando vim à escola fazer a prova do concurso, olhei e disse: se eu vier morar aqui em Parauapebas, quero trabalhar nessa escola. Mais tarde, já morando em Parauapebas, comecei a lecionar em outra escola, chamada Novo Horizonte, mas sempre, ao passar em frente ao Euclides, dizia para mim mesmo: se eu entrar para a rede estadual, quero ficar aqui. E acabou acontecendo: fui encaminhado para a escola e construí minha história na educação. Tenho um respeito e um carinho muito grande pela Escola Eduardo Angelim, pois foi lá que fui acolhido com muito afeto. Quando houve o PGE, Projeto de Gestão Educacional, uma parceria entre a Vale e o grupo Pitágoras, fui indicado como professor destaque para fazer o curso de gestão. Essa indicação partiu do Eduardo Angelim, mesmo eu já trabalhando no Euclides, pois a escolha não ocorreu por lá. Antes mesmo de concluir o curso, já estava com a indicação para assumir a direção da Escola Euclides, e assim acabou acontecendo. No primeiro momento, levei duas semanas para decidir se aceitaria ou não, até que finalmente disse “sim” ao desafio, sem ter noção exata do que enfrentaria pela frente. Logo na primeira semana surgiu o desafio da confirmação de matrículas. Na época, havia uma secretária que conhecia profundamente a escola e me orientava: “faça assim, faça desse jeito”. Eu também buscava dialogar com a professora Leila, então Secretária de Educação do município, que atuava como vice-diretora pelo Estado em outra escola. E assim fui aprendendo ao longo do tempo, a cada dia um aprendizado novo.⁶⁶

Esse testemunho evidencia o modo como as trajetórias individuais se vinculam à história da escola e como as experiências formativas, desafios institucionais e redes de apoio constituem-se em elementos fundamentais para a construção de percursos profissionais na educação. A narrativa de Arão destaca não apenas o seu envolvimento pessoal com a Escola General Euclides Figueiredo, mas também a importância dos vínculos de afeto, e do aprendizado cotidiano que caracterizam o fazer educativo, marcando profundamente a memória e a identidade daqueles que participam do cotidiano escolar.

O diretor iniciou seu vínculo com a rede estadual de ensino a partir do concurso realizado em 2008. Nomeado em 2009, estabeleceu então sua conexão com a Escola General Euclides Figueiredo. Num primeiro momento teve sua carga horária distribuída entre quatro escolas em razão, segundo relata, da escassez de sociólogos nas unidades de ensino de Parauapebas. Essa carência de profissionais da área acabava sendo suprida por docentes de Ciências Humanas, como geógrafos, historiadores e pedagogos.

Ele explica que, apenas a partir de 2014, passou a trabalhar exclusivamente no Euclides, e foi nesse mesmo ano que alguns professores o indicaram para a direção da escola. Para ele, exercer o cargo de diretor implica enfrentar inúmeros desafios e é uma atividade muitas vezes

⁶⁶ MARQUES, Arão. Entrevista concedida a Aline Alves. Parauapebas, PA, 15 mar. 2024.

estressante, mas que proporciona constantes aprendizagens: “muitas vezes o pai, o aluno, o professor, não entende o trabalho que você realiza”.⁶⁷

O diretor também comenta ter notado situações curiosas ao início de sua atuação na escola que, à época, funcionava exclusivamente nos turnos da tarde e da noite:

Os estudantes chegavam à escola por volta das 14h30 e permaneciam expostos ao sol em frente ao portão, pois não lhes era permitido entrar antes do início das aulas. Esse procedimento refletia uma lógica de tratamento que colocava o aluno da rede estadual em condição secundária, como se fosse “um aluno de segunda categoria”. Essa prática começou a ser modificada apenas com a gestão do professor Sena que, por ter um relacionamento mais próximo com a professora Socorro, diretora da escola municipal Chico Mendes II, conseguiu estabelecer um diálogo que amenizou conflitos existentes entre as direções das duas instituições. Na época, a professora Gislene ocupava a direção da Escola General Euclides Figueiredo pela rede estadual, enquanto a escola municipal era dirigida pela professora Socorro e havia tensões entre ambas as gestões. Com a chegada do professor Sena à direção do Euclides, esse cenário começou a se estabilizar. Quando eu assumi a direção, em 2014, os diretores da rede municipal eram os professores Ayrton e Jair, o que favoreceu negociações institucionais que se mostraram necessárias em diferentes ocasiões. No final de 2014 e início de 2015, ocorreu a última grande reforma pela qual a escola passou. Após esse período, também estiveram à frente da direção municipal as professoras Aurilene e Antônia Oliveira, bem como o professor Daniel. Foi durante a gestão da professora Aurilene que se criou o turno da manhã na Escola Euclides, a partir de solicitação do então presidente da Câmara Municipal. Esse processo gerou constrangimentos, já que tanto a diretora municipal quanto o secretário de educação inicialmente não apoiaram a implantação do novo turno. O ensino médio, até então, funcionava exclusivamente nos turnos da tarde e da noite, sendo que as primeiras turmas do ensino médio vespertino foram implementadas, no início da década de 1990, período anterior à minha chegada ao município.”⁶⁸

Esse trecho do depoimento do diretor Arão Marques destaca importantes dimensões da história recente da Escola General Euclides Figueiredo e das relações entre as redes estadual e municipal de ensino no contexto de Parauapebas. A situação narrada pelo diretor decorre do fato de funcionarem, no mesmo prédio, duas instituições escolares distintas, o que exige, por parte dos entes federativos, o compartilhamento das responsabilidades relativas à manutenção do espaço físico, e, por parte das gestões escolares, a construção de um diálogo constante para assegurar o uso articulado das dependências comuns.

O relato evidencia como decisões institucionais, acordos políticos locais e relações interpessoais entre gestores influenciam diretamente o cotidiano escolar, afetando desde a forma como os estudantes são recebidos até a estruturação dos turnos de funcionamento. A percepção inicial do diretor sobre o tratamento dispensado aos alunos da rede estadual que “permaneciam expostos ao sol, sem poder entrar na escola antes do horário das aulas”, revela

⁶⁷ MARQUES, 15 mar. 2024.

⁶⁸ MARQUES, 15 mar. 2024.

práticas institucionais que reforçavam hierarquias simbólicas entre estudantes e contribuía para consolidar representações de desigualdade entre as redes.

Além disso, o depoimento permite observar a autonomia relativa das escolas na articulação de seus interesses e na condução de negociações interinstitucionais. A menção às mudanças nas relações com a escola municipal que se tornaram mais colaborativas com a gestão do professor Sena ilustra como, no interior do campo educacional local, as direções escolares operam estratégias que podem tanto tensionar quanto estabilizar o convívio entre diferentes redes administrativas

A lembrança do diretor sobre a implantação do turno da manhã, mesmo enfrentando resistências iniciais por parte da gestão municipal e do secretário de educação, evidencia como decisões políticas frequentemente articuladas a partir de interesses de lideranças locais, como vereadores intervêm de modo direto na organização do tempo escolar e na ampliação das ofertas de ensino. Esse episódio ressalta a escola como espaço de embates e negociações que atualizam constantemente sua função social, reforçando a importância de compreendê-la, à luz da história da educação, como instituição permeada por disputas simbólicas, culturais e políticas.

O diretor observa que a escola foi construída na década de 1980 com o objetivo de atender à população de Parauapebas, ofertando desde a alfabetização até o então chamado Segundo Grau, o qual, à época, se dividia em cursos específicos, como Magistério, Administração e Contabilidade. Destaca que somente após a reforma educacional instituída pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional⁶⁹ (LDB), em 1996, passou-se a adotar uma educação de caráter geral, e que foi a partir dos anos 2000 que houve a distinção mais clara entre as modalidades.

Ele relembra episódios que ouviu sobre a fundação da instituição, especialmente no que diz respeito às dificuldades enfrentadas quanto à documentação dos estudantes e ao embaraço administrativo que marcou a criação da Escola Chico Mendes II, que passou a funcionar no mesmo prédio do Euclides, gerando implicações diretas no compartilhamento do espaço físico e na gestão cotidiana das atividades escolares. O professor destaca que

A Escola General Euclides Figueiredo foi fundada em 1984, tendo realizado sua aula inaugural em 1º de março, conforme relata a professora Irenilde Barata. Entretanto, a análise de documentos arquivados na Secretaria revela que já havia registros de estudantes que cursaram o ensino fundamental em Parauapebas desde 1982, embora muitos desses alunos sequer possuíssem documentação formalizada, por terem frequentado o que se chamava à época de “casa escola” — uma estrutura que se assemelha à própria experiência que tive no processo de alfabetização. Coube à professora Irenilde a tarefa de organizar essa situação, consolidando os registros e

⁶⁹ BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

regularizando a vida escolar dos primeiros estudantes do município. Um dos episódios que considero mais sensíveis na história da instituição diz respeito ao processo de criação da Escola Chico Mendes II, fato que costuma ser silenciado por alguns membros da comunidade. Em determinado momento, decidiu-se instalar a Escola Chico Mendes II no mesmo prédio ocupado pelo Euclides Figueiredo. Conforme o depoimento de uma fonte local — cujo nome não quero revelar —, a motivação teria sido afastar a então diretora do Euclides de suas funções. Segundo relatos, em um final de semana em que a diretora se ausentou para Belém, a fim de encaminhar documentos oficiais, foram implementadas mudanças estruturais significativas: as secretarias foram separadas, os estudantes do ensino fundamental foram alocados em uma sala reservada ao arquivo dessa etapa, enquanto o ensino médio permaneceu sob responsabilidade do Euclides Figueiredo. Além disso, trocaram-se as fechaduras das portas, de modo que, ao retornar, a diretora encontrou-se impossibilitada de acessar as dependências administrativas. Apenas então foi informada de que a Escola Chico Mendes II passaria a funcionar no mesmo prédio, cabendo ao Euclides manter exclusivamente o ensino médio. Consta que a diretora ficou profundamente abalada com a situação e, já próxima do período de aposentadoria, optou por se desligar da função, migrando posteriormente para atuar na área jurídica.⁷⁰

Esse relato evidencia aspectos administrativos da história da Escola e disputas simbólicas e institucionais que permeiam a constituição das memórias. Ao narrar o episódio envolvendo a criação da Escola Chico Mendes II, marcado por reorganizações físicas abruptas e por uma substituição indireta da direção, ele revela um acontecimento sensível que tende a ser silenciado por membros da comunidade.

Além disso, o caso ilustra como a memória não é apenas um depósito neutro de fatos passados, mas antes um campo de construção social, no qual diferentes atores, professores, gestores, órgãos governamentais, intervêm para consolidar versões, legitimar narrativas e, por vezes, silenciar conflitos. Tais processos reiteram o caráter seletivo e, muitas das vezes, controverso da memória, ressaltando a importância de se investigar criticamente as histórias locais para compreender as múltiplas camadas que compõem a identidade de uma instituição escolar.

O que eu percebo aqui em Parauapebas é que há uma tentativa de silenciar o nome da escola Euclides Figueiredo. Mesmo você sendo destaque dentro da cidade. Desculpe a minha empolgação quando eu falo isso. Mas eu consigo perceber esse silenciamento. Você pega como exemplo, eventos que ocorrem na cidade, a prefeitura pega e anuncia o evento que vai acontecer na escola, na primeira escola de Parauapebas e cita Chico Mendes II, mas não é! Seria uma maneira também silenciar nosso nome. Você vê na rádio, na internet, na televisão o anúncio se referindo sempre a Chico Mendes II, nunca ao Euclides Figueiredo, mesmo havendo esse silenciamento os alunos aqui sempre foram destaque na comunidade, que briga para ter seus filhos estudando aqui. E aí eu lembro que quando eu vim para a direção, eu falei uma vez para o professor Alderi que era um dos vices: nós temos que manter o padrão dos anos anteriores, não vamos deixar cair a qualidade do ensino na nossa gestão.⁷¹

⁷⁰ MARQUES, 15 mar. 2024.

⁷¹ MARQUES, 15 mar. 2024.

O diretor observa que em Parauapebas haveria uma tentativa velada de silenciar o nome da Escola General Euclydes Figueiredo, apesar de sua reconhecida relevância no município. Ele exemplifica esse silenciamento ao mencionar eventos oficiais anunciados pela prefeitura, em que o local é referido como “a primeira escola de Parauapebas”, mas associada nominalmente apenas à Escola Chico Mendes II, desconsiderando o Euclydes Figueiredo. Para ele, essa prática reiterada em diferentes meios de comunicação, rádio, *internet* e televisão, constitui uma forma indireta de ocultar a importância histórica e simbólica da escola junto à comunidade local.

Ainda assim o diretor enfatiza que, mesmo diante dessa invisibilidade, a escola sempre manteve forte prestígio, evidenciado pela procura constante de famílias que disputam vagas para matricular seus filhos, reconhecendo o destaque de seus alunos em diversas iniciativas. Recorda que, ao assumir a direção, comentou com o vice-diretor sobre a responsabilidade de manter o padrão de qualidade do ensino construído ao longo dos anos, afirmando: “não vamos deixar cair a qualidade do ensino na nossa gestão.”⁷²

Arão Marques recorda que, ao chegar à mencionada instituição, encontrou um ambiente estruturalmente muito distinto do atual: as salas não eram climatizadas, algumas contavam apenas com ventiladores, utilizava-se o quadro negro com giz e não havia lousas brancas. Menciona também que, ao longo dos anos, o corpo docente passou por significativas alterações, seja por aposentadorias ou por transferências para outras unidades, de modo que atualmente o quadro de professores é composto, em sua maioria, por docentes nomeados a partir do concurso público de 2018 e por contratos oriundos dos processos seletivos simplificados vigentes no Estado.

Apesar dos inúmeros desafios enfrentados na gestão escolar, Arão destaca que dirigir a instituição é também fonte de profundas realizações e motivações. Ressalta a satisfação em reencontrar ex-alunos que alcançaram estabilidade profissional, como no caso de um estudante que acompanhou ainda como professor, aprovado no curso de Engenharia Mecânica da Universidade Federal do Pará (UFPA) e que posteriormente realizou estágio na empresa Vale e, pela última informação que teve, encontrava-se atuando na Europa. O diretor relata que esse ex-aluno, mesmo após encerrar o vínculo escolar, retornou por duas ou três vezes à quadra da escola para jogar, durante visitas à cidade, o que evidencia a manutenção de laços afetivos com o espaço escolar.

⁷² MARQUES, 15 mar. 2024.

Ao fazer um balanço de sua trajetória à frente da escola, o diretor reconhece que as experiências nem sempre são positivas. Assim como se alegra ao perceber os êxitos alcançados por alguns ex-alunos, também se depara com situações que evidenciam as dificuldades e fragilidades que, historicamente atravessam o campo educacional, produzindo por vezes sentimentos de tristeza e impotência diante de questões que extrapolam as fronteiras da escola.

Acho que uma das lembranças mais tristes que nós vivenciamos foi ter que sepultar uma aluna assassinada por uma facção criminosa. Uma aluna que nós acompanhamos durante um ano e meio, com conversas e tudo mais. A gente acabou não conseguindo evitar o mal contra aquela menina. E você ter que no final fazer o sepultamento é muito triste. Você perder uma jovem de 16 anos para o tráfico é uma lembrança triste, que vai ficar aí na memória. Tem outros casos também de alunos nossos que durante o Ensino Médio acabaram tendo uma enfermidade e se foram.⁷³

Esse depoimento evidencia o papel da escola na construção de memórias afetivas e de reconhecimento social. Ao relatar episódios que envolvem ex-alunos bem-sucedidos profissionalmente, Arão projeta a escola como um lugar simbólico, no qual se sedimentam laços que perduram para além do período estrito da escolarização, reafirmando o papel da instituição na formação de identidades e na consolidação de trajetórias de vida.

Os encontros na quadra, mesmo após o término do vínculo oficial com a instituição, ilustram essa dimensão afetiva e comunitária, revelando a força que a escola exerce como lugar de pertencimento. Assim, o testemunho do diretor Arão Marques revela práticas e significados que compõem o patrimônio imaterial da escola, reforçando sua centralidade na produção de memória e Cultura Escolar no contexto paraauapebense.

O diretor também destaca a relevância dos diversos eventos promovidos pela escola ao longo dos anos, como feiras de ciências, jogos estudantis, projetos solidários e comemorações, ressaltando que tais iniciativas contribuem significativamente para uma formação cidadã. Enfatiza que cada atividade possui uma importância própria dentro do contexto em que foi concebida, passando por processos de resignificação ao longo do tempo. Observa, ainda, que essas experiências permitem perceber as transformações nos atores sociais envolvidos, bem como nas formas de pensar e agir dos sujeitos que participam dessas ações, evidenciando a escola na construção de valores e no fortalecimento de práticas de convivência democrática.

Ele recorda que

[...] A feira de ciências de 2019 foi para mim a segunda maior feira de ciências dessa escola. Foi só um dia, mas envolveu todas as turmas, você tinha uma média de três projetos por turma, um movimento muito grande feita pelos professores que estavam

⁷³ MARQUES, 15 mar. 2024.

chegando do concurso público de 2018. Eles estavam num gás danado para trabalhar, junto com a experiência dos mais antigos aqui dessa escola foi bem emocionante essa feira. Como o Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) da escola estava todo em dia, eu acho que esses professores novos nunca tinham visto uma situação daquela onde ele apresentava o projeto para a escola e o material era comprado, e o projeto era desenvolvido. Nesse mesmo ano houve um Natal solidário também muito importante. Eu acho que eles recolheram aí umas 3 ou mais toneladas de alimento. Sei que foram umas 3 salas cheia de cestas básicas. Eu lembro que os alunos traziam os alimentos e não tinha os sacos para colocar o alimento. Aí nós fomos através do conselho, compramos aquele modelo de saco de cesta básica, os meninos enchiam. Tinha pai que trazia de 60 kg, entre arroz e feijão, essas coisas para montar as cestas. E depois esses alunos saíram para fazer as doações, justamente com a coordenação da escola. Outra feira importante foi a do ano passado de 2023, depois da pandemia, estava todo mundo assim, ansioso de fazer um grande evento. A escola também tem uma tradição nos jogos estudantis, junto com as professoras de educação física nós sempre trabalhamos a importância do esporte. Temos alunos que sempre se destacam e jogam nos times da cidade. Na verdade, nunca saiu um para ser atleta profissional. Mas, temos alunos destaques aqui dentro da cidade que saíram desses campeonatos como Jogos Interescolares de Parauapebas (jipe), Jogos Estudantis Paraense (jeps), sendo medalhista, campeões e assim por diante. Basta ver a quantidade de troféus que nós temos ali na entrada da sala da direção.⁷⁴

Esse relato sobre as feiras de ciências, os projetos solidários, as festividades e os jogos estudantis vão muito além de simples eventos pontuais no calendário escolar: constituem-se como práticas fundamentais que se formam e se reproduzem no interior das instituições.

No caso da Escola General Euclydes Figueiredo essas atividades assumem papel central na socialização dos estudantes e na construção de pertencimentos. As feiras científicas, ao mobilizarem professores recém-ingressos e docentes experientes em torno de um mesmo objetivo, ilustram como a Cultura Escolar se atualiza e se ressignifica a partir do encontro entre gerações profissionais e das oportunidades proporcionadas por diversas atividades. Já o Natal Solidário, de 2019, demonstra o potencial da escola em articular ações de solidariedade e responsabilidade social, estreitando os vínculos entre comunidade e instituição, e reforçando valores que extrapolam o conteúdo disciplinar.

Os jogos estudantis, por sua vez, constituem tradições que consolidam memórias afetivas e reforçam identidades juvenis, projetando o nome da escola na comunidade local por meio de medalhas e troféus que simbolizam conquistas coletivas. Esses exemplos evidenciam a produção de experiências compartilhadas que, ao serem reiteradas e celebradas, contribuem decisivamente para a construção de um sentimento de pertencimento com a escola e com a cidade.

Além das práticas que reforçam as memórias afetivas e o sentimento de pertencimento, destaca-se também o modo como a escola se insere em processos sociais mais amplos, especialmente no que se refere à formação política e ao debate público. Ao ser questionado

⁷⁴ MARQUES, 15 mar. 2024.

sobre o engajamento político manifestado pelos discentes da escola ao longo dos anos, Arão Marques reflete que a instituição desempenhou igualmente um papel relevante ao sediar discussões fundamentais para o desenvolvimento urbano de Parauapebas. Ele menciona, como exemplo, a audiência pública que tratou da abertura de novos loteamentos no município e que contou com a presença de autoridades locais, do então prefeito, de representantes da mineradora Vale e de membros da sociedade civil organizada. No que se refere ao comportamento político dos estudantes, o diretor rememora que as turmas do terceiro ano dos períodos de 2010, 2011 e 2012 demonstravam comprometimento expressivo, revelando inclusive traços de militância. Todavia, ao fazer uma relação com experiências de movimentos estudantis vivenciadas por ele em Marabá, considera esse engajamento ainda insuficiente, o que revela uma percepção crítica acerca do nível de mobilização juvenil observado no contexto escolar em comparação a outras realidades históricas. Segundo ele,

[...] eu lembro que houve aqui no passado, alguns grupos de estudantes bem-organizados, mas muitos falhos também. Há também muitas falhas nesse processo de conscientização política. Outro dia, conversando com algumas lideranças da escola e daqui de Parauapebas, acabei citando, por exemplo, quando foram abrir esses novos loteamentos como da Nova Carajás e esse ramal da ferrovia. Na época, eu era professor, e houve uma audiência pública aqui na quadra da escola com a Câmara municipal, prefeito, representantes da Vale e um grupo de empresários. Em nenhum momento consegui visualizar os movimentos sociais, cobrando, por exemplo, a prefeitura para determinar que a mineradora deixasse algum condicionante social para a construção desse ramal, que saí daqui de Parauapebas para Canaã. E isso deixou muito a desejar. Diferente de Altamira, quando foi para construção da hidrelétrica, que pediram um campus universitário da UFPA, curso de medicina, mas aqui, em Parauapebas, não houve nada nesse sentido. A população de Parauapebas, nem os estudantes desta escola, não conseguiram se mobilizar. Acho que nem conseguiriam, pois, a Vale mandou uma equipe muito boa, se alguém tentasse se mobilizar, eles estavam bem-preparados com mais de 20 técnicos para responder qualquer questionamento.⁷⁵

Essa recordação feita por Arão Marques amplia o entendimento acerca das múltiplas dimensões que atravessam a Cultura Escolar local, evidenciando a escola como um espaço múltiplo, onde se estabelecem debates que tangenciam interesses coletivos, disputas e processos de construção de cidadania. A realização de uma audiência pública para discutir a abertura de novos loteamentos mostra o modo como a instituição escolar, em Parauapebas, se insere nas dinâmicas urbanas e econômicas que configuram a história recente da cidade.

Ao destacar o engajamento político das turmas de 2010 a 2012, Arão Marques sinaliza a emergência de práticas estudantis que extrapolam o âmbito estritamente escolar e dialogam com temas de interesse público. Todavia, sua avaliação de que tal mobilização seria

⁷⁵ MARQUES, 15 mar. 2024.

“insuficiente” ao ser comparada às experiências vivenciadas em Marabá evidencia não apenas um contraste geracional ou geográfico, mas também mostra o peso das expectativas individuais, fruto de trajetórias políticas anteriores na leitura dos fenômenos contemporâneos.

Assim, as formas de engajamento político dos estudantes da Escola General Euclydes Figueiredo podem ser interpretadas não como insuficiência absoluta, mas como expressão de um novo contexto político, social, cultural e econômico de Parauapebas, cidade profundamente marcada pela mineração, por ciclos migratórios intensos e por lógicas institucionais próprias.

O diretor Arão Marques realiza um balanço acerca das quatro décadas de trajetória da instituição e projeta expectativas para os próximos quarenta anos, evidenciando a íntima relação entre as transformações previstas para a escola e o próprio processo histórico de expansão urbana do município. Ao refletir sobre o futuro, observa que mudanças significativas deverão ocorrer, ainda que não possa precisar quais, expressando o desejo de testemunhar tais transformações. Destaca, entretanto, algumas tendências já perceptíveis, como a possível redução do número de turmas no turno noturno, em função do progressivo equacionamento da distorção idade-série, o que poderá impactar diretamente a média de matrículas, historicamente estabilizada entre 1.300 e 1.500 estudantes desde o início da década de 2010.

Ao reconstituir o processo de crescimento da cidade desde seu ingresso em Parauapebas, o diretor lembra que, à época, o tecido urbano concentrava-se em bairros como Cidade Nova, Complexo Altamira, Casas Populares, Liberdade 1 e 2, Bairro da Paz e Guanabara, expandindo-se posteriormente para localidades como VS-10, Cidade Jardim e Parque dos Carajás, regiões que, segundo ele, outrora sequer se cogitava que viriam a ter o dinamismo populacional atualmente observado. Para Arão Marques, tais dinâmicas reforçam a necessidade de um planejamento urbano consistente, uma vez que o acelerado processo de adensamento demográfico experimentado por Parauapebas ao longo de seus 36 anos de emancipação tende a exigir soluções cada vez mais complexas nas próximas décadas.

Para o diretor é importante que se estabeleça um planejamento consistente para o município que, ao longo dos anos de emancipação política, experimentou um crescimento populacional e territorial acelerado, sob o risco de, nas próximas quatro décadas, enfrentar problemas ainda mais complexos decorrentes dessa expansão. Ele observa que, embora não se saiba ao certo quando, o esgotamento das reservas minerais, principal matriz econômica local, é frequentemente apontado pela população como um processo inevitável, o que evidencia a urgência de se repensar alternativas que sustentem o desenvolvimento regional.

Nesse sentido, defende que a região poderia ser projetada como um polo educacional e tecnológico, a partir de investimentos robustos em educação, que incluíssem Parauapebas,

Marabá, Açailândia e outras cidades do Maranhão até São Luís, ou ainda, em outra direção, até Belém e Barcarena, mediante a consolidação de corredores logísticos e ferroviários que potencializassem novas dinâmicas econômicas. Ao recorrer à memória familiar, Arão Marques relata que seus pais, migrantes do Piauí para o Maranhão na década de 1970, presenciaram a abertura de trilhas na mata destinadas à construção de ferrovias, cujos traçados, vistos à época, foram efetivamente concretizados na década de 1980, alterando de modo substancial o território. Ele rememora que, até meados dos anos 1980, o percurso entre Parauapebas e Marabá era marcado por extensas áreas florestais, hoje praticamente substituídas por ocupações urbanas e degradações ambientais, inclusive com a eliminação de matas ciliares ao longo dos igarapés.

Arão Marques pondera que a forma como se deu a ocupação da região implicou consequências sociais, econômicas e ambientais significativas. Para ele, o processo promoveu o enriquecimento de uma parcela restrita da população, enquanto outra permaneceu em situação de vulnerabilidade. Entretanto, reconhece que, ainda assim, houve aqueles que, embora não tenham ascendido economicamente, conseguiram avançar em termos educacionais, concluindo o ensino fundamental, médio e, posteriormente, o ensino superior, o que lhes possibilitou algum grau de mobilidade social.

Por fim, o diretor realiza um balanço sobre o período em que se encontra à frente da gestão escolar, enfatizando que, na atualidade, surgem desafios que extrapolam a dimensão estritamente pedagógica. Segundo ele, tais desafios envolvem desde questões relativas à administração da instituição e ao desenvolvimento pedagógico propriamente dito, até a manutenção de relações equilibradas com a comunidade escolar e a efetivação de políticas educacionais, configurando um trabalho que demanda elevados níveis de paciência, comprometimento e que, não raras vezes, resulta em considerável carga de estresse.

O diretor aponta, por exemplo, situações recorrentes como conflitos entre estudantes, episódios de desrespeito direcionados a professores e à própria equipe diretiva, bem como o ônus de lidar cotidianamente com acusações, muitas vezes infundadas, oriundas de canais como a ouvidoria ou mesmo do Ministério Público. Ele observa, que o impacto inicial é sempre desgastante, gerando tensão e, no seu caso particular, contribuindo para o desenvolvimento de um quadro de hipertensão, o que evidencia os custos subjetivos do exercício da gestão escolar em contextos complexos.

Apesar dessas adversidades, o diretor destaca o papel fundamental que é desempenhar a condução de uma escola como a General Euclides Figueiredo, na medida em que se trata de influenciar não apenas o processo de aprendizagem cognitiva, mas também o desenvolvimento social, emocional e ético dos indivíduos. Nesse sentido, sublinha conquistas importantes, como

o elevado índice de alunos aprovados no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e em instituições de ensino superior, tanto no município quanto em outras localidades. Segundo ele, anualmente entre 300 e 400 estudantes concluem o Ensino Médio, sendo que já no mês de janeiro a escola organiza a emissão dos certificados para viabilizar a matrícula desses jovens nas universidades e faculdades. Destaca ainda o desempenho consistente da instituição nos indicadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), assegurando posições destacadas tanto na média estadual quanto municipal.

Para Arão Marques, todo esse percurso consolida-se como resultado de quatro décadas marcadas por um compromisso contínuo com a qualidade da educação, compreendida como elemento essencial para o desenvolvimento local e regional, reafirmando o papel da escola como espaço privilegiado de formação integral dos sujeitos.

Por sua vez, Marlene Nascimento⁷⁶, ao rememorar seu período como estudante da Escola Euclides Figueiredo, evidencia diversas recordações que extrapolam o âmbito estritamente pedagógico. Entre essas memórias, destaca a figura do senhor Armando, pipoqueiro que vendia lanches aos alunos e que, segundo ela, acompanhou inúmeras gerações que passaram pela instituição, tornando-se parte do cotidiano escolar. Ressalta, ainda, a convivência com os colegas, que não se limitava ao espaço físico da escola, uma vez que as amizades se estendiam para além dos seus muros. Os trabalhos escolares, como relembra, eram frequentemente realizados nas casas dos próprios estudantes, confeccionados manualmente, em um contexto no qual a tecnologia não permeava as atividades educativas como ocorre na atualidade. Marlene sublinha, inclusive, que a ausência dos celulares naquele período favorecia interações mais intensas e presenciais, muitas das quais resultaram em laços de amizade que perduram em sua vida até hoje.

Para começar, a gente não estava na era da tecnologia, então era o bate-papo no horário do recreio, era você ter sua amiga. Eu sempre gostei de ter minha amiga para conversar, para ir ao lanche. Outro momento era a roda de conversa que acontecia no pátio e se estendia para o pátio maior que havia naquela época, porque não existia o terceiro bloco. Onde é o terceiro bloco hoje, era uma área destinada à realização de eventos, onde aconteciam shows. Os primeiros shows da cidade foram feitos aqui na escola; eu, inclusive, vim para um show do Gean e Giovani aqui. Era naquele momento que a gente encontrava o pessoal de outras turmas, de outros cursos, como

⁷⁶ Marlene Dias do Nascimento, natural do Tocantins, é funcionária da Biblioteca Ernani Guimarães há 14 anos. Veio para o município de Parauapebas por volta da década de 1980 e relata que a migração de sua família ocorreu de forma semelhante à da maioria das pessoas que se deslocaram para a região, em busca de trabalho na atividade mineradora. Segundo ela, a decisão de vir para Parauapebas deu-se principalmente porque sua irmã, já casada, residia na cidade, e sua mãe demonstrou apreço imediato pelo local. À época, contudo, Marlene não compreendeu o motivo de sua mãe ter gostado tanto do lugar. Ao contrário dela, ressalta que foi muito doloroso deixar sua terra natal e os amigos para recomeçar a vida em um local completamente novo.

contabilidade e administração. Era a hora em que interagíamos e conversávamos, pois não havia ninguém com celular.⁷⁷

O testemunho de Marlene Nascimento revela o quanto a experiência escolar além das atividades didáticas, insere-se no campo das sociabilidades, dos afetos e das práticas culturais. Ao rememorar a ausência de tecnologias digitais em sua época de estudante, enfatiza o valor dos encontros presenciais, das conversas nos recreios e das rodas de diálogo que se estendiam pelos pátios, espaços esses que favoreciam a construção de laços de amizade e pertencimento. A referência ao local onde hoje se ergue o terceiro bloco da escola, outrora destinado a eventos e apresentações musicais, demonstra como o ambiente escolar também se constituía em palco de manifestações culturais significativas para a comunidade, como os primeiros shows realizados na cidade. Tais memórias evidenciam a escola como um espaço vivo, onde se entrelaçam relações interpessoais e a própria história social local.

Ela recorda que integrou a turma de magistério da Escola Euclides Figueiredo na década de 1990 e menciona que suas aulas eram bastante dinâmicas, com professores que traziam muitas experiências do cotidiano para o ambiente escolar. As disciplinas de que mais se lembra são a de Didática, cujos trabalhos eram apresentados em uma espécie de júri, no qual eram avaliados e, posteriormente, recebiam as respectivas notas; e a de Desenho Pedagógico que envolvia a elaboração de materiais que poderiam ser utilizados em sala de aula, considerando que, segundo ela, naquela época todos os trabalhos eram confeccionados manualmente pelos professores.

Entre os docentes de quem guarda memória afetiva, Marlene cita nomes como Irenilde Barata, Aloísio Feitosa, Ramos e Luiz Vieira que teriam sido referências fundamentais em sua formação e marcaram profundamente sua trajetória estudantil. No que diz respeito às comemorações promovidas pela escola, destaca que as maiores eram as festas juninas, realizadas nas dependências da instituição e que, pela grandiosidade, permaneceram vivas em sua memória.

O relato de Marlene Nascimento evidencia como a experiência escolar constitui-se por práticas pedagógicas significativas e relações afetivas duradouras. Ao rememorar o curso de magistério, na década de 1990, destaca não apenas o caráter dinâmico das aulas e o enfoque prático de disciplinas como Didática e Desenho Pedagógico, mas também a importância dos docentes que marcaram sua trajetória, funcionando como verdadeiros referenciais de sua

⁷⁷ NASCIMENTO, Marlene Dias do. Entrevista concedida a Aline Alves. Parauapebas, PA, 27 jun. 2024.

formação pessoal e profissional. As festas juninas, por sua vez, surgem em seu testemunho como momentos emblemáticos da Cultura Escolar, que reforçam laços comunitários e contribuem para a construção de uma memória compartilhada pelos sujeitos que vivenciaram aquele contexto. Dessa forma, sua narrativa revela a escola como um ambiente que articula ensino, sociabilidade e memória, consolidando-se como espaço privilegiado na constituição de identidades.

A ex-aluna considera que a trajetória da Escola Euclides Figueiredo possui relevância fundamental para a história de Parauapebas, por integrar a vida de inúmeros sujeitos que ali estudaram. Afirmar, inclusive, que costuma referir-se à instituição como uma “escola materna”, expressão que, para ela, sintetiza o desejo coletivo de ali se matricular e estudar. Destaca que, à época, o acesso não era fácil: enfrentavam-se longas filas e, mesmo assim, muitos permaneciam em listas de espera pela alta demanda, o que, em seu entendimento, reforça o prestígio e o reconhecimento da escola enquanto referência na educação do município condição que, segundo ressalta, permanece até os dias atuais.

O relato da ex-aluna demonstra como a Escola Euclides Figueiredo se consolidou, ao longo de sua trajetória, como um importante referencial simbólico e social para a comunidade de Parauapebas. Ao qualificá-la como uma “escola materna”, Marlene não apenas expressa um sentimento afetivo individual, mas também revela o reconhecimento coletivo do prestígio associado à instituição. As filas extensas e as listas de espera mencionadas pela ex-aluna ilustram esse fenômeno, apontando para a escola como uma instituição de referência, capaz de conferir legitimidade e status àqueles que dela fazem parte. Assim, a memória individual registrada no depoimento projeta-se como parte de uma memória coletiva local, que reforça a centralidade histórica e cultural da Escola Euclides na constituição das identidades sociais do município.

Em continuidade às memórias que ressaltam o papel da Escola Euclides Figueiredo na constituição das identidades sociais de Parauapebas, destaca-se o depoimento da aluna Giovanna Caroline Araújo Vital⁷⁸, estudante do Ensino Médio.

Giovanna Vital enfatiza as contribuições da Escola General Euclides Figueiredo para o desenvolvimento educacional de Parauapebas, especialmente por possibilitar que os alunos

⁷⁸ Caroline Araújo Vital, nascida em Parauapebas e atualmente cursando o terceiro ano do Ensino Médio, apesar de residir em um bairro distante, optou por estudar na Escola Euclides Figueiredo por reconhecê-la, à época em que iniciou o Ensino Médio, como uma instituição que mantinha aulas presenciais e já se consolidava como referência em qualidade educacional. Sua escolha, entretanto, não se fundamentou apenas em critérios pedagógicos: trata-se também de uma escola que abriga parte significativa da memória familiar, por ter sido o local de formação de diversos parentes, entre eles sua mãe, irmãos, tias e primos.

“desenvolvam a cidadania” e “se preparem para uma profissão no futuro”. Ao destacar a realização de exames simulados, revisões e outras práticas pedagógicas que aprimoram habilidades e competências voltadas à preparação para o ensino superior, ressalta o papel fundamental da escola em capacitar seus estudantes para enfrentar os desafios impostos pela sociedade contemporânea, por meio do conhecimento construído em sala de aula e de sua efetiva aplicação. Além disso, não apenas sublinha o valor da educação enquanto instrumento de autoaperfeiçoamento, mas também reconhece uma dimensão ética na relação estabelecida pela instituição com sua comunidade escolar.

O depoimento de Giovanna Vital mostra como a Escola General Euclides Figueiredo se projeta na preparação dos jovens para o mundo do trabalho e para os desafios sociais mais amplos. Ao ressaltar práticas como simulados, revisões e metodologias que potencializam o ingresso no ensino superior, Giovanna revela a preocupação da instituição em articular o saber escolar às demandas contemporâneas, reafirmando seu compromisso com a formação dos sujeitos.

A estudante também destaca a relevância da escola em seu desenvolvimento pessoal e na construção de sua formação cidadã. Sua escolha pela Escola General Euclides Figueiredo vai além de uma justificativa meramente geográfica, fundamentando-se no reconhecimento da qualidade da instituição e na tradição familiar que a conecta à escola, reforçando laços que atravessam gerações.

Desse modo, seu relato ilustra como a Escola General Euclides Figueiredo se consolida como um espaço que abriga memórias familiares e reforça vínculos intergeracionais. Ao situar sua escolha pela instituição para além de questões logísticas, atribuindo-lhe valor pela tradição e pela qualidade reconhecida, Giovanna evidencia a escola como um ponto de convergência de histórias compartilhadas. Essa perspectiva revela o papel da escola na produção de um sentimento de pertencimento e continuidade, ao mesmo tempo em que destaca sua função social, alinhando experiências pessoais a um projeto educativo que atravessa o tempo e conecta distintas gerações da comunidade.

Destaca que a escola é segura, com salas climatizadas, com diversas áreas de convivência, como refeitório e áreas de esportes. Segundo ela é uma escola acolhedora e inclusiva, com um ambiente que oferece a troca de vivências e a possibilidade de fazer amizades. Entretanto, alguns espaços importantes como biblioteca, sala de informática que a escola possui, os alunos do Estado não tem acesso, somente o município, pois dividem o prédio com outra instituição que é a Escola Chico Mendes II. Outro fator que destaca é a carga horária dos alunos do Estado que é menor que de outras escolas devido esse compartilhamento entre as

instituições. Em relação ao corpo docente, ressalta que alguns professores marcaram positivamente sua jornada.

A indisponibilidade da biblioteca e da sala de informática para os alunos da educação estadual, causada pelo fato de o prédio ser compartilhado com a Escola Municipal Chico Mendes, é destacada como um entrave estrutural que impacta na qualidade da experiência educacional e traí as lacunas entre as políticas de compartilhamento, os espaços públicos e a oferta educacional.

Giovanna Vital salienta a importância da escola na sua preparação para o Enem e outros vestibulares, frisa que a escola disponibiliza simulados, revisões e atividades que visam aprimorar as habilidades e competências dos alunos, fazendo com que tenha mais confiança em sua preparação para poder concorrer a uma vaga na universidade e assim conquistar uma carreira profissional de sucesso. Destaca que espera que a escola Euclides continue sendo uma escola com ensino de qualidade e que oportunize com que mais jovens possam trilhar seus caminhos.

Eu tenho consciência do valor da educação para a vida das pessoas. É por isso que escolhi a escola em que estudaria este ano ao entrar no ensino médio, e busquei uma escola que já tivesse tradição na cidade, então... Gostaria de me tornar advogada, e um dos meus objetivos após me tornar advogada é aplicar meu conhecimento para elaborar políticas públicas para as escolas públicas, como a que frequento. Quero tornar a educação de qualidade acessível a todos os estudantes. Desejo voltar a Euclides após obter meu diploma para poder colaborar com a educação pública de alguma forma. Estou confiante de que, com minha futura formação em Direito, poderei trabalhar para mudar este mundo para melhor e oferecer um futuro melhor para as próximas gerações.⁷⁹

Giovanna chama a atenção para a relevância dos programas que têm como objetivo preparar os alunos para exames, como o Enem, que incentivam práticas para o desenvolvimento de habilidades e competências baseadas nas demandas da educação.

A decisão da estudante de se matricular no curso de Direito mostra um aspecto ético e coletivo no processo de formação, pois demonstra uma consciência social da educação ao desejar levar sua futura formação jurídica para produzir e implementar políticas públicas para a educação pública com foco na inclusão e na igualdade, valores indissociáveis dos direitos à educação. Além de reafirmar o papel fundamental da educação na formação dos indivíduos críticos. Sua história corrobora a noção de que a escola é um local de produção de

⁷⁹ VITAL, Giovanna Caroline Araújo. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas PA, 27 jun. 2024.

conhecimento, sociabilidade e construção de identidades, tanto individuais quanto coletivas, e, portanto, é central para a construção de projetos de vida, marcados pela transformação social.

Dessa forma, O conjunto das entrevistas realizadas evidencia qual o papel da Escola General Euclides Figueiredo na história educacional e social de Parauapebas. Ao articularem memórias individuais, trajetórias e percepções sobre a qualidade do ensino e a infraestrutura escolar, os depoimentos revelam como a instituição consolida-se como espaço de pertencimento, sociabilidade e projeção de futuros. As narrativas, ao destacarem desde as práticas pedagógicas até a relevância ética da escola junto à comunidade, contribuem para refletir as múltiplas dimensões que compõem sua Cultura Escolar e sua presença viva na constituição das identidades locais. Com isso, tais relatos não apenas enriquecem a compreensão sobre a trajetória da Escola Euclides Figueiredo, mas reafirmam seu valor como patrimônio educacional e afetivo do município.

CAPÍTULO 4

DESVENDANDO SABERES: LUDICIDADE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA

4.1 A escola pela voz dos estudantes: análise de percepções e memórias discentes

A análise das respostas obtidas por meio do questionário⁸⁰ aplicados nas Turmas 202 (33 estudantes) e 203 (27 estudantes) evidencia aspectos relevantes sobre memória institucional, pertencimento e circulação de saberes históricos no espaço escolar. No total, foram consultados 60 estudantes do Ensino Médio, com média de idade entre 16 e 18 anos, predominando indivíduos nascidos em Parauapebas — 20 na Turma 202 e 21 na Turma 203. Esse dado sugere uma relação direta entre a trajetória desses jovens e o processo recente de urbanização do município, marcado pelo crescimento populacional associado aos fluxos migratórios decorrentes dos grandes projetos econômicos instalados na região. Ainda assim, observa-se a presença de estudantes oriundos de diversos estados brasileiros, indicando que a Escola Euclides Figueiredo se constitui, historicamente, como espaço de acolhimento de sujeitos de múltiplas origens, refletindo a dinâmica intercultural característica da cidade.

As respostas evidenciaram que muitos alunos têm vínculos familiares com a escola, demonstrando que a escolha por estudar na Escola Euclides Figueiredo está associada à tradição e ao reconhecimento social que a instituição possui no município. A presença de pais, tios ou outros familiares que também passaram pela escola contribui para o fortalecimento de uma memória coletiva e afetiva, que ultrapassa gerações e atribui sentido à permanência na instituição.

Ao serem questionados sobre o conhecimento a respeito da história da escola, muitos estudantes revelaram desconhecimento ou dificuldade em estabelecer conexões entre a memória institucional e os conteúdos históricos aprendidos em sala. Esse dado aponta para a necessidade de valorização do espaço escolar como objeto de estudo histórico, promovendo práticas pedagógicas que integrem a história da escola à formação identitária dos alunos. A maioria dos discentes reconhece a importância de conhecer a história da instituição que frequentam, demonstrando interesse em compreender quem foram os sujeitos que, no passado, construíram a trajetória da escola, e quais transformações ocorreram ao longo do tempo.

⁸⁰ O questionário utilizado nesta pesquisa encontra-se disponível no Anexo A, ao final desta dissertação.

Outro aspecto relevante diz respeito à dimensão afetiva da escola. As respostas revelaram que os alunos valorizam o ambiente escolar não apenas como espaço de aprendizado formal, mas também como local de convivência, socialização e construção de vínculos significativos. Atividades como encontrar amigos, dialogar com professores, praticar esportes, partilhar refeições e simplesmente estar no ambiente escolar foram mencionadas como experiências positivas. Para alguns estudantes, a escola representa o único espaço de sociabilidade, o que reforça sua função como núcleo formador e acolhedor, especialmente em contextos urbanos marcados pela desigualdade e pela desestruturação de espaços comunitários.

A figura do professor aparece de forma recorrente nas memórias afetivas dos estudantes, evidenciando a importância das relações interpessoais no processo educativo. Muitos alunos relataram ter sido positivamente marcados por docentes, reconhecendo o papel desses profissionais na sua formação e na constituição de suas identidades. Esse reconhecimento atribui à escola uma função que vai além da instrução: ela se configura como espaço de afeto, de referência e de produção de sentido para os jovens.

A análise dos dados também permite observar a importância de abordar o Ensino de História a partir de experiências e vivências mais próximas do cotidiano dos alunos. Ao integrar a história da escola ao currículo, os estudantes são convidados a pensar historicamente a partir do lugar que ocupam, reconhecendo-se como sujeitos históricos e compreendendo a dimensão temporal das instituições que frequentam. Essa prática contribui para a construção de uma consciência histórica, que envolve tanto a capacidade de entender os processos de mudança quanto a valorização das permanências e das memórias individuais e coletivas.

Em síntese, o questionário aplicado evidenciou a escola como um espaço plural, onde se entrelaçam memórias, afetos, tradições familiares e trajetórias pessoais. A investigação sobre o passado da instituição, mediada por atividades pedagógicas e pesquisas realizadas pelos próprios alunos, constitui um caminho promissor para o fortalecimento de identidades locais e o reconhecimento da escola como agente histórico e cultural. Assim, ao promover a escuta dos sujeitos escolares e estimular a valorização das memórias que ali circulam, o Ensino de História ganha uma dimensão mais significativa e humanizadora.

4.2 Fundamentos teóricos e metodológicos: ludicidade, memória e história oral no Ensino de História

A utilização de jogos no Ensino de História é uma alternativa para quem busca romper com aquele ensino mais tradicional dentro da sala de aula, oferecendo ao discente a possibilidade de acessar o conhecimento por meio da experiência. Conforme destacam Pereira

e Giacomoni, “jogar na aula de História é um belo exercício amoroso. [...] Jogar é instalar-se na passagem, em um intervalo do nosso cotidiano. [...] O jogo é o próprio ato. É brincar em ato [...] na passagem de um ‘não-saber ao saber’”⁸¹. Nesse sentido, o jogo torna-se não apenas uma estratégia didática, mas um espaço de criação de sentidos históricos.

Ao mesmo tempo em que entretêm, os jogos propiciam situações de aprendizagem que favorecem o desenvolvimento cognitivo, social e emocional, desde que inseridos em propostas pedagógicas fundamentadas e intencionalmente orientadas. Nesse sentido, compreender os fundamentos teóricos que sustentam a relação entre jogo e educação é essencial para seu uso crítico e eficaz no ensino, inclusive no Ensino de História.

A ludicidade na educação é defendida por diversos estudiosos, como Johan Huizinga⁸², que apontam os jogos como ferramentas fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e social. Segundo ele, o jogo não é apenas uma atividade recreativa, mas um elemento essencial para o desenvolvimento da cultura e da sociedade. Nesse sentido, para o autor o jogo é um fator fundamental no desenvolvimento da cultura humana. Em sua obra clássica “Homo Ludens”, Huizinga afirma que a cultura não se origina unicamente das necessidades práticas ou da racionalidade instrumental, mas se constitui, em grande parte, a partir do espírito lúdico que atravessa os diversos tempos históricos e formas de sociabilidade.

O pensamento de Huizinga reforça a importância do jogo como ferramenta de aprendizado. Ele não é apenas entretenimento, mas um meio de construção do conhecimento e da cultura. No Ensino de História, jogos podem proporcionar aprendizado significativo, permitindo que os alunos compreendam melhor os conteúdos históricos ao vivenciá-los de forma interativa. No entanto, é essencial que sejam utilizados de forma planejada e contextualizada, para que não se tornem apenas atividades recreativas sem valor educacional. Os jogos, quando bem aplicados, podem favorecer a construção do pensamento crítico, o desenvolvimento de habilidades cognitivas e a compreensão mais profunda dos fenômenos históricos.

Tizuko Morchida Kishimoto destaca a relevância do jogo, para o desenvolvimento cognitivo e social das crianças. Segundo ela, o jogo contribui para a construção do conhecimento, pois permite que a criança “explore, experimente e compreenda o mundo ao seu redor”. Fazer com que o aluno compreenda o mundo ao seu redor é um papel relevante para a

⁸¹ PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. Flertando com o caos: os jogos no Ensino de História. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (org.). Jogos e ensino de História. Porto Alegre: UFRGS, 2013. p. 19-24.

⁸² HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo Perspectiva, 2019.

disciplina de História que busca conectar os sujeitos cada vez mais com a sua própria realidade.⁸³

Nesse sentido, o professor precisa identificar quais jogos são pertinentes aos objetivos de aprendizagem e de que forma podem ser relacionados ao currículo. O jogo, portanto, não substitui o ensino, mas o transforma, ampliando suas possibilidades e promovendo o protagonismo dos estudantes no processo educativo.

No caso da História, o ponto central é pensar o desenvolvimento do pensamento histórico, da capacidade argumentativa e da análise crítica das narrativas e das fontes. A História precisa trabalhar com os estudantes o saber interpretativo, marcado por disputas de memória, identidades e sentidos atribuídos ao passado. Nesse contexto, o professor deixa de ser apenas transmissor de conteúdo para assumir o papel de mediador e organizador de situações didáticas que incentivem o pensamento histórico.

As tecnologias digitais também impactam significativamente o Ensino de História na atualidade, uma vez que os estudantes têm acesso a múltiplas maneiras de informação e convivem com novas formas de narrativa histórica nos meios digitais. Em síntese, os tempos de transformação educacional exigem uma reconfiguração do Ensino de História como prática formativa e crítica. Cabe ao educador promover a articulação entre o conhecimento histórico e a experiência dos sujeitos, buscando metodologias ativas, recursos digitais e estratégias que possibilitem a construção de saberes significativos. Ao formar sujeitos historicamente conscientes, a escola contribui para o fortalecimento da cidadania em contextos cada vez mais desafiadores.

Logo, trabalhar com a história oral nesta pesquisa foi fundamental não apenas para a recuperação de dados históricos, mas sobretudo para o acesso aos sentidos que os sujeitos atribuem às suas experiências vividas no espaço escolar. É este potencial interpretativo que confere à história oral sua maior riqueza, como afirma Alessandro Portelli “a história oral diz respeito ao significado histórico da experiência pessoal, por um lado, e o impacto pessoal das questões históricas, por outro”⁸⁴. Nesse caso, para o autor trata das construções subjetivas e culturais, carregadas de afetos, silêncios e expectativas.

A memória através da oralidade muitas das vezes é a principal fonte encontrada por muitos estudiosos que se dedicam a construir caminhos para o trabalho de História Oral. Desse modo, como afirma Alistair Thomson, na tentativa de deixar claro que o envolvimento com

⁸³ KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

⁸⁴ PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. 196 p. 16.

essa metodologia ajuda a “recuperar histórias-não-conhecidas e capacita as pessoas a construir suas próprias histórias”⁸⁵.

Como elucidam Meihy e Holanda⁸⁶, no entanto, qualquer projeto de história oral precisa articular a motivação do pesquisador com a definição clara dos procedimentos metodológicos, garantindo que o estudo se desenvolva de forma estruturada e rigorosa. Esse princípio orientou o planejamento e a execução do trabalho realizado na escola General Euclides Figueiredo, assegurando a integração entre propósito investigativo e técnica na construção do jogo didático. Nesse sentido, as entrevistas realizadas com alguns dos sujeitos que fazem ou fizeram parte da Escola General Euclides Figueiredo não foram realizadas apenas como instrumentos auxiliares de coleta de informações, mas como fontes primárias de historicidade, capazes de revelar o modo como a comunidade escolar interpreta seu passado, compreende seu presente e projeta expectativas para o futuro.

A ideia de utilizar essas narrativas de forma didática, por meio da elaboração do jogo educativo, concretiza um movimento duplo: de um lado, preserva e valoriza a memória oral dos sujeitos históricos que participaram da construção da escola; de outro, converte essas memórias em dispositivos pedagógicos que estimulam os estudantes a refletirem criticamente sobre o passado local e suas implicações identitárias. Assim, o jogo didático desenvolvido neste projeto não se limita a um recurso lúdico para o Ensino de História, mas constitui-se também como um produto de história oral aplicada, materializando fragmentos de narrativas que compõem a dinâmica do jogo.

Ao articular história oral, memória e ludicidade, o projeto busca dialogar com a noção de lugares de memória proposta por Pierre Nora⁸⁷, na medida em que transforma a experiência escolar em um patrimônio imaterial, passível de ser apropriado criticamente pelas novas gerações. O jogo didático, nesse contexto, atua como mediador entre as vozes do passado e a aprendizagem presente, contribuindo para que os estudantes se reconheçam como coautores da história de sua escola.

Desse modo, a integração da história oral ao processo de criação do jogo nos mostra a potência do método na promoção de um Ensino de História comprometido com a valorização das memórias locais. Ao inserir no espaço lúdico as falas, lembranças e afetos daqueles que

⁸⁵ THOMSON, Alistair ET AL. Os debates sobre a memória e história. Alguns aspectos internacionais. In: usos e abusos da história oral. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina (Coord.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, p. 66, 2001.

⁸⁶ MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. [Edição atualizada de 2023]. São Paulo: Contexto, 2023.

⁸⁷ “Lugares de memória” é uma expressão desenvolvida pelo historiador francês Pierre Nora.

fizeram a trajetória da Escola General Euclides Figueiredo, reafirma-se o princípio de que o conhecimento histórico escolar pode ser inserido na realidade dos sujeitos, dialogando com suas experiências, expectativas e projetos de vida.

4.3 *Desvendando Parauapebas*: caminhos metodológicos para pensar Parauapebas como prática de Ensino de História

Desde o início do mestrado, diversas inquietações surgiram acerca das possibilidades de ampliar o engajamento dos meus alunos nas minhas aulas. Ao longo da pesquisa, e em diálogo constante com meu orientador, foi pensado a proposta de construir um trabalho que promovesse uma aprendizagem mais significativa, baseada na valorização do contato interpessoal. Essa perspectiva buscou romper, ainda que parcialmente, com os modelos tradicionais que historicamente estruturam o Ensino de História, bem como questionar a crescente dependência de recursos tecnológicos, priorizando abordagens que resgatassem a dimensão humana do processo educativo.

Ao considerar a cidade de Parauapebas como um território atravessado por intensos processos históricos que vão desde a presença indígena originária até sua consolidação como um dos principais polos da mineração no Brasil, reconhece-se o papel fundamental da escola na construção das identidades locais. A instituição escolar, nesse contexto, funciona também como um espaço de preservação da memória, contribuindo para fortalecer os vínculos e fomentar o sentimento de pertencimento.

A Escola Estadual General Euclides Figueiredo, uma das instituições educacionais mais representativas do município, tem se constituído em uma referência na formação de sucessivas gerações, sendo essencial para a valorização das experiências locais e para o reconhecimento das raízes socioculturais que atravessam a trajetória do município.

De acordo com Hobsbawm, a construção da identidade está intrinsecamente ligada à valorização da memória e da tradição.⁸⁸ Nesse sentido, a escola se torna um espaço de produção e reprodução de narrativas históricas que, por meio da pesquisa e do ensino crítico da História, contribuem para a valorização das experiências locais e das diferentes vozes que compõem a trajetória de Parauapebas.

O Ensino de História, quando voltado para a realidade local, possibilita que os estudantes compreendam melhor os processos de ocupação, desenvolvimento econômico e

⁸⁸ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

dinâmicas socioculturais que moldaram Parauapebas ao longo das décadas. Segundo Sandra Pesavento, a história local deve ser trabalhada na escola como um instrumento que permite aos alunos estabelecerem conexões entre o passado e o presente, tornando o conhecimento histórico mais significativo.⁸⁹ Além disso, ao valorizar abordagens de temáticas históricas vinculadas ao espaço vivido pelos estudantes no currículo escolar, a instituição contribui para o fortalecimento da cidadania e do pertencimento social. Como afirma Freire, a educação deve partir da realidade do educando, permitindo-lhe compreender criticamente sua inserção no mundo.⁹⁰

Portanto, as narrativas em torno da Escola Euclydes Figueiredo não apenas registram e compartilham o passado de Parauapebas, mas também promovem um olhar reflexivo sobre os desafios e potencialidades do presente. Assim, a escola se torna um espaço de resistência, memória e construção identitária, fortalecendo o vínculo entre a educação e cidadania. Diante dessas reflexões, busquei considerar de que forma a prática docente em sala de aula poderia contribuir para a construção de uma identidade, a partir das vivências e narrativas históricas vinculadas tanto ao município quanto à escola, entendida aqui como espaço multifacetado.

Nesse contexto, a proposta de criação de um jogo abordando a história da escola e do município surgiu como um desdobramento do projeto de pesquisa desenvolvido junto aos estudantes. A sugestão visa tornar a aprendizagem mais dinâmica e interativa, convertendo o conhecimento histórico em uma experiência lúdica e colaborativa. A elaboração do jogo seguiu um percurso metodologicamente estruturado, contemplando distintas etapas que abrangeram pesquisa, planejamento e criação do jogo.

No ano de 2024, desenvolvi atividades pedagógicas na Escola Estadual Euclydes Figueiredo, atuando com duas turmas de 1º ano do Ensino Médio. Para a realização deste trabalho foi selecionada a turma 101, do turno matutino, com a qual foi possível estabelecer um diálogo mais consistente em torno do projeto voltado à história da escola. A ideia era apresentar como uma instituição escolar se constitui enquanto reflexo das transformações sociais, culturais e educativas experimentadas pela comunidade. Nesse sentido, comecei a trabalhar com o projeto intitulado: “Memórias da nossa escola: resgatando histórias e construindo identidade”, o objetivo central era engajar os estudantes na investigação histórica de sua própria unidade de ensino, impulsionando a valorização das memórias e contribuindo para o fortalecimento de um sentimento de pertencimento

⁸⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

⁹⁰ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

As etapas do projeto abrangeram desde a sensibilização dos estudantes até a elaboração final do jogo, com ênfase na valorização da memória e da Cultura Escolar como elemento formativo no Ensino de História.

A etapa inicial teve como objetivo despertar o interesse dos alunos pelo tema proposto. Para tanto, foi realizada uma roda de conversa orientada por questões norteadoras, tais como: “O que sabemos sobre a história da nossa escola?”, “De que forma a escola se transformou ao longo do tempo?” e “Quais memórias familiares ou comunitárias estão vinculadas à trajetória da instituição?”. Essa atividade visou estimular uma aproximação afetiva e reflexiva com o espaço escolar.

Com o intuito de aprofundar a reflexão proposta, apresentei aos alunos trechos dos depoimentos coletados ao longo da pesquisa, com o objetivo de evidenciar a relevância das narrativas orais na construção do conhecimento histórico. Essa abordagem visou não apenas introduzir os estudantes à metodologia da história oral, mas também demonstrar sua importância enquanto recurso pedagógico capaz de tornar o processo de aprendizagem mais significativo e envolvente.

A ideia era mostrar que as narrativas não apenas conferem vida ao passado, mas também possibilitam uma conexão emocional com os eventos históricos e uma compreensão mais aprofundada das experiências humanas. Durante as atividades, foi discutido que as fontes orais permitem a emergência de múltiplas vozes e perspectivas, muitas vezes ausentes nos registros escritos tradicionais. Destacou-se, em especial, o papel dessas narrativas na valorização das histórias de grupos historicamente marginalizados, como comunidades indígenas, negras, mulheres e outros segmentos sociais que foram sistematicamente silenciados pela historiografia hegemônica. Ao incorporar tais histórias no projeto busquei contribuir para uma concepção mais ampla e inclusiva da História, de forma a fazer com que os estudantes percebessem as diferentes dinâmicas que marcam diferentes épocas e contextos.

Durante a primeira etapa do projeto, foi tratado na sala de aula à importância de ouvir e valorizar os relatos de indivíduos que, de certo modo, vivenciaram fatos que fazem parte da memória da instituição. Nessa perspectiva, procurei romper com a ideia de que o conhecimento histórico se resume à memorização de datas e eventos, apresentando-o como um campo que passa por experiências humanas, permitindo aos alunos estabelecerem conexões mais sensíveis e profundas com o passado.

Além disso, destaquei que as narrativas orais frequentemente desafiam as versões oficiais da História, estimulando o questionamento, a análise comparativa e a valorização de diferentes fontes de informação. Esse processo contribui para a formação de uma consciência

histórica crítica, comprometida com a diversidade de experiências e a problematização das narrativas presentes na produção do saber histórico.

Ao discutirmos as entrevistas apresentadas em sala de aula, foi possível observar o interesse dos alunos diante do que foi apresentado, especialmente ao perceberem que essas experiências relatadas não se distanciavam de suas próprias vivências. Muitos estudantes destacaram, inclusive, a semelhança entre os relatos escutados e as realidades que enfrentam atualmente.

No segundo momento destinado à continuidade do projeto, foi realizada uma pesquisa na *internet* com o objetivo de localizar registros digitais que contribuíssem para a reconstrução da trajetória institucional da Escola Estadual General Euclides Figueiredo. A investigação revelou a existência de dois *blogs*: o primeiro, intitulado “Escola Euclides”, criado em 2008, apresentava conteúdos diversos relacionados à história da escola, aos docentes, à infraestrutura e à vivência discente; o segundo, denominado “Blog do Euclydão”, criado em 2010, agregava informações sobre projetos pedagógicos, notícias educacionais em âmbito municipal, estadual e nacional, além de textos literários e dicas de saúde elaboradas por estudantes. Embora ambos os *blogs* se encontrem atualmente inativos, eles constituem fontes relevantes para a compreensão das práticas e representações da comunidade escolar em determinado período.

A continuidade da pesquisa levou à identificação de reportagens veiculadas por portais de notícias locais, que documentam eventos escolares ao longo dos anos, bem como vídeos publicados no *YouTube* com registros audiovisuais de atividades institucionais. Além disso, foi localizada uma página no *Facebook* criada em 2012 por uma professora de Educação Física, destinada a divulgar ações esportivas da escola. As informações levantadas evidenciaram a centralidade da escola nas práticas culturais e esportivas do município, especialmente por sua destacada participação em competições esportivas municipais e intermunicipais, o que reforça sua visibilidade e seu papel simbólico no cenário educacional de Parauapebas.

Como desdobramento da pesquisa realizada na *internet*, propôs-se à turma a elaboração de uma linha do tempo que reunisse eventos significativos da trajetória da escola, com base nas informações que os estudantes fossem capazes de levantar de forma autônoma. Alguns grupos fizeram a atividade, apresentando o resultado à turma por meio de *slides*. Tal exercício visou não apenas à organização cronológica de marcos institucionais, mas também ao estímulo à apropriação da história escolar pelos próprios discentes, promovendo o protagonismo estudantil no processo de construção do conhecimento histórico que estava sendo desenvolvido no projeto.

Na sequência, os alunos foram divididos em grupos e convidados a desenvolver uma série de atividades voltadas ao aprofundamento da história da escola. As tarefas envolveram: a realização de entrevistas que poderiam ser feitas tanto com alunos, ex-alunos, professores, funcionários entre outros, a fim de recolher memórias e experiências vividas; a análise de documentos históricos, como registros fotográficos e projetos pedagógicos antigos; e a exploração do espaço escolar, com o intuito de observar e refletir sobre as transformações na infraestrutura ao longo do tempo.

O objetivo da proposta pedagógica, articulando a construção da linha do tempo com o trabalho investigativo em grupos, consistiu em proporcionar aos alunos uma abordagem metodológica diferente, que permitisse à turma compreender as mudanças ocorridas na instituição e desenvolver competências importantes no campo da pesquisa histórica, como a análise crítica de fontes, a escuta sensível e o trabalho colaborativo.

Diante disso, tratamos das principais etapas da metodologia da História Oral, como o planejamento da entrevista e de como preparar um roteiro de perguntas, explicando que nesse caso deveria conter perguntas abertas para incentivar o entrevistado a compartilhar detalhes e sentimentos. Enfatizei a importância da coleta de dados e o quanto é importante a escuta ativa durante a entrevista e a criação de um ambiente confortável para o entrevistado. E por fim, falei da documentação e análise das entrevistas e como transcrever e analisar os dados coletados, de modo que possamos compreender o contexto e os significados das histórias pessoais.

Após a exposição dos principais aspectos teóricos acerca da história oral, a atividade avançou para a etapa prática. Os alunos, já previamente organizados em grupos, iniciaram a elaboração de um roteiro de perguntas, com base nos critérios discutidos em sala. Em seguida, realizaram entrevistas simuladas entre os próprios colegas, como forma de exercitar a escuta ativa, a formulação de questões e o cuidado ético na condução das narrativas. Essa etapa de simulação teve como finalidade preparar os estudantes para o contato com os entrevistados externos, proporcionando maior segurança metodológica e sensibilidade diante da memória do outro.

Durante essa etapa do trabalho, a turma enfrentou diversas dificuldades. Muitos grupos optaram por realizar as entrevistas com sujeitos da própria escola, como professores e funcionários, mas encontraram resistência: algumas pessoas recusaram-se a participar, alegando falta de tempo ou dificuldades em recordar os acontecimentos solicitados. Essas recusas geraram frustração para alguns dos alunos, que acabaram por expressaram desânimo, ao perceberem que o trabalho com história oral exigia persistência, e, sobretudo, uma postura de reconhecimento mútuo que nem sempre era correspondida. Muitos relataram que não se

sentiam levados a sério pelos possíveis entrevistados, o que reforçou a percepção de que esse tipo de pesquisa demanda preparo emocional, além do domínio técnico. Diante desses obstáculos, alguns estudantes redirecionaram suas estratégias, optando por entrevistar familiares que haviam estudado ou trabalhado na escola em períodos anteriores. Essa alternativa possibilitou maior êxito na coleta de narrativas.

Concluída a etapa de coleta, os grupos passaram à análise das narrativas obtidas, exercitando habilidades de interpretação. Essa etapa foi fundamental para que os alunos compreendessem a complexidade envolvida na construção de sentidos do passado, reconhecendo as memórias individuais como fontes que revelam subjetividades e interpretações diversas sobre um mesmo contexto.

Os grupos optaram por apresentar os resultados de suas investigações por meio de apresentações em *slides*, organizadas e expostas em sala de aula.⁹¹ Essa etapa possibilitou a construção de uma visão mais ampla sobre a trajetória da escola e sua relação histórica com a comunidade local. As apresentações revelaram aspectos significativos da memória institucional, das transformações na infraestrutura e das experiências vivenciadas por diferentes sujeitos escolares ao longo do tempo.

A partir desse material, iniciou-se uma discussão voltada ao jogo didático. O objetivo da proposta do projeto era fazer uma preparação da turma para que ela colaborasse com a construção do que seria o produto da dissertação. Discutimos que a ideia do jogo deveria ser articular conhecimento histórico e ludicidade, de modo a criar uma ferramenta pedagógica que incentivasse a participação ativa dos estudantes no processo de aprendizagem.

Na sequência, após a sistematização das informações obtidas por meio das entrevistas e análises documentais, os alunos passaram a refletir sobre a definição da mecânica do jogo. Nessa fase, realizaram um estudo de jogos de tabuleiro que abordam temáticas históricas, como o exemplo de “Viagem pela História”⁹², com o intuito de compreender como regras, desafios, narrativas e componentes interativos são estruturados nesses materiais. Essa análise

⁹¹ Infelizmente, nessa etapa, apenas alguns grupos conseguiram realizar a atividade proposta, o que evidencia uma das principais dificuldades enfrentadas pelos professores em sala de aula: o baixo engajamento de grande parte dos estudantes diante de metodologias que rompem com o formato tradicional de ensino. Embora as propostas baseadas em abordagens investigativas e participativas nos pareça mais significativas para a aprendizagem, ainda encontram resistência por parte dos discentes, que muitas vezes demonstram dificuldades em se comprometer com práticas que exigem protagonismo, autonomia e trabalho coletivo.

⁹² “Viagem pela História” é um jogo de tabuleiro produzido pela empresa Grow, composto por perguntas e respostas sobre a História do Brasil, desde o período colonial até os dias atuais. A dinâmica do jogo envolve, além do conhecimento histórico, atividades de interação como mímicas, desenhos e dicas entre os participantes. O objetivo é avançar pela linha do tempo presente no tabuleiro, tornando-se o vencedor aquele que chegar mais longe, o que confere ao jogo um caráter lúdico, cooperativo e educativo.

comparativa visou subsidiar a criação de um jogo que fosse coerente com o contexto local da escola e do município ao mesmo tempo, atrativo, educativo e formativo.

No processo de desenvolvimento desse trabalho alguns desafios metodológicos e conceituais se impuseram. A proposta inicial previa a criação de um jogo de tabuleiro com foco exclusivo na história da Escola Estadual General Euclides Figueiredo. A ideia era que os jogadores percorressem uma jornada histórica, vivenciando e aprendendo sobre os principais eventos e personagens que marcaram a trajetória da instituição. Essa proposta foi apresentada, de forma preliminar, na etapa de qualificação do mestrado, com o objetivo de promover a valorização da memória escolar por meio de uma prática lúdica e pedagógica.

No entanto, ao aprofundarmos as discussões com os alunos, tanto eu quanto a turma nos deparamos com diversas dificuldades relativas à estruturação das regras, à definição dos objetivos pedagógicos e à própria materialização concreta do jogo. Questões como o formato do tabuleiro, a quantidade e o tipo de cartas, a coerência dos desafios propostos e a progressão das etapas do jogo foram amplamente debatidas, exigindo reformulações sucessivas.

Outra dificuldade enfrentada durante o desenvolvimento do jogo foi a obtenção de informações mais precisas sobre datas e eventos específicos relacionados à história da escola. A escassez de registros sistematizados e a ausência de documentação institucional organizada dificultaram a elaboração de um roteiro histórico cronológico mais robusto, o que exigiu uma reavaliação metodológica.

Diante desses entraves, senti a necessidade de buscar orientações mais especializadas sobre a criação de jogos educativos. Iniciei, então, uma busca por profissionais que atuassem na área de *design* de jogos pedagógicos, utilizando a *internet* como principal recurso. Após alguns contatos com empresas e iniciativas ligadas à produção de jogos educacionais, fui indicada a Fernando Tsukumo⁹³, profissional com experiência na criação de jogos de tabuleiro com enfoque educativo.

Desde o primeiro contato realizado por *e-mail*, Fernando Tsukumo mostrou-se extremamente solícito, passando a oferecer orientações valiosas sobre o processo de concepção e desenvolvimento do jogo. Com base na proposta construída coletivamente com os alunos, sua

⁹³ Fernando Tsukumo é sócio-fundador da empresa *Sua Vez – porque jogos mudam vidas* e atua como Facilitador SDI (Strength Deployment Inventory) para a construção de relacionamentos produtivos e a administração de conflitos, licenciado pela Personal Strengths USA/Brasil. É consultor do curso de Game Design da Faculdade Belas Artes e docente do módulo de criação de jogos de tabuleiro na pós-graduação em Educação Lúdica do Instituto Vera Cruz. Também leciona o módulo de Games na Miami Ad School, a disciplina de Jogos para Inovação na Fundação Getúlio Vargas (FGV), Gamificação para Recursos Humanos na Fundação Instituto de Administração (FIA), além de integrar o corpo docente do curso de Gamificação da plataforma Descola (descola.org/curso/gamification). Atua ainda como consultor e formador em projetos das ONGs Instituto Ciência Hoje e Ação Educativa, e como desenvolvedor de conteúdo para as editoras Saraiva, SM e Senac.

orientação técnica permitiu sistematizar a ideia inicial, ajudando a definir aspectos estruturais, como mecânica, objetivo, dinâmica e forma de avaliação do jogo. A partir desse acompanhamento, demos continuidade ao processo de criação, articulando os conhecimentos produzidos pela turma com os parâmetros de design sugeridos pelo consultor.

O primeiro contato com Fernando Tsukumo ocorreu em setembro de 2024. Na ocasião, ele apresentou a forma como desenvolve seus projetos, com a empresa “Sua Vez”. A partir desse contato inicial, estabelecemos um diálogo contínuo para a elaboração de uma proposta voltada à construção do jogo didático a ser desenvolvido no âmbito desta pesquisa.

O objetivo central da proposta concentrou-se na elaboração de um recurso pedagógico que contribuísse para ampliar o interesse dos estudantes não apenas pela história da escola, mas também pela trajetória do município de Parauapebas. A intenção era aliar ludicidade e conhecimento histórico em uma experiência capaz de aproximar os alunos de sua própria realidade social, promovendo a valorização da memória local e o fortalecimento do sentimento de pertencimento.

Fernando Tsukumo apresentou, como referência metodológica, o jogo *Timeline* (em português, Linha do Tempo), cuja proposta central consiste na construção de uma linha do tempo com base na ordenação cronológica de eventos históricos. Trata-se de um jogo essencialmente voltado ao Ensino de História, composto por um conjunto de cartas ilustradas e um manual com instruções de uso. Cada carta apresenta um fato ou invenção acompanhado de uma data específica no verso, que deve ser corretamente posicionada em relação aos demais eventos dispostos na mesa. O jogo pode ser utilizado de forma individual ou em grupos, sendo recomendado para até oito participantes.

No entanto, conforme a orientação de Fernando, o ideal é que o número de jogadores varie entre quatro e cinco, uma vez que um número excessivo de participantes pode tornar a linha do tempo extensa, comprometendo o dinamismo e o interesse pela atividade. Nesse sentido, o *Timeline* demonstra-se uma ferramenta lúdica eficaz para o desenvolvimento da noção de temporalidade histórica, ao estimular os jogadores a refletirem sobre a sequência dos acontecimentos, estabelecendo relações entre fatos e períodos distintos.

A partir do contato com esse universo lúdico e das orientações oferecidas por Fernando Tsukumo, iniciamos o processo de adaptação do jogo ao objeto de interesse desta pesquisa: a história do município de Parauapebas e da Escola Estadual General Euclides Figueiredo. A proposta emergiu do desejo de despertar, entre os estudantes, o interesse por uma narrativa histórica que dialogasse com sua realidade concreta, fortalecendo os vínculos entre conhecimento histórico, identidade local e memória escolar. Ao articular a história da cidade

com a trajetória da instituição escolar, buscou-se construir um recurso didático capaz de tornar o Ensino de História mais significativo, afetivo e situado.

Fernando Tsukumo sugeriu, como etapa inicial do processo de adaptação do jogo, a seleção de aproximadamente cinquenta eventos significativos vinculados à história do município de Parauapebas e da Escola Estadual General Euclides Figueiredo, devidamente acompanhados de suas respectivas datas. Esses acontecimentos iriam compor o corpus inicial para a elaboração das cartas do jogo, constituindo uma linha do tempo própria, articulada à memória da comunidade escolar e ao território em que está inserida.

Desde o início, o objetivo foi integrar o conhecimento histórico local à dinâmica lúdica do jogo, de modo a favorecer uma experiência educativa. A proposta buscava mobilizar o engajamento dos estudantes não apenas pelo conteúdo, mas também pelo reconhecimento simbólico de sua própria história e identidade, promovendo o pertencimento por meio da construção coletiva do saber histórico.

Atendendo à orientação de Fernando Tsukumo, estabeleceu-se como meta a seleção de cinquenta eventos historicamente significativos, dos quais vinte e cinco relacionados à trajetória da Escola Estadual General Euclides Figueiredo e os outros vinte e cinco à história do município de Parauapebas. Com base nessa diretriz, os alunos iniciaram a fase de levantamento de dados, utilizando, majoritariamente, fontes disponíveis na *internet*. Tal etapa revelou-se mais desafiadora do que o inicialmente previsto, exigindo não apenas a verificação da veracidade das informações coletadas, mas também a análise de sua relevância no contexto pedagógico e de seu potencial lúdico, considerando os objetivos formativos do jogo didático em construção.

Ao longo de vários meses, por meio de um acompanhamento contínuo da turma e do cumprimento rigoroso de prazos e tarefas previamente estabelecidos, foi possível preencher integralmente a tabela-modelo fornecida por Fernando Tsukumo. O referido instrumento apresentava colunas específicas destinadas à indicação do evento, do respectivo ano, de uma breve descrição e da justificativa de sua relevância. Durante esse processo, Fernando realizou intervenções pontuais e precisas, cujas observações contribuíram significativamente para o aprimoramento das escolhas realizadas pelos estudantes, além de favorecerem o amadurecimento crítico da turma no que se refere à seleção e análise dos conteúdos que integrariam o jogo didático em construção.

Concluídas a revisão coletiva e a validação final da lista de eventos selecionados, retomou-se o contato com Fernando Tsukumo, que então deu início ao processo de materialização do jogo, com base nos dados sistematizados pela turma. Essa etapa representou a transição efetiva do que foi planejado para a concretização do produto pedagógico,

configurando-se como um momento-chave de articulação entre a história local, a memória escolar e as práticas lúdicas.

Outro aspecto relevante ao longo do desenvolvimento do projeto foi a definição do nome do jogo. Após sucessivos diálogos com a turma sugeri o título “*Desvendando Parauapebas*”. Achei a escolha coerente com o tema central da pesquisa, uma vez que o nome atribuído ao jogo expressa o caráter investigativo da proposta, voltada à exploração da história local por meio de uma abordagem lúdica, interativa e educativa. Os componentes do jogo foram definidos a partir do recorte temático previamente elaborado pela turma, resultando em um total de 50 cartas, sendo 33 relacionadas a eventos históricos da cidade de Parauapebas e 17 vinculadas à trajetória da Escola Estadual General Euclides Figueiredo. Cada carta apresenta um acontecimento específico e sua respectiva data, compondo o material de base para a construção de uma linha do tempo.

O objetivo do jogo é fazer com que um dos participantes consiga ser o primeiro a posicionar corretamente todas as suas cartas na linha do tempo, organizando os eventos em ordem cronológica, tanto aqueles relacionados à história da cidade de Parauapebas quanto os referentes à trajetória da Escola Estadual General Euclides Figueiredo. A proposta estimula, assim, a articulação entre o conhecimento histórico e a memória local, mobilizando habilidades de ordenação temporal em um contexto lúdico.

Nesse sentido a dinâmica do jogo comporta de 1 a 5 participantes. Para iniciar a partida, todas as cartas devem ser embaralhadas e distribuídas igualmente entre os jogadores por exemplo, cinco cartas para cada um. As cartas devem ser entregues com a data voltada para baixo, de modo que apenas o conteúdo textual fique visível. A data só poderá ser consultada após a tentativa de inserção da carta na linha do tempo.

Em seguida, uma carta é posicionada no centro da mesa, com a data voltada para cima, estabelecendo o ponto de partida da linha do tempo. A ordem dos turnos pode ser definida aleatoriamente entre os participantes.

Durante sua vez, cada jogador deverá escolher uma de suas cartas e tentar posicioná-la na linha do tempo no ponto que considerar cronologicamente correto. Após colocá-la, deverá virar a carta para revelar a data. Se a posição estiver correta, a carta permanece na linha do tempo. Caso contrário, deve ser retirada, colocada de volta à frente do jogador, e este deverá comprar uma nova carta do monte. A sequência de jogadas segue no sentido horário, com o próximo jogador à esquerda realizando sua tentativa.

Nesse sentido, vence a partida o primeiro jogador que conseguir posicionar corretamente todas as suas cartas na linha do tempo. Como alternativa, é possível adotar um

sistema de pontuação opcional, no qual cada carta corretamente posicionada vale um ponto. Nessa modalidade, ao final de um número predeterminado de rodadas, vence aquele que acumular o maior número de pontos.

O jogo permite, ainda, a incorporação de regras adicionais e modos alternativos, que ampliam sua complexidade e potencial pedagógico: no caso, no modo cooperativo todos os jogadores atuam em conjunto, com o objetivo de completar a linha do tempo com todas as cartas disponíveis antes que se esgote o monte de compra. E no modo difícil as cartas não podem ser consultadas após a distribuição. Em caso de erro na colocação, a carta é descartada definitivamente, tornando o desafio mais exigente em termos de memória e precisão.

A aplicação do jogo ocorreu com a participação de parte dos estudantes diretamente envolvidos no projeto. A atividade foi precedida por uma introdução contextual, na qual se retomaram as etapas anteriores do processo de construção do jogo desde a pesquisa histórica até a elaboração das cartas.

A atividade foi realizada inicialmente em grupos de quatro a cinco estudantes, conforme orientação do consultor técnico. Desde o início, os alunos demonstraram entusiasmo e curiosidade diante do desafio de ordenar eventos históricos em uma linha do tempo. A dinâmica proposta exigia não apenas memorização de datas, mas também a habilidade de estabelecer relações entre os eventos e seus respectivos contextos históricos, mobilizando competências como o raciocínio cronológico, a análise crítica e a interpretação de temporalidades.

Durante as partidas, observou-se uma intensa interação entre os estudantes, que discutiam entre si as datas e os significados dos eventos, estimulando o diálogo, a argumentação e o trabalho colaborativo. Momentos de dúvida e debate sobre a ordem dos acontecimentos levaram os alunos à consulta de fontes e ao resgate de informações previamente discutidas em sala de aula.

A avaliação do impacto pedagógico da atividade foi conduzida por meio de observações e de relatos dos próprios estudantes. Os resultados mostraram que o jogo contribuiu de forma significativa para a consolidação de conteúdos históricos, ao mesmo tempo em que favoreceu o envolvimento afetivo dos discentes e o fortalecimento do sentimento de pertencimento à escola e à cidade.

Do ponto de vista pedagógico, o jogo revelou-se eficaz na articulação entre os conteúdos curriculares e a realidade sociocultural dos estudantes, promovendo uma aprendizagem ativa, contextualizada e significativa. A experiência também mostrou o potencial dos jogos didáticos como instrumentos de avaliação formativa, ao possibilitar ao professor acompanhar o processo de aprendizagem de forma contínua, integrada e participativa.

Com base nos *feedbacks* coletados, foram sugeridas melhorias para futuras versões do jogo, tais como a inclusão de novas cartas com eventos mais recentes, a ampliação do número de participantes por rodada e o desenvolvimento de versões digitais adaptadas para plataformas online, ampliando seu alcance e aplicabilidade.

Em síntese, o projeto consolidou-se como uma prática inovadora no Ensino de História, ao integrar pesquisa histórica, ludicidade e protagonismo estudantil. Ao valorizar a história e promover a participação ativa dos estudantes, o jogo “*Desvendando Parauapebas*” reafirma a relevância das metodologias ativas para o Ensino de História e aponta caminhos para uma educação mais crítica e próxima do estudante.

CONCLUSÃO

A presente dissertação teve como objetivo investigar as relações entre Memória, Cultura Escolar e Ensino de História a partir da trajetória da Escola Estadual General Euclydes Figueiredo, localizada no município de Parauapebas, sudeste do Pará. Ao utilizar entrevistas, análise documental e experiências pedagógicas como a construção e aplicação do jogo didático “*Desvendando Parauapebas*” buscou-se compreender de que maneira a instituição escolar constitui-se como espaço de produção de memórias, de identidades e de sentidos históricos compartilhados.

O percurso metodológico fundamentado nos referenciais da História Oral permitiu uma aproximação sensível às vozes e experiências dos sujeitos escolares, diretores, professores, alunos e ex-alunos, possibilitando captar não apenas os registros oficiais da escola, mas também suas vivências cotidianas, seus afetos, conflitos e silenciamentos. As memórias compartilhadas ao longo das entrevistas revelaram a importância da escola enquanto lugar de pertencimento, aprendizado e sociabilidade, destacando o papel da instituição na formação de gerações e na construção de identidades locais.

A pesquisa evidenciou que a Cultura Escolar da Escola Euclydes Figueiredo se constrói em meio a permanências e transformações, nas quais práticas tradicionais como comemorações e feiras escolares coexistem com novas abordagens pedagógicas e ações voltadas à valorização da diversidade e da memória local. Nesse sentido, a escola se mostra como um espaço dinâmico, que reconfigura seus sentidos e práticas em diálogo com as mudanças sociais, urbanas e educacionais do município.

A experiência com o jogo didático mostrou-se significativa enquanto estratégia de Ensino de História, uma vez que mobilizou nos estudantes o interesse pelas vivências históricas da comunidade e favoreceu processos de aprendizagem pautados no raciocínio cronológico, na análise crítica e na cooperação. Além disso, a ludicidade permitiu ressignificar o ensino da disciplina, aproximando-o das vivências dos alunos e potencializando o desenvolvimento de vínculos com o território em que vivem.

Conclui-se, portanto, que o estudo da Memória e da Cultura Escolar, aliado a metodologias participativas e lúdicas, contribui para um Ensino de História mais crítico, dialógico e situado. A valorização das narrativas escolares e das experiências dos sujeitos fortalece o sentimento de pertencimento e possibilita que a escola assuma plenamente sua função formadora, cultural e cidadã. Espera-se que este trabalho possa servir de referência para

outras iniciativas que busquem articular pesquisa histórica, práticas pedagógicas e construção de sentidos coletivos no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

FONTES

BARATA, Irenilde Soares. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas (PA), 2024.

FULANETI, Telma Machado. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas (PA), 2024.

FEITOSA, Aloísio de Souza. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas (PA), 2024.

MARQUES, Arão. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas (PA), 2024.

NASCIMENTO, Marlene Dias do. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas (PA), 2024.

VITAL, Giovanna Caroline Araújo. Entrevista concedida a Aline Lucimar dos Santos Alves. Parauapebas (PA), 2024.

VITAL, Vitória. Entrevista concedida à Secretaria de Estado de Educação do Pará. *Em Parauapebas, escolas estaduais debatem racismo e machismo*. SEDUC – Secretaria de Estado de Educação. Disponível em: <https://www.seduc.pa.gov.br/noticia/parauapebas-escolas-estaduais-debatem-racismo-e-machismo>. Acesso em: 22 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 24 jun. 2025.

BRASIL. Presidência da República. *Biografia de Jair Bolsonaro*. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/expresidentes/bolsonaro/biografia/biografia/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

ESCOLA. Michaelis On-line. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/escola/>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ESCOLA ESTADUAL GENERAL EUCLYDES FIGUEIREDO (Parauapebas, PA). Diários de classe dos professores. Documentos internos. Parauapebas: s.n., 1988–2014.

PEBINHA DE AÇÚCAR. *Conheça Parauapebas, a capital nacional do minério*. Disponível em: <https://pebinhadeacucar.com.br/conheca-parauapebas-a-capital-nacional-do-minerio/>. Acesso em: 9 jul. 2024.

BIBLIOGRAFIA

BARROSO, João. Organização escolar e cultura organizacional. In: BARROSO, João (org.). *O estudo da organização escolar*. Lisboa: Educa, 1996.

BOURDIN, Alain. *A questão local*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

BLOCH, Marc. Introdução; A história, os homens e o tempo. In: _____. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2023.

CANDAU, Joel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2021.

CARTOGRA, Fernando. *Memória, história e historiografia*. Rio de Janeiro: FGV, 2015.

CONGILIO, Célia Regina; IKEDA, Joyce Cardoso Olímpio. A ditadura militar, expansão do capital e as lutas sociais no sudeste paraense. *Revista Territórios e Fronteiras*, v. 18, n. 32, 2014.

COSTA, Antonio Maurício. *Lazer e sociabilidade: usos e sentidos*. Belém: Açaí, 2009.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

FERREIRA, Marieta de Moraes; FRANCO, Renato. *Aprendendo História: reflexão e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEMAQUE, Charles Benedito; PEREIRA, Tania Cristina Brunele. A urbanização no entorno dos grandes projetos da Amazônia: as áreas de risco em Parauapebas (PA). In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE – ANPPAS, 4., 2008, Brasília. *Anais*. Brasília: ANPPAS, 2008.

GIL, Carmem. Memória. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (orgs.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GRUZINSKI, Serge. *Até que ponto a história nos torna mais humanos? Ler História*, Lisboa, n. 70, p. 185–197, 2017. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2768>. Acesso em: 21 jun. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Centauro, 2004.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

JOUTARD, Philippe. Reconciliar história e memória? *Escritos – Revista da Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 1, 2007.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*, n. 1, 2001.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2011.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LUCHESI, Terciane Ângela; FERNANDES, Cassiane Curtarelli; BELUSSO, Gisele (orgs.). *Instituições, histórias e culturas escolares*. Caxias do Sul: Educs, 2018.

MARTINS, Ismênia de Lima. Memória, história e ensino: uma equação em movimento. In: MONTEIRO, Ana Maria (org.). *Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PETIT, Pere. *Chão de promessas: elites políticas e transformações econômicas no Estado do Pará pós-1964*. Belém: Editora Açaí, 2003.

PEREIRA, Nilton Mullet; GIACOMONI, Marcello Paniz. Flertando com o caos: os jogos no Ensino de História. In: GIACOMONI, Marcello Paniz; PEREIRA, Nilton Mullet (org.). *Jogos e ensino de História*. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

PORTELLI, Alessandro. A história oral como arte da conversação. *Revista História*, São Paulo, n. 7, 1997.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

REIS, Miguel. *A história de Parauapebas: força e trabalho no Carajás*. Parauapebas: [s.n.], 2016.

SILVA, Cristiani Bereta da. Conhecimento histórico escolar. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (orgs.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.